

GOVERNO QUER FECHAR CURSOS COM POCOS ALUNOS ANTES DO FINAL DA LEGISLATURA

Licenciaturas em risco são sobretudo das áreas de engenharia e humanidades

O ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, justificou a medida com a necessidade de "garantir a qualidade e a boa imagem do ensino superior no espaço europeu". O presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (uma das mais afectadas pela decisão da tutela), José Amado Mendes, refere, contudo, que é importante que não se extingam áreas vitais para a formação cultural e intelectual, embora admita que esta redução de cursos possa trazer um ensino de

maior qualidade. Por seu lado, o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão, sugere que alguns cursos sejam reunidos num tronco comum, de forma a que o aluno possa depois escolher uma especialização. Seja como for,

a extinção das licenciaturas, uma ideia avançada já durante a tutela de Maria da Graça Carvalho, não está prevista para o próximo ano lectivo e só deverá ter lugar em 2006/2007.

PÁG. 7



BANCOS EMPRESTAM A ESTUDANTES

Linhos de crédito destinadas a alunos do ensino superior são agora uma das apostas de várias instituições bancárias. Depois do aumento da propina verificado em muitas instituições, aumentou o abandono por motivos económicos. Estes sistemas baseiam-se no lema "Estu-

de agora, pague depois", previsto na lei mas nunca implementado pelo Governo. As taxas de juro variam muitas vezes em função das nossas e a dívida começa a ser paga apenas algum tempo depois da conclusão da licenciatura. PÁG. 6

Nos dias 2, 3, e 4 de Junho a cidade acolhe alguns dos grandes nomes do jazz internacional

A partir de quinta-feira Coimbra volta a ser o centro do jazz internacional, com o início da primeira parte dos terceiros Encontros Internacionais de Jazz. Pela mão do Jazz ao Centro Clube (JACC) regressam ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente artistas de várias nacionalidades, divididos por cinco concertos, dois no primeiro dia, um no segundo e dois no terceiro. Mas nem só de concertos vivem os Encontros. Os Peinture Fraiche, um grupo de

animação de rua, "jam sessions" que terão lugar após os concertos e um workshop dirigido por um dos mais conhecidos nomes no jazz contemporâneo são actividades que podemos encontrar nestes Encontros, que ultrapassam qualquer barreira da língua. O lançamento de uma revista de jazz, a "JAZZ.PT", é também um dos pontos altos desta iniciativa, já que vai ser a única revista de edição nacional deste tipo de música. PÁG. 17

Reportagem

Uma escola sem aulas nem exames

Em vésperas do Dia Mundial da Criança, A CABRA dá a conhecer um sistema de ensino centrado nas crianças. Sem aulas, nem turmas, as crianças da Escola da Ponte vão aprendendo por si, em liberdade, autonomia, responsabilidade e solidariedade. Atingem resultados superiores à media nacional.

PÁGS. 12 E 13

Propinas

Invasão do senado "não é primeira opção"

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra afirma que a forma de tentar impedir a afixação do valor da propina vai depender do sítio para onde for marcada a reunião. Próximo senado é dia 8, mas ainda não é conhecida ordem de trabalhos.

PÁGS. 2 E 3

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	14
Opinião	4	Desporto	15
Ensino Superior	6	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	10	Estórias	22
Internacional	11	Vinte&três	23
Tema	12		

Invadir o senado “não é primeira opção”

Direcção-geral afirma que forma de contestação vai depender do local da reunião

Senado para fixar o valor da propina para o próximo ano lectivo deverá reunir em breve. Estudantes decidem só na véspera medidas a tomar

Margarida Matos
João Pereira

A invasão ou o encerramento do local onde vai decorrer o senado para definir a propina do próximo ano “não são a primeira opção”, mas também não estão postos de parte. A explicação foi dada pelo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves, que adiantou ainda que os moldes da acção para impedir a fixação da propina “estão dependentes do sítio onde se realizar o senado”.

O Senado Universitário vai reunir no dia 8, embora não seja ainda conhecida a ordem de trabalhos. A sessão, normalmente realizada na primeira quarta-feira de cada mês, deveria ter lugar amanhã, mas foi adiada sem motivo aparente. Ainda não é conhecido o local onde a reunião vai decorrer, mas Fernando Gonçalves diz duvidar que esta se realize no Pólo II, à semelhança do que aconteceu em Outubro. Na véspera do senado para o qual estiver agendado o ponto relativo às propinas, os estudantes vão reunir em plenário para decidir o que fazer, de acordo com uma estratégia delineada na última Assembleia Magna.

Entretanto, o processo de fixação de propinas está também em curso nas outras instituições de ensino. Na Universidade de Aveiro o senado já



Interrupções das reuniões do Senado Universitário conseguiram durante algum tempo impedir que o órgão votasse valor da propina

estabeleceu em 900 euros o valor da participação dos alunos. A presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, Rosa Nogueira, mostrou-se resignada com a situação: “A propina foi fixada e já não há volta a dar”, desabafou. Agora, resta “tentar minimizar os estragos”. Isto porque, de acordo com um estudo estatístico encomendado por esta associação, um terço dos estudantes inquiridos vai abandonar o ensino superior devido ao valor da propina. Contudo, os mesmos dados

indicam que a maioria dos alunos de Aveiro são a favor da propina. Rosa Nogueira explicou que os estudantes vão exigir melhores condições de infra-estruturas e de ensino e que a luta contra o sistema de propinas “não vai parar, mas será realizada só no conjunto do movimento nacional”. Fernando Gonçalves também frisou haver estudantes “que vão ter que sair do ensino superior”, mas afirmou que ainda não há estratégias definidas para impedir a propina máxima na Universidade de Coimbra.

Desde que o Governo passou para as instituições de ensino a responsabilidade de definir a propina, que os estudantes de Coimbra tentaram impedir que o Senado Universitário estabelecesse um valor. O objectivo era que, na ausência de um número definido pela universidade, a propina assumisse, por defeito, o valor mínimo legal. No entanto, apesar dos protestos, a propina haveria de ser fixada a 20 de Outubro em 880 euros. Um dos objectivos da Associação Académica de Coimbra passa

precisamente por “alterar o princípio de serem as instituições a definir a propina” estabelecido ainda durante a tutela de Pedro Lyne, frisou Fernando Gonçalves. Contudo, o actual ministro do Ensino Superior, Mariano Gago, tem permanecido inabalável na decisão de continuarem a ser as universidades e políticos a decidir, mesmo depois de o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas ter defendido que deveria ser o Executivo a assumir esse papel.

Protestos não impediram fixação da propina

A invasão de um Senado Universitário, no princípio do ano lectivo de 2003/2004, deu início a uma nova forma de luta contra o sistema de propinas

Em silêncio, de adesivo na boca, algumas dezenas de estudantes invadiram no dia 7 de Outubro de 2003 a sala onde decorria o Senado Universitário. A reunião tinha sido convocada com o objectivo de fixar o valor da propina para o ano lectivo seguinte. Face à medida de protesto dos estudantes, o reitor Seabra Santos resolveu pôr fim à reunião, devido à presença de alunos não senadores e adiar a votação para uma reunião ordinária em Novembro seguinte. A forma de protesto haveria de dar início a uma nova, e polémica, fase de contestação contra o sistema de propinas.

O sucesso da primeira invasão levou a que os estudantes propusessem, a 3 de Novembro desse

ano, durante uma Assembleia Magna no TAGV, a invasão do senado agendado para o dia seguinte. A estratégia implicava que, enquanto alguns estudantes fossem a Lisboa manifestar-se, outros estivessem nas instalações da reitoria a postos para interromper a reunião e impedir a votação do ponto relativo ao valor da propina.

Os estudantes, no entanto, viraram gorados os seus objectivos. Enquanto o então senador Miguel Duarte saiu da sala para falar com os colegas, foi invertida a ordem dos trabalhos e os restantes senadores (docentes e funcionários) votaram o ponto da propina: ficou definido o valor mínimo para esse ano lectivo e o valor máximo permitido por lei para o seguinte, sendo que este último ainda viria a ser novamente levado a votação em senado no final desse ano.

A notícia de que o valor das propinas já tinha sido determinado causou de imediato uma grande agitação entre os cerca de quarenta estudantes que estavam na reitoria. Quando Seabra Santos dava declarações à imprensa, os estudantes surgiram e, frente às câmaras e mi-

crofones, chamavam ao reitor “traidor” e “fascista”. O senado de 5 de Novembro ficou envolto em polémica. Por um lado, devido a “informações não oficiais” a reunião tinha começado com um atraso significativo, durante o qual os senadores docentes necessários para garantir o quórum da reunião chegavam aos poucos. Por outro, os estudantes acusavam o reitor de “engenharia processual”, devido à alteração da ordem de trabalhos que permitiu que as propinas (que se previa serem abordadas apenas no final) fossem votadas quando os estudantes não estavam presentes na sala. Seabra Santos garantiu então que os procedimentos tinham sido cumpridos e que se tinha realizado uma “contagem dinâmica”.

Controversa votação por correspondência

A questão das propinas voltaria a ter outro ponto de alta tensão há precisamente um ano. Para o dia 2 de Junho de 2004 estava marcada a reunião de senado que deveria fixar o valor da propina para o actual ano lectivo. Depois dos acon-

tecimentos de 5 de Novembro, era certa a intenção de Seabra Santos em estabelecer o máximo legal. A decisão de invadir o senado tinha sido tomada em Assembleia Magna de 25 de Maio. Seabra Santos avisou que tomaria medidas em caso de invasão e Miguel Duarte, já presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, tinha admitido nessa Magna que não se tratava da “melhor solução”, mas explicou “não ter outra resposta de momento”.

Foram cerca de 200 os estudantes que cumpriram a deliberação da Magna e procederam a uma invasão pacífica da sala onde decorria o senado. Perante a situação, Seabra Santos decidiu não haver condições para prosseguir a reunião, mas salvaguardou que, ao abrigo dos dispositivos legais, ia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para tomar uma decisão.

O dispositivo acabou por ser a realização de uma votação por correspondência. O regulamento do senado impede que a votação seja feita por carta ou procuração, mas o reitor recorreu ao artigo 3º do Código de Processo Administrati-

vo, segundo o qual a votação por correspondência pode ser usada em “estado de necessidade”. Contudo, a direcção-geral interpôs uma providência cautelar, contestando a legalidade do método. A facultade de Direito, no Páteo das Escolas (onde também estão as instalações da reitoria) passou a exhibir uma faixa onde se lia “Reitoria fora da lei”, enquanto o reitor afirmava por seu lado que os estudantes tinham procedido a uma invasão “ilegítima e ilegal”.

O Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra acabou por dar razão aos estudantes e a votação foi temporariamente suspensa. Apesar da decisão do tribunal, o reitor ordenou que se procedesse ao escrutínio dos votos por envelope, e os resultados deram a maioria à propina máxima.

O tribunal acabaria por dar razão à queixa dos estudantes, decretando a ilegalidade da votação. No entanto, a vitória, como Miguel Duarte então assinalou, foi meramente moral. No conturbado 20 de Outubro, o senado tinha já, numa votação normal, aprovado as propinas de 880 euros.

Polícia permitiu propina máxima

Um estudante detido e outros três assistidos no hospital marcaram a intervenção policial que no dia 20 de Outubro impediu a invasão do Senado pelo alunos

Cerca de duas centenas de estudantes foram travados pelas forças policiais maioritariamente da polícia de choque, quando tentavam invadir a reunião do Senado Universitário, convocada a título extraordinário, para analisar a interrupção da abertura solene das aulas, no dia 13 de Outubro, bem como para fixar o montante da propina para este ano lectivo.

Como consequência resultou a detenção de um estudante, por alegadamente ter agredido a pontapé um agente da polícia. Pelo menos três outros foram ainda transportados ao hospital, na sequência dos confrontos com os agentes, que usou gás lacrimogéneo para dispersar os manifestantes.

No final, o então presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, pediu a demissão do reitor, Seabra Santos, por considerar este episódio "uma viragem naquilo que foi assumido pela reitoria, que disse que jamais se chamaria a polícia à universidade".

Tudo começou por volta das 15 horas, hora marcada para a reunião do Senado Universitário, que extraordinariamente teria lugar no Pólo II.

Preparando-se os estudantes para invadir o órgão, conforme a deliberação da Assembleia Magna do dia anterior, já alguns elementos da PSP, à paisana, tratavam de apoiar os funcionários da reitoria, que pediam a identificação dos estudantes senadores, para que só esses entrassem no edifício. "Não vou participar na reunião se tiver que me identificar", afirmava Miguel Duarte. Posteriormente alguns estudantes derrubavam as grades que delimitavam um perímetro de segurança, dirigindo-se para a entrada do edifício.

Perante esta situação chegou mais um reforço de polícia de choque, obrigando os estudantes a recuarem alguns metros. Assim, sete carrinhas



Protecção policial evitou que estudantes conseguissem impedir a fixação da propina máxima

com agentes policiais tentavam controlar os protestos, tendo sido nesse momento que os ânimos aqueceram e os confrontos começaram.

Apesar do tumulto, o senado realizou-se sem a presença dos estudantes que integram o órgão e ratificou a propina máxima para este ano lectivo. A reunião deliberou ainda alertar os órgãos competentes para a necessidade de se proceder à imediata publicação do regime disciplinar aplicável aos estudantes do ensino superior, assim como proceder, na próxima reunião ordinária deste órgão, à constituição da Comissão Permanente do Senado para efeitos do exercício do poder disciplinar.

No final da reunião do Senado Universitário, em conferência de imprensa, o reitor Seabra Santos, lamentou os confrontos entre a polícia e os estudantes, quando estes tentaram invadir o senado e desvalorizou a exigência do pedido de demissão do cargo.

Seabra Santos afirmou lamentar "se houve exageros de uma parte ou de outra". O reitor continuou: "Há alturas em que é preciso tomar decisões e foi com muita dor que tive que assumir que as minhas responsabilida-

des". E explicou: "Não concordo com esta lei de financiamento do ensino superior, mas em termos institucionais não tinha alternativa senão aplicar a propina máxima, quando a maioria das universidades públicas já o fez". Quanto ao pedido de demissão feito pelos estudantes logo nesse dia, o catedrático defendeu que "esta não é uma posição inovadora e que não terá outra consequência que não seja desprestigiar a academia de Coimbra".

Estudantes tentam demissão do reitor

Em resposta aos acontecimentos de 20 de Outubro, a Assembleia Magna, sete dias depois, reafirmou o pedido de demissão do reitor, Seabra Santos. Deste modo, foi posto a circular um abaixo-assinado em todas as faculdades a solicitar que o catedrático de Engenharia Civil abandone as suas funções à frente da reitoria. Esse abaixo-assinado que reuniu cerca de 2500 assinaturas e foi entregue na reitoria no passado dia 19 de Maio.

O antigo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) afirmou na altu-

ra que esta medida se justificava "pelo extremar de posições entre os estudantes e a reitoria da Universidade de Coimbra", uma vez que o dia 20 de Outubro "foi o dia mais triste para a academia de Coimbra, após o 25 de Abril". E explicou: "Depois de o reitor ter prometido que esperaria pela decisão do tribunal em relação ao método de votação por correspondência utilizado para a fixação do valor da propina, o reitor convocou o senado de dia 20, colocando este ponto na ordem de trabalhos, antes da resposta do tribunal".

Os estudantes optaram também a demissão dos estudantes senadores em sinal de protesto, assim como a demissão dos seus representantes da Assembleia da Universidade (o órgão que elege o reitor). Os alunos avançaram também com uma ação judicial a solicitar responsabilidades às forças policiais ou ao Ministro da Administração Interna, Daniel Sanches, que afirmou então não ter havido qualquer cargo policial sobre os estudantes da Universidade de Coimbra e negou desconhecer que tivesse sido utilizado qualquer tipo de gás paralizante pelos agentes da autoridade.

História recente das propinas

23 de Maio de 2003 - Pedro Lynce, ministro da Ciência e do Ensino Superior, apresenta o anteprojecto da Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior, aprovado a 22 de Agosto. O aumento das propinas é uma das medidas previstas.

1 de Outubro de 2003 - É convocada uma reunião do Senado Universitário para fixar as propinas. No entanto, os representantes dos estudantes neste órgão abandonam a reunião, quebrando o quórum e impedindo assim a fixação do valor da propina.

7 de Outubro de 2003 - Em nova reunião do Senado Universitário, os estudantes boicotam novamente a fixação das propinas, desta vez invadindo a sala do senado. O reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, considerando que não estão reunida as condições para prosseguir a reunião, decide adiar a reunião.

5 de Novembro de 2003 - Em reunião de senado, é aprovada a propina mínima para a UC para o ano lectivo de 2003/2004. Os alunos acusam o reitor Seabra Santos de "traição" e de "engenharia processual" - alegando que o valor da propina foi aprovada num curto espaço de tempo, quando nenhum dos estudantes senadores estava presente na sala.

2 de Junho de 2004 - Os estudantes invadem novamente a sala do Senado Universitário, inviabilizando a reunião que deveria fixar o valor da propina a cobrar pela instituição no ano lectivo de 2004/2005. Em cima da mesa estava uma proposta de Seabra Santos que defendia a propina máxima.

3 de Junho de 2004 - Na sequência dos acontecimentos do dia anterior, Seabra Santos apresenta como solução alternativa a votação da propina por correspondência.

15 de Junho de 2004 - Devido a uma providência cautelar interposta pela direcção-geral, o Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra suspende provisoriamente a votação por correspondência.

22 de Junho de 2004 - Apesar da decisão do tribunal, Seabra Santos ordena que se proceda ao escrutínio dos votos, considerando o processo legal. Os estudantes tentam pedir satisfações ao reitor e invadem a reitoria. São colocadas faixas na facultade de Direito acusando a reitoria de estar "fora da lei".

20 de Outubro de 2004 - Os estudantes tentam impedir no Pólo II que o valor da propina seja fixado em reunião de Senado Universitário. A polícia intervém e há confrontos. Um estudante é detido e o senado acaba por estabelecer a propina máxima.

Treze anos de contestação

Na década de 90, em virtude da Lei de Financiamento do Ensino Superior, os estudantes saíram para a rua dando início a um processo de luta que se arrasta até hoje

No dia 21 de Maio de 1992, cerca de 500 estudantes da academia de Coimbra protestavam em frente à Assembleia da República. Em causa estava a lei-quadro de Financiamento do Ensino Superior que subia à discussão no Parlamento. Apesar dos protestos estudantis e de algumas escuras com as forças policiais,

proposta de financiamento foi aprovada na generalidade, graças aos votos favoráveis do PS e à abstenção do PSD. O valor cifrava-se, neste período entre os 58.700 escudos e os 61 contos. Para trás ficava uma lei datada de 1941 que determinava que o valor a pagar para frequentar um curso superior em Portugal era de 1200 escudos.

Esta mudança não foi bem recebida e a pressão dos estudantes acabou por levar à suspensão desta subida em 1995. Dois anos depois, o valor foi reintroduzido pelo então ministro da Educação, Marçal Grilo. Desde então que as propinas se tornaram um tema de discussão política, dando lugar a uma sucessão de ações de contestação por parte dos estudantes. Manifestações em Coimbra com uma participação de 5000 estudantes, em que se

queimaram cópias do Diário da República, a entrega do documento reivindicativo da suspensão e revogação da lei na Assembleia da República foram algumas formas de luta adoptadas.

No dia 25 de Março de 1998 tem lugar uma das maiores manifestações estudantis de sempre frente ao Parlamento: dez mil estudantes exigem a revogação da legislação. Já em Janeiro de 2001, com Humberto Martins à frente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), as associações académicas de Coimbra e do Algarve colocaram o Estado Português em tribunal. Em causa estava o alegado incumprimento da Lei de Financiamento e a consequente desresponsabilização pelo estado do ensino superior. Foi pedida uma indemnização de 45 milhões de contos. Depois de vários anos a cri-

ticar e a questionar a legislação, sendo a questão concreta das propinas a face mais visível dessa reivindicação, as associações decidiram concretizar este posicionamento sob a forma de processo judicial.

A Lei de Financiamento do Ensino Superior actualmente em vigor foi aprovada em Maio de 2003, e estabelece que quem deve fixar as propinas o valor das propinas são as universidades e politécnicos. Segundo a lei de Financiamento do Ensino Superior, o valor da propina é estipulado de acordo com uma fórmula baseada em critérios de qualidade e excelência, valores padrão e indicadores de desempenho, igualmente definidos para o universo de todas as instituições e tendo ainda em conta os relatórios de avaliação elaborados para cada curso e instituição.

EDITORIAL

Radicalizar

"Seria bom que nesse plenário não se encontrasse a academia na mesma situação que nas vésperas do 20 de Outubro: sem outra resposta que não a invasão"

Apesar das tentativas, mais ou menos convictas consoante as épocas, de fazer crer que o sistema de propinas é apenas uma das muitas frentes de batalha da luta estudantil, o certo é que este tem sido sempre o ponto nevrágico da contestação. É um facto que há uma forte oposição à implementação de Bolonha, que se luta por uma melhor acção social, mas é sobretudo quando se toca na questão das propinas que mais se acende o espírito contestatório. E é também nesta questão que mais derrotas têm sido infligidas aos estudantes. Arrasta-se, há muito e sem sucesso, a tentativa de revogação de uma Lei de Financiamento criticada por vários sectores, incluindo alguns docentes. Não é, portanto, de admirar que muitas academias tenham já praticamente baixado os braços ante a "inevitabilidade" do pagamento de propinas e comecem a colocar o enfoque na luta por uma propina de valor reduzido ou na canalização das verbas assim obtidas para uma real melhoria da qualidade de ensino.

A academia de Coimbra é das poucas a tentar ainda fazer ver ao Governo as vantagens de uma "ensino superior público, gratuito e universal" – o mote soa a oco pelo uso, mas não deixa de ser a melhor definição de um acesso democrático à educação. Contudo, só este ano lectivo, a batalha das propinas sofreu dois duros reveses. O primeiro, e sob a ameaça da exclusão, foi o fim da antiga forma de contestação: o boicote. O segundo, em circunstâncias que originaram alguns dos momentos mais agitados na história da academia, foi a fixação da propina máxima em senado.

Aproxima-se agora mais um momento de confronto (desde o final do ano lectivo passado que a luta dos estudantes ganhou contornos de uma estratégia quase militar). O senado deverá agendar para breve (talvez já para a próxima reunião) a definição do valor da propina para o próximo ano. Na véspera, de forma a que "o outro lado da barricada" não descubra os planos, os estudantes vão definir as medidas a adoptar. Seria bom que nesse plenário não se encontrasse a academia na mesma situação que nas vésperas do 20 de Outubro: sem outra resposta que não a invasão – uma opção que já deu os seus frutos (a silenciosa e pacífica invasão de 2003), que se tornou mais tarde ineficaz e que não seria hoje mais do que um tiro no pé, a começar pela falta de democraticidade de que se reveste. Sem dúvida que a decisão pela propina máxima é também ela um atentado a uma educação democratizada. Mas um erro não justifica outro.

Quando os estudos indicam que há alunos a abandonarem o ensino superior por motivos económicos, quando a banca avança por iniciativa própria com sistemas de empréstimo "estude agora, pague depois" (um modelo já previsto na lei através de uma articulação entre bancos e Estado, mas nunca implementado e que não deixa de ter contornos perversos), a luta contra as propinas tem que ser feita a frio, de forma tanto mais ponderada quanto mais se deve ter a consciência de que (a história prova-o) a sua eficácia é muito limitada. Acções como uma invasão ou um bloqueamento da sala onde decorrer o senado trazem mais consequências negativas do que qualquer outra coisa. O problema é que, tal como na altura do fim do boicote ou do 20 de Outubro, a solução não está a vista. Mas, seja qual for a opção tomada para tentar evitar a propina máxima na Universidade de Coimbra, isso é apenas parte de uma solução que terá sempre que passar por um apontar de baterias ao Governo. É preciso radicalizar a luta – no sentido de chegar à raiz do problema, que é a lei. Isto sob o risco de, em vez do "não pagamos", o slogan ser em breve "queremos pagar menos". João Pereira

Cartas ao director podem ser enviadas para direccao@acabra.net

Guiné Bissau: as incógnitas da paz e da guerra

Katia Cardoso *

A Guiné Bissau, uma das antigas colónias portuguesas, tornou-se independente em 1973, depois de dez anos de luta armada, protagonizada pelo PAIGC (Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde), cujo carismático líder, Amílcar Cabral, foi assassinado de forma ainda não cabalmente explicada.

A história deste país tem sido marcada por sucessivos golpes (ou tentativas não consumadas) militares, reflexo de um braço-de-ferro constante entre o poder político e os militares; por rivalidades internas na principal força política, o PAIGC; por níveis de pobreza e dívida externa elevados e por uma clara incapacidade do Estado em cumprir a sua parte no "contrato social" (a Guiné é apontada como um dos exemplos de Estados frágeis, falhados ou colapsados).

A entrada, em 1991, na vaga da democratização e da liberalização económica veio agravar a situação, uma vez que essa transição, à semelhança do que aconteceu em outros países africanos, resultou da pressão da comunidade internacional, que a partir de então passava a condicionar a atribuição da ajuda ao cumprimento de requisitos, como a realização de eleições ou a opção por uma economia de mercado.

As várias crises político-militares que têm eclodido no país têm sido atribuídas causas próximas, motivos visíveis. Por exemplo, em 1998, a suspensão do então chefe de Estado-maior, Ansumane Mané, por alegado tráfico de armas para o movimento independentista de Casamança, no vizinho Senegal, foi apontada como a causa de uma crise que mergulhou a Guiné em longos meses de violência. Todavia, causas mais complexas e estruturais encontram-se a montante das anteriores e da actual crise e nos ajudam a fazer um diagnóstico mais acertado da realidade do país. Entre elas destacam-se as seguintes:

- existência de um partido dominante (PAIGC) formalmente armado, que nunca conseguiu transformar-se num partido civil;

- má condução do processo de desmobilização dos combatentes da guerra da independência; A liberalização económica iniciada nos anos 80, agravou o fosso existente entre um pequeno número de antigos combatentes privilegiados – próximos do poder político - e a maioria dos combatentes que viviam em situações críticas;

- obstáculos (personalização do poder, má gestão da coisa pública, clientelismo, favorecimento do grupo étnico a que pertence o líder no poder, etc.) à criação de um Estado de direito, com instituições próprias e autónomas;

- divergências internas nas Forças Armadas.

A mais recente crise acontece num período decisivo para o país, numa fase de fim da transição iniciada no "pós-conflito" de 1998 e foi despoletada pela reentrada em cena, enquanto candidatos às presidenciais de Junho, de dois líderes políticos fortemente

envolvidos nas demais crises ocorridas na Guiné: Nino Vieira e Kumba Yalá. O primeiro, pertencente à etnia papel, foi o responsável pelo derrube de Luís Cabral em 1980 (este golpe seria a "machadada final" no projecto de unidade entre a Guiné e Cabo Verde). Desde essa data até 1991 dirigiu os destinos da Guiné de forma despótica, acumulando as funções de chefe de Estado e de governo, comandante das forças armadas e líder do PAIGC, numa clara personificação do poder. Em 1994, nas primeiras eleições "livres e justas" (assim consideradas pelos observadores internacionais) foi reconduzido ao poder, sob forte contestação do seu opositor mais directo, Kumba Yalá (líder do Partido da Renovação Social), que chegaria à presidência da Guiné em 2000, ao conseguir capitalizar o descontentamento geral da população em relação ao PAIGC. Sobre este pesam as acusações da morte de dois chefes das forças armadas,

Ansúname Mané (2000) e Veríssimo Correia Seabra (2004), do favorecimento da sua etnia de origem (balanta) e de uma governação arbitrária e prepotente. Yalá foi afastado em 2003, depois de um golpe do Comité Militar. Na sequência disso, assinou um termo de renúncia (Carta de Transição Política), segundo o qual ficava impedido de se candidatar a eleições até 2008. Face à sua declarada "pretensão" de voltar à cadeira do poder, o Supremo Tribunal de Justiça foi chamado a pronunciar-se, tendo aprovado 14 candidaturas, incluindo as de Nino Vieira e Kumba Yalá. Esta decisão, claramente mais política do que jurídica, foi alvo de inúmeras críticas e deu o mote para que Kumba Yalá se autoproclamasse presidente da república.

Ambos os candidatos são apoiados pelos países vizinhos (Nino é apoiado pela Guiné Conakri e Kumba conta com a simpatia do Senegal), uma evidência de que as tensões e conflitos na Guiné Bissau têm uma dimensão regional que importa ser considerada.

A Guiné Bissau vive dias de muita apreensão, sob o espectro do regresso da violência. A perspectiva de exploração do petróleo é um motivo adicional de preocupação com a estabilidade do país.

À comunidade internacional é dada uma oportunidade única para não defraudar, uma vez mais, as expectativas bastante legítimas da sociedade guineense, garantindo a segurança e o normal decorso das eleições. Da CPLP, em particular, espera-se que deixe a apatia que a tem caracterizado desde a sua fundação.

Quem ganhará as eleições? Quem tiver maior apoio dos militares? O candidato derrotado aceitará democraticamente a decisão do povo guineense? Qual será efectivamente o papel da comunidade internacional e dos países vizinhos? São muitas as incógnitas. Existe porém um forte desejo: que ganhe o povo guineense, que ganhe a paz.

* Núcleo de Estudos para Paz/Centro de Estudos Sociais

O caminho faz-se marchando

Celina M. dos Santos *

A Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade vem dar corpo a uma das muitas utopias feministas: a de construir e ser parte inteira de um Outro Mundo onde a exploração, a opressão, a intolerância e a exclusão não existem mais! Esta Carta [Este Mundo] baseia-se nos valores da Igualdade, da Liberdade, da Solidariedade, da Justiça e da Paz!

Muitas têm sido as exclamações e dúvidas colocadas às árduas e imensas tarefas a que se propõem as Mulheres e Homens da Marcha Mundial das Mulheres. A cada uma respondemos "o caminho faz-se caminhando"; ou marchando, neste caso! Tem sido em Marcha que temos lançado as raízes deste Outro Mundo e continuaremos marchando, porque nós temos a força para construir este Mundo!

Num espírito de Paz e Partilha, mais de 3500 grupos de Mulheres de 163 países e comunidades, debateram e negociaram, ao longo de um ano, a nível global, de forma democrática e inclusiva, o Mundo que elas querem para a toda a Humanidade. Para dizerem como é esse Mundo, decidiram escrever uma Carta com 31 afirmações que são, ao mesmo tempo, outras tantas declarações de compromisso com um Mundo que se funda nas acções de todos os dias, mas que é partilhado, reclamado e construído globalmente em todo o Mundo.

É na pluralidade das suas vozes e visões que decidem a cada instante marchar juntas, para apresentar esta Carta e para lançar este apelo:

- As Mulheres, os Homens e todos os Povos do Mundo devem proclamar individual e colectivamente o seu poder para transformar o mundo, libertando-o do capitalismo e do patriarcado que geram pobreza e violência sem fim.

Neste Outro Mundo, a dignidade de cada uma e de cada um é garantida individual e colectivamente pela sociedade e pelo estado, através de serviços públicos e de uma solidariedade e democracia radicais; a economia está ao serviço das pessoas; a natureza é uma entidade plena e respeitada; o desenvolvimento é sustentável; a guerra não existe e é a paz que abre caminho para a vida e para harmonia; cada ser humano escolhe livremente a sua vida.

É a partir destas ideias centrais que surgem as Acções de 2005 da Marcha Mundial das Mulheres, contra a Violência e contra a Pobreza, que afectam sobretudo as Mulheres, impedindo-as de partilhar este Mundo, ontem, hoje e amanhã. A Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade e a Manta Mundial da Solidariedade percorrerão o planeta numa estafeta por 53 países; a Carta e a Manta partiram no dia 8 de Março de São Paulo, Brasil, e chegarão a 17 de Outubro a Ouagadougou, Burkina Faso.

Portugal e Coimbra foram um dos pontos de paragem da estafeta mundial da Carta e da Manta. Entre o dia 15 e o dia 20 de Maio apresentou-se publicamente e discutiu-se, além da Carta Mundial, um Manifesto da Coordenação Portuguesa da Marcha Mundial das Mulheres que assinala as grandes preocupações e lutas das Mulheres em Portugal, das quais cinco são destacadas como sendo as mais graves e as que mais atentam contra a dignidade e os direitos das Mulheres:

(*) O Aborto e o Direito à Escolha das Mulheres perante o seu corpo e a sua sexualidade, incluindo o direito a interromper uma gravidez indesejada;

(*) A Paridade na Participação das Mulheres na Política, do local ao nacional;

(*) O Desemprego e a Precariedade no Trabalho que afecta sobretudo as Mulheres;

(*) O Direito a Amar livremente e a não discriminação, legal e social, por causa da

(*) Foi, no fundo, possível praticar e experimentar outras formas de fazer e de estar com o Mundo, ocupando diferentes espaços públicos de Coimbra.

Dia 19, a Carta e a Manta estiveram no Porto, com a União de Mulheres Alternativa e Resposta, a Associação Portuguesa A Mu-

na Galiza. Este foi um momento simbólico e cheio de energias e emoções. A Carta e a Manta foram levadas de ferry para a margem Norte do Rio Minho, tendo este, a partir da fronteira, sido acompanhado por sete barcos de jovens "remeiras" galegas e portuguesas. Esperavam por nós, no porto de A Guarda, mais de 400 mulheres, que não conhecíamos ainda, mas que são nossas amigas e nossas companheiras.

Terminada a Estafeta da Carta e da Manta em Portugal, é com muita convicção e energias renovadas, que sabemos que o caminho se faz marchando. O gesto simbólico de receber, partilhar, costurar e passar a Carta e a Manta mostra-nos a cada dia que somos poucas e poucos, que não somos ainda as e os suficientes para vencer este desafio, mas mostra-nos igualmente que somos muitas e muitos que todos os dias, à mesma hora, em diferentes locais, lançamos as raízes para um Outro Mundo.

A Marcha Mundial das Mulheres continua as acções de 2005 até 17 de Outubro. Até lá, queremos construir uma Manta Nacional da Solidariedade com as Mulheres em Portugal, queremos continuar a recolher assinaturas de subscrição da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, queremos continuar a construir um lugar de Paz e de Justiça para as Mulheres neste Mundo.

* Acção para a Justiça e Paz - Coordenação Portuguesa da Marcha Mundial das Mulheres

"Surgem as Acções de 2005 da Marcha Mundial das Mulheres, contra a Violência e contra a Pobreza, que afectam sobretudo as Mulheres, impedindo-as de partilhar este Mundo, ontem, hoje e amanhã"

Orientação Sexual;

(*) O Direito ao fim de todas as formas de violência contra as Mulheres.

A Carta e a Manta chegaram dia 15 de Maio de Itália.

Dia 16, foi feita uma sessão pública em Lisboa, organizada pela Coordenadora da Marcha em Portugal, que reuniu uma centena de pessoas, onde foi apresentada a Marcha e as Acções de 2005 e onde foi costurado o retalho português da Manta, feito pela estilista Ana Salazar, dedicado ao "Aborto - Direito à Escolha".

Dia 17, a Carta, que durante meses foi subscrita, até agora, por mais de 1.000 cidadãs e cidadãs em Portugal e no Mundo, foi entregue e discutida na Assembleia da República com diferentes grupos parlamentares, pela Coordenadora da Marcha em Portugal. A subscrição da Carta pode ser feita até ao dia 17 de Outubro de 2005, basta consultar os sites www.marchamulheres.no.sapo.pt / www.petitiononline.com/mmmpt05/petition.html ou dirigir-se a qualquer uma das organizações que constituem a Coordenação Portuguesa da Marcha Mundial das Mulheres.

Dia 18, a Carta e a Manta estiveram expostas em Coimbra, na Praça D. Dinis, na Praça 8 de Maio e no Teatro Académico de Gil Vicente. Durante todo este dia, foram dinamizadas diferentes iniciativas pela "Acção para a Justiça e Paz" (AJP), pela "Associação Académica de Coimbra" e pela "não te prives - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais".

Ao longo deste dia muitas coisas inovadoras foram possíveis:

(*) Foi possível ver, tocar e discutir a Manta e a Carta, com Mulheres e Homens, de todas as idades;

(*) Foi possível recolher mais de 300 assinaturas da Carta e do Mundo que ela descreve;

(*) Foi possível ver uma peça de teatro preparada por alunas e professoras/es do 1º e 2º ano de Teatro da Escola Superior de Educação de Coimbra, que ilustra com ritmo, imagem e som a urgência deste outro Mundo;

(*) Foi possível fazer um debate sobre a Marcha e a Carta;

(*) Foi possível ouvir e cantar o hino às Mulheres de todo o Mundo feito pela Marcha;

Iher e o Desporto, a Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, a Associação para o Planeamento da Família e a Associação Democrática Defesa Direitos Igualdade, numa conferência de imprensa, que apresentou o trabalho de longos meses com crianças e jovens em escolas sobre a violência contra as Mulheres, da qual nasceu, uma outra Manta colectiva, Contra a Violência contra as Mulheres.

Dia 20, a Carta e a Manta foram levadas pela coordenadora portuguesa da Marcha, para as nossas companheiras em A Guarda,

PUBLICIDADE

BOXSHOP

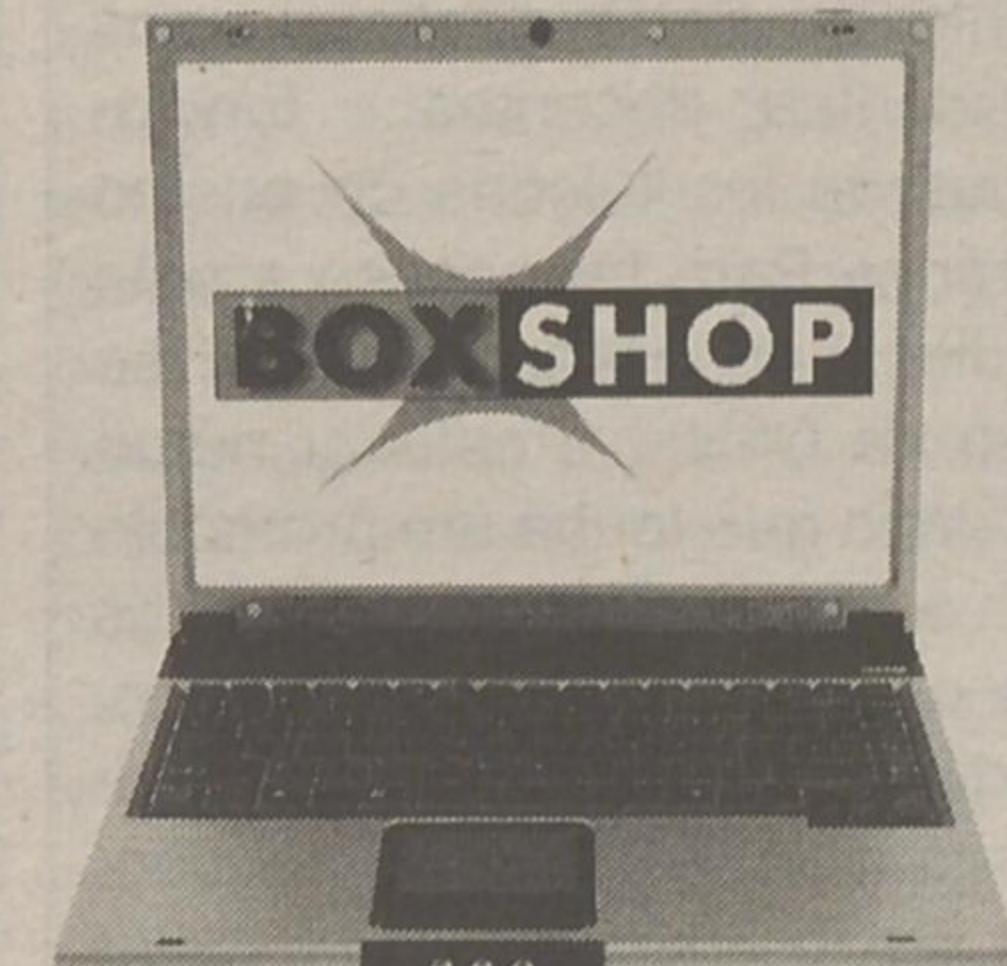
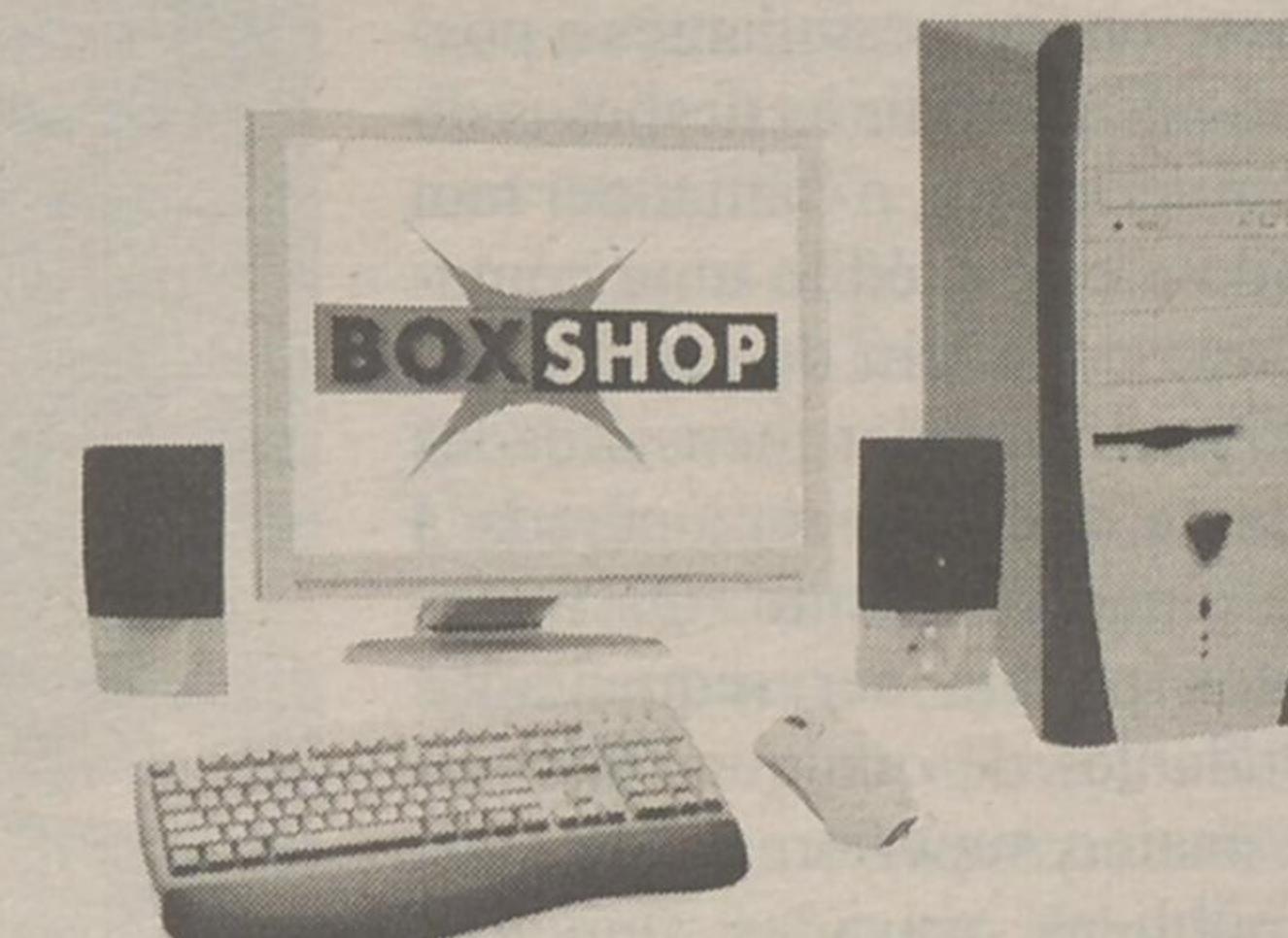
BOXSHOP COIMBRA Tel 239 841 057 | coimbra@boxshop.com.pt

Rua do Corvo, nº 15-17 R/C 3000-124 Coimbra

(perto da Praça 8 de Maio na Baixa)

Lojas BOXSHOP em Lisboa, Porto (Póvoa de Varzim) e Braga

**Já abriu em Coimbra a cadeia de lojas de informática com os preços mais baixos de Portugal !!!
Se não acredita visite-nos e comprove !!!**



**Computadores desde 259,95 €
Portátéis desde 749,95 €**

PROMOÇÕES TODOS OS DIAS !!!

**512 MB
DDR PC400**

38,95 €

**512 MB
DDR2 PC533**

44,95 €

**HD 80 GB
UDMA 100 7200 rpm**

46,95 €

**TFT 17"
PHILIPS 12 ms**

199,95 €

**PENDRIVE 256 MB
USB 2.0**

23,95 €

**PENDRIVE 2,2 GB
USB 2.0**

89,95 €

**PENDRIVE 512 MB
KINGSTON USB 2.0**

39,95 €

**PENDRIVE 4 GB
USB 2.0**

124,95 €

Facilidades de pagamento até 36 meses

www.boxshop.com.pt

Mais de 500 produtos online

6 ENSINO SUPERIOR

Sistema de empréstimos quer combater abandono escolar

Banco Totta faz agora parte da lista das instituições que concedem crédito dirigido aos estudantes

Conceder empréstimos para os estudantes suportarem os custos da sua formação no ensino superior é o objectivo do "Totta Bolsas". Um sistema semelhante está previsto na lei há oito anos, mas nunca foi implementado

Milene Cunha

O grupo Santander lançou o projeto "Totta Universitários", no qual o produto estrela é o "Totta Bolsas", com condições especiais para estudantes do ensino superior.

O "Totta Bolsas" consiste em conceder empréstimos para os estudantes suportarem os custos inerentes à frequência no ensino superior. O sistema de crédito para estudantes universitários do Santander Totta

distingue-se de outros por exigir apenas que o aluno mantenha a média e termine os estudos dentro do tempo de duração normal do curso. Inicialmente, os cursos abrangidos são Economia, Gestão, Contabilidade e Auditoria, Medicina, Medicina Dentária, Enfermagem, Ciências Farmacêuticas e várias engenharias. No entanto, dependendo da procura e evolução do mercado, o número de licenciaturas contempladas poderá aumentar.

O prazo de financiamento e reembolso depende do tempo de duração da licenciatura. Por exemplo, num curso de quatro anos, o aluno pode ter o crédito durante esse tempo, terá um ano para começar a trabalhar e quatro para pagar. Os estudantes podem pedir até um máximo mensal de 380 euros.

A taxa de juro varia consoante o aproveitamento escolar: se o aluno tiver média igual ou superior a 14 só paga cinco por cento, se for inferior paga 7,5 por cento. O aluno que recorra ao crédito tem de entregar todos os anos ao banco um comprovativo actualizado com a média. Caso o estudante faça o empréstimo com média inferior a 14 e no ano lectivo a seguir suba as notas, a taxa de juros baixa para cinco por cento. Mas se o aluno com média de 14 baixar os resultados escolares passa então a pagar 7,5 por cento. Já a reprovação leva à suspensão do crédito e o estudante terá que começar de imediato a proceder à liquidação da dívida.

Ao mesmo tempo que este produto proporciona aos estudantes a possibilidade de assumir as despesas do curso universitário, o Santander tem associado a este crédito uma conta-poupança onde têm de ser depositadas 25 por cento das mensalidades recebidas e que será remunerada à taxa de cinco por cento. Os financiamentos podem ser requisitados por estudantes de qualquer instituição de ensino superior, desde entidades públicas, privadas, universidades ou politécnicos, que tenham protocolo com o grupo financeiro.

Direcção-geral considera modelo injusto

A taxa de insucesso no ensino superior em Portugal, entre 2002 e 2003, apurada pelo Observatório da Ciência e do Ensino Superior, foi o ponto de partida para o grupo financeiro criar este sistema de empréstimos que pretende beneficiar, por ano, mil alunos do ensino superior e destinou uma verba de 130 milhões de euros para ser utilizada em cinco anos.

Também para o Millennium BCP, o ensino superior é um sector que merece atenção. Além da conta à ordem Universitária, o Millennium disponibiliza o "Crédito Universitário" para financiar licenciaturas, pós-graduações e mestrados. Os valores variam entre os mil euros e os 15 mil euros para as licenciaturas, a uma taxa de juro de 7,95 por cento.



O Santander Totta disponibiliza 130 milhões de euros nos próximos cinco anos para financiar a formação dos estudantes

de estudantes, por isso temos três quiosques à disposição, um no edifício das cantinas azuis, outro no Pólo II e outro na Escola Agrária".

Por seu lado, o administrador da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Portela, classifica este modelo como "injusto, visto que há desigualdades de acesso". E salienta: "Em primeiro lugar este modelo não abrange todos os cursos universitários".

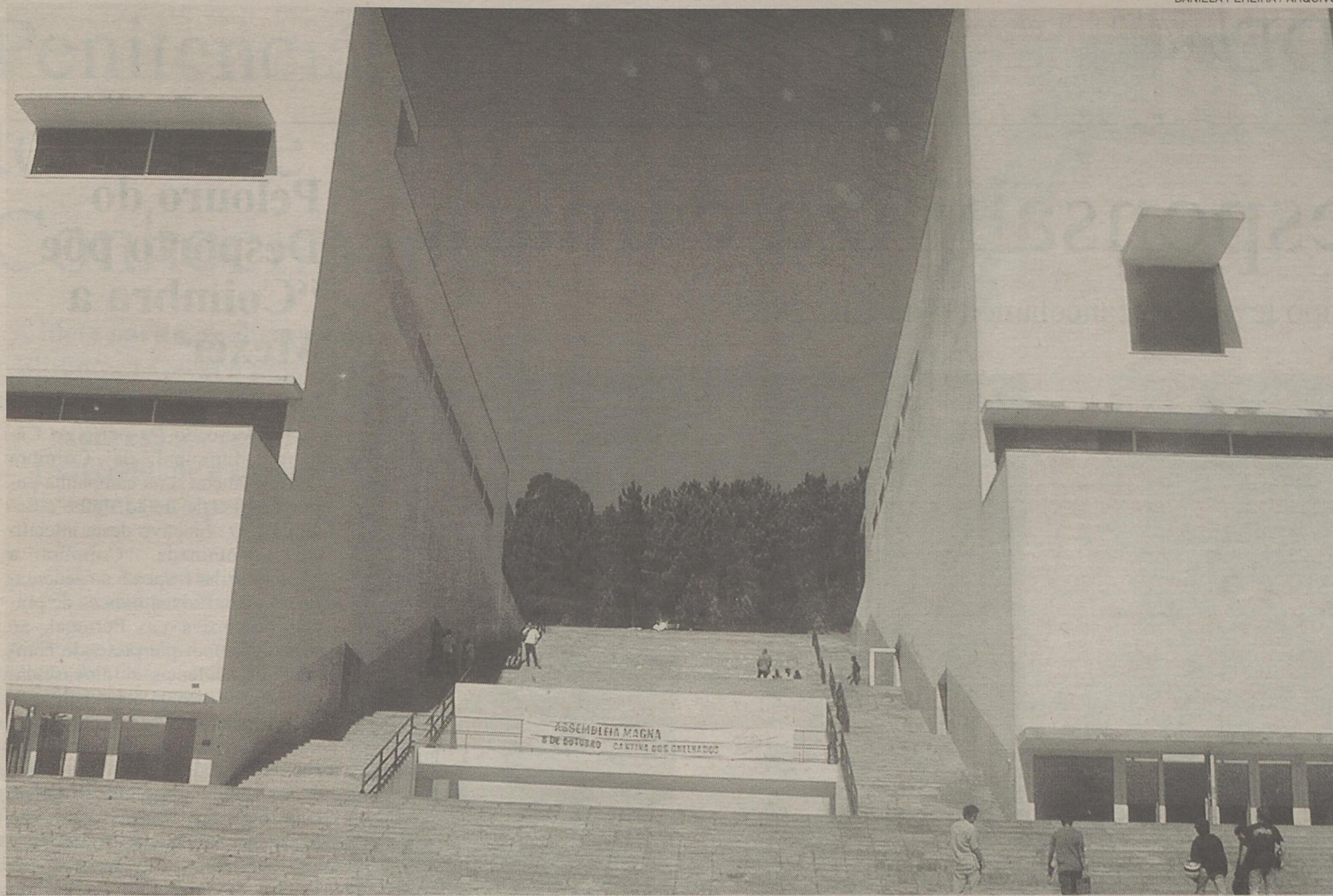
Este sistema de empréstimos prevê que o aluno não pague nem receba quantia nenhuma durante o ano após a conclusão do curso. De acordo com o panorama nacional do mercado de trabalho e o aumento da

taxa de desemprego, Miguel Portela considera "que é limitativo o facto de só se ter um ano para arranjar trabalho". E defende "que o ideal seria o começo da liquidação do crédito a partir do primeiro emprego", visto "que em média a procura do primeiro emprego é superior a um ano". O estudante alerta que no caso de este sistema passar a incluir o curso de Direito "é necessário ter em conta as especificidades desta licenciatura", pois "um estudante desta área é obrigado a frequentar um ano e seis meses de estágio, na maioria das vezes não remunerado, e depois ainda tem de pagar os exames de acesso à Ordem dos Advogados". O administrador da DG/AAC diz ainda

"que as prestações podem adquirir valores avultados, tendo em conta os salários que os recém licenciados poderão receber no início de carreira".

Está previsto há oito anos na Lei de Financiamento o sistema de empréstimos para autonomização dos estudantes das famílias. No entanto, este nunca foi implementado por qualquer Governo. Em 1997 iniciaram-se negociações com entidades bancárias, mas os responsáveis políticos concluíram que não poderiam avançar com o sistema, porque implicava verbas incompatíveis para o estado português no caso de in cumprimento da liquidação do crédito por parte dos estudantes.

DANIELA PEREIRA / ARQUIVO



A área de engenharia é uma das mais afectadas pelo encerramento de cursos

Cursos com poucos alunos em risco

Governo quer extinguir cursos menos frequentados "em prol da qualidade" e assegurar os 95 pontos como nota de acesso ao ensino superior

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

O ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago anunciou, no mês passado, que pretendia acabar com os cursos que têm menos de 20 alunos até ao final do seu mandato. Em entrevista à TSF esclareceu que esta medida, bem como a manutenção da nota mínima de 9,5 valores nos exames nacionais, "é uma forma de garantir a qualidade e a boa imagem do ensino superior no espaço europeu".

Os cursos que correm o risco de perder continuidade são na sua grande parte oriundos de humanidades e engenharias, uma vez que a maioria destes cursos são muito específicos. Em engenharia, por exemplo, muitas instituições não receberam nenhum novo aluno e, por isso, houve necessidade de corrigir e reestruturar os programas

com a finalidade de diminuir este tipo de situações. Desta forma, desde a legislatura de Maria Graça Carvalho que muitas licenciaturas estão a ser analisadas.

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), Adriano Pimpão, refere que "alguns cursos podem ser reunidos num tronco comum interdisciplinar". Do mesmo modo, o presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), José Amado Mendes, explica que "há áreas que são muito específicas, mas importantes para a formação cultural das pessoas". Para além disso, o reduzido número de alunos "é importante para o bom funcionamento de alguns cursos", acrescenta. No que diz respeito às áreas que podem ficar desnutridas, José Amado Mendes refere que "não é possível abdicar da formação de investigadores, docentes e especialistas" porque "há uma tradição" e em muitos casos "há um saber fazer e uma série de espólios, que seria uma pena perder".

Por outro lado, esta situação está adjacente à reformulação da rede escolar do ensino secundário, que desencadeou protestos por parte dos conselhos científicos das universidades de Coimbra, Porto, Lisboa, Aveiro, Minho, entre outras. O motivo que despoletou os protestos foi o facto de o número de alunos

por turma das escolas secundárias ser elevado, o que significa "que quem quer alemão, latim ou grego está impedido de o fazer", esclarece José Amado Mendes.

Extinção de cursos não é para o ano

Em cima da mesa está, também, a possibilidade de alguns cursos ficarem sem alunos no próximo ano lectivo, uma vez que a medida ainda não estará então em vigor. Face a esta realidade, o ministro do Ensino Superior alegou "que se ficar sem alunos um ano, talvez no ano seguinte faça um esforço maior". Mariano Gago afirma ainda que não quer que haja estudantes excluídos do sistema e, por isso, não vai impor uma regra de diminuição das vagas sobre a procura existente, "apenas pretende conscientizar os estudantes do secundário de que é preciso estudar".

Já o presidente do CRUP foca a importância de o discente poder fazer um curso mais abrangente, em vez de tirar um curso específico com pouca saída profissional. Mais tarde, "o aluno tem a possibilidade de fazer uma especialização, saindo beneficiado". Por sua vez, o presidente do Conselho Científico da FLUC refere que esta situação conduz muitos estudantes a áreas que não eram a sua vocação, correndo o risco de "matar áreas fulcrais no domínio da formação culturais e no desenvolvimento intelectual do país", acrescenta.

José Amado Mendes reconhece que esta é uma questão formal e administrativa, mas lembra que "existem licenciaturas com diversas variantes". Assim, "é imperativo fazer uma re-arrumação das licenciaturas", uma vez que Portugal possui um número excessivo de cursos, defende o docente.

No que respeita ao financiamento, o ministério diz que os cursos com menos de dez alunos não serão financiados. Mas, Adriano Pimpão é da opinião de que "o seu financiamento e reestruturação são viáveis". A aplicação destas medidas só deverão ocorrer no ano lectivo 2006/2007, uma vez que a remodelação de cursos só é permitida por lei até Janeiro. Neste âmbito, o presidente do Conselho Científico da FLUC explica que é preciso ter em conta que "quando há um número elevado de licenciaturas, há poucos alunos, o financiamento baixa e há uma maior proliferação". Por outro lado, se houver menos, "há maior concentração de verbas nas áreas fulcrais e, aí, pode haver uma maior qualidade". Desse modo, José Amado Mendes concorda com o ministro ao admitir que a qualidade possa sair beneficiada, mas chama a atenção para o facto de "muita qualidade em algumas áreas provocar negligência noutras".

Arranca curso de Serviço Social

Marisa Ferreira
Ricardo Machado

No próximo ano lectivo, a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC) irá disponibilizar um novo curso de Serviço Social.

O curso, que tem a duração de quatro anos, vai abordar questões que vão desde o apoio às populações imigratórias, até ao auxílio a idosos e sem-abrigo, passando pelas situações de pobreza extrema, entre outras. A presidente do núcleo de estudantes desta faculdade, Fernanda Nogueira, apresenta grandes expectativas na criação desta nova licenciatura, apostando num "trabalho de interacção entre as várias faculdades da universidade". Este trabalho resulta do esforço de vários profissionais do campo da psicologia e da sociologia. O objectivo principal deste projecto é ressalvar a ideia de um ensino público de qualidade, que ofereça aos alunos uma maior acessibilidade a um curso de serviço social, e que posteriormente proporcione um desenvolvimento científico nesta área.

A presidente do Conselho Científico desta faculdade, Luísa Morgado, atestou que este projecto não é recente, mas que são agora apresentadas as condições logísticas e científicas necessárias para que o mesmo decorra. Contudo, um dos problemas evidenciados pela dirigente do núcleo de estudantes é a falta de espaço existente, uma vez que a entrada de 40 novos alunos que se vão multiplicando ao longo dos anos, torna difícil a sua gestão. Desta forma, Fernanda Nogueira espera que a reitoria da universidade cumpra as promessas feitas e disponibilize novos anexos para a faculdade.

Esta é a primeira licenciatura deste género fora do sector privado, ao contrário do que ocorre em vários países europeus, onde os licenciados de Serviço Social se formam em instituições públicas. Em Coimbra, por exemplo, somente o Instituto Miguel Torga, uma instituição privada, é que disponibiliza esta licenciatura. Luísa Morgado acredita que com a abertura deste curso se vai fomentar um investimento na área de investigação, sendo que, até agora, apenas a Universidade Católica de Lisboa promove este tipo de doutoramentos, ainda que a maioria decorram no estrangeiro. A presidente do núcleo de estudantes, Fernanda Nogueira, recorda que, na Universidade de Coimbra, o único trabalho de investigação realizado a este nível foi efectuado pela licenciatura de Sociologia na faculdade de Economia.

PUBLICIDADE

SEXTA
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055
Url: www.6Geracao.web.pt
e-mail: avenida416@hotmail.com

8 CIDADE

ACIC responsabiliza câmara

Falta de espaço e de tempo levam ao cancelamento de CIC 2005

A ACIC acusa a autarquia de não ter feito o suficiente para a realização do evento. Carlos Encarnação afirma que todos os esforços foram levados a cabo

João Campos

A edição 2005 da Feira Comercial e Industrial de Coimbra (CIC), com início previsto para o final de Junho, não se vai realizar. A decisão partiu da Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC), que considera "não ter tido outra alternativa", em função de não ter "um espaço condigno" e tempo para preparar devidamente o certame.

Depois de, nos últimos três anos, a feira se ter realizado no Choupalinho (margem esquerda do Rio Mondego), a ACIC chegou este ano a acordo com a TBZ, empresa responsável pela gestão do Estádio Cidade de Coimbra para que este fosse o espaço do evento, recolhendo "dos agentes económicos, políticos e sociais um generalizado sinal de apoio e agrado", afirma a associação.

Segundo a ACIC, a realização da feira neste local garantiria "a realização de um evento com a dignidade e condições necessárias e o aproveitamento de um espaço público cujo volume de investimento não será adequado à sua utilização exclusivamente quinzenal".

No entanto, perante a realização de uma prova de atletismo no mesmo local, os responsáveis da ACIC alegam que "não se obteve em tempo útil uma decisão positiva da Câmara Munici-



Depois do interregno em 2001, a ACIC volta a cancelar a feira de comércio e indústria

pal de Coimbra (CMC)", acusando, em conferência de imprensa, a autarquia de "falta de vontade política" e de "não se ter esforçado para convergir interesses".

O presidente da CMC, Carlos Encarnação, recusa as críticas da parte da ACIC, afirmando que a associação fez "uma constatação que não é correcta". O autarca defende-se ao referir que "a câmara interveio quando a ACIC lhe pediu para chegar a um acordo que agradasse os interesses de todos, mas não se conseguiu chegar a um entendimento". No entanto, Carlos Encarnação recusa-se a considerar que a CMC e a ACIC estejam de costas voltadas, porque "a autarquia tudo fez e portanto não há necessida-

de de fazer uma querela sobre este assunto".

A associação comercial considera a não realização da feira como uma perda, uma vez que "a CIC é essencial para o alavancar de negócios de todo o tecido empresarial, que aproveitam a feira para se dar a conhecer junto de potenciais clientes". Carlos Encarnação afirma, contudo, que a realização da feira poderia não ter a qualidade de outros anos, "em função da situação da economia nacional".

Em relação ao futuro, o presidente da CMC sublinha que "já há acordo com a ACIC e estão a ser criadas as condições no Choupalinho para que, em 2006, a CIC se realize com todas as condições reunidas".

Segunda paragem em 27 anos

A CIC foi criada em 1978 e notabilizou-se como uma das primeiras feiras do género em Portugal, "anterior à FIL, EXPONOR, Parque de Exposições de Santa-Rém ou de Braga", como afirma a associação organizadora do evento.

Depois de, nas décadas de 80 e 90, se ter realizado na Praça Heróis do Ultramar, a feira conheceu um primeiro interregno em 2001, voltando no ano seguinte, no Choupalinho. Este ano, a CIC volta a parar.

Dia do Vizinho combate solidão

A cidade adere a esta iniciativa europeia, num apelo ao reforço de laços entre as pessoas. As iniciativas começam às seis da tarde

Ana Bela Ferreira

Coimbra acolhe hoje o Dia Europeu dos Vizinhos, enquanto primeira cidadã portuguesa a aderir formalmente a esta celebração. Cidadãos de toda a Europa festejam nas ruas os laços de vizinhança, lutando contra a solidão e o isolamento.

Esta iniciativa foi apresentada em conferência de imprensa, no passado dia 17, nos Paços do Município. O vereador da Câmara de Paris, Atanase Periton, também presidente da Asso-

ciação Dia Europeu dos Vizinhos, referiu na ocasião que "a festa é uma ocasião para recriar a coesão e a solidariedade entre vizinhos".

A cidade dos estudantes vai acolher iniciativas preparadas pelos cidadãos das 18 localidades aderentes. Segundo o vereador responsável pelo pelouro da Habitação da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Jorge Gouveia Monteiro, "a autarquia não organiza nenhuma actividade mas apoia as que são desenvolvidas pelos habitantes".

A comemoração do Dia do Vizinho vê a luz do dia em quatro centenas de cidades europeias, e cerca de três milhões e meio de pessoas fizeram questão de celebrar no ano passado. Collaboram ainda com a edição deste ano mais de 270 instituições públicas ligadas à habitação. Apesar da celebração se estender a toda a Europa, "cada uma das cidades desenvolve o seu programa individualmente", explica

Gouveia Monteiro.

Coimbra, enquanto primeira cidade portuguesa a aderir à iniciativa, espera que os seus habitantes confraternizem com os vizinhos, desenvolvendo encontros nos bairros, nos átrios dos blocos de apartamentos, nos jardins e nas praças. Os festejos deste dia vão ser na sua maioria "actividades à volta da mesa" em conversas que se iniciam por volta das seis da tarde, esclarece o vereador.

O Porto é a segunda cidade portuguesa a aderir à comemoração deste dia, depois da adesão de Coimbra, a 11 de Abril. Não estão previstas interligações entre os festejos das duas cidades, uma vez que, até ao momento, a CMC ainda não conseguiu contactar com a sua homónima portuguesa.

A câmara e as organizações subs-

critoras apelaram, na conferência de imprensa de apresentação da iniciativa, à celebração e colaboração de

condomínios, escolas, empresas, organismos públicos, autarquias de freguesia, entre outros, para a união contra a indiferença, a solidão e o isolamento. Deste modo, lançaram o repto para que a divulgação chegassem a toda a cidade, dado o cariz solidário deste evento.

O facto de Coimbra ser uma cidade

de estudantes não foi esquecido e

Gouveia Monteiro espera que "os es-

tudantes da cidade recebam bem os

colegas" e que estimulem "o ideal de

uma Coimbra mais fraterna, como foi

em tempos".

O Dia dos Vizinhos teve início em França em 2000 e realiza-se uma vez por ano, na última terça-feira do mês de Maio. O objectivo principal destas realizações festivas é fomentar uma sociedade mais aberta, mais social e amigável, por oposição ao isolamento e solidão que caracterizam a realidade actual.

Pelouro do Desporto põe "Coimbra a Mexer"

O Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) lançou uma campanha para os meses de Junho, Julho e Setembro. O objectivo desta iniciativa, denominada "Coimbra a Mexer", é dar resposta ao sedentarismo e aos baixos índices de prática desportiva em Portugal, ao mesmo tempo que pretende combater os acidentes cardiovasculares e o aumento da obesidade.

O "Coimbra a Mexer" consiste num conjunto de iniciativas a acontecer todos os sábados dos meses que a campanha abrange, com lugar no Parque Verde do Mondego. Actividades como Body Combat, Jump Fit, Aero-Local, Taichi, Body Jump, Karaté ou Kickboxing podem ser praticadas por todos os cidadãos que quiserem comparecer, sendo para o efeito orientado por monitores dos vários ginásios existentes na cidade.

A abertura da campanha deu-se no sábado, com várias iniciativas a decorrer na margem direita do Rio Mondego, entre as 10 e as 17 horas. Durante os meses de Junho, Julho e Setembro, o horário das actividades vai ser diferente, decorrendo estas entre as 16 e as 19 horas.

Complexo de cinemas nasce junto ao rio

Os terrenos pertencentes à antiga fábrica Triunfo (junto à Estação Nova) vão dar lugar a 11 novas salas de cinema.

O projecto, intitulado Cinema-city, é da responsabilidade da Sociedade Imobiliária de Cinemas e caracteriza-se por incluir, em duas das salas, novos conceitos de cinemas: o Cinemax e o Cinema Dynamique. O primeiro oferece um ecrã gigante de projeção, enquanto o segundo se destaca por exibições interactivas a três dimensões, com a cadeira a vibrar consoante a animação do filme.

A Câmara Municipal de Coimbra já aprovou o projecto e o início da construção está prevista logo que seja assinado o protocolo de cedência do terreno ao município. O projecto arquitectónico está a cargo da PLARQ - estudos de arquitetura e urbanismo, empresa que projectou outra obra na cidade: o Estádio Cidade de Coimbra.

O Cinema-city enquadra-se na reabilitação da zona ribeirinha da cidade, e vem no seguimento de outros projectos, tais como o Parque Verde do Mondego e a reabilitação do Choupalinho.

Penitenciária pode tornar-se Casa do Conhecimento

A ideia partiu do director da Biblioteca Geral e passa por converter as actuais instalações num espaço cultural.
Universidade e autarquia apoiam o projecto

Isabel Marques
 Elisabete Monteiro

A Câmara Municipal de Coimbra, aliada à Direcção da Biblioteca Geral e à Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), estão a elaborar o projecto de tornar o estabelecimento prisional numa Casa do Conhecimento.

A ideia base consiste em transformar as actuais instalações numa biblioteca. Este espaço disporia de cerca de três milhões de livros, existentes no conjunto dos departamentos das várias faculdades da UC, constituindo assim a maior biblioteca do país.

De acordo com o director da Biblioteca Geral, Carlos Fiolhais, esta obra justifica-se por Coimbra ser uma cidade de estudantes e, como tal, "necessariamente uma cidade cultural". Carlos Fiolhais afirma que a Biblioteca Geral "está a rebentar pelas costuras", e que este seria um projecto capaz de equipar Coimbra às maiores cidades da Europa, a nível cultural. Para além disso, a Casa do Conhecimento, em conjunto com a UC, a zona histórica e os diversos espaços verdes, seria mais um espaço de atracção turística.

Coimbra não tem neste momento, ao contrário de muitas cidades europeias, uma biblioteca que funcione 24 horas por dia. Com o projecto da Casa do Conhecimento, surge essa possibilidade. O director da biblioteca afirma ainda que este novo espaço permitiria juntar "manuscritos e obras raras, bem como relíquias que remontam ao século XV, actualmente dispersas pelas Bibliotecas Joanina e Geral".

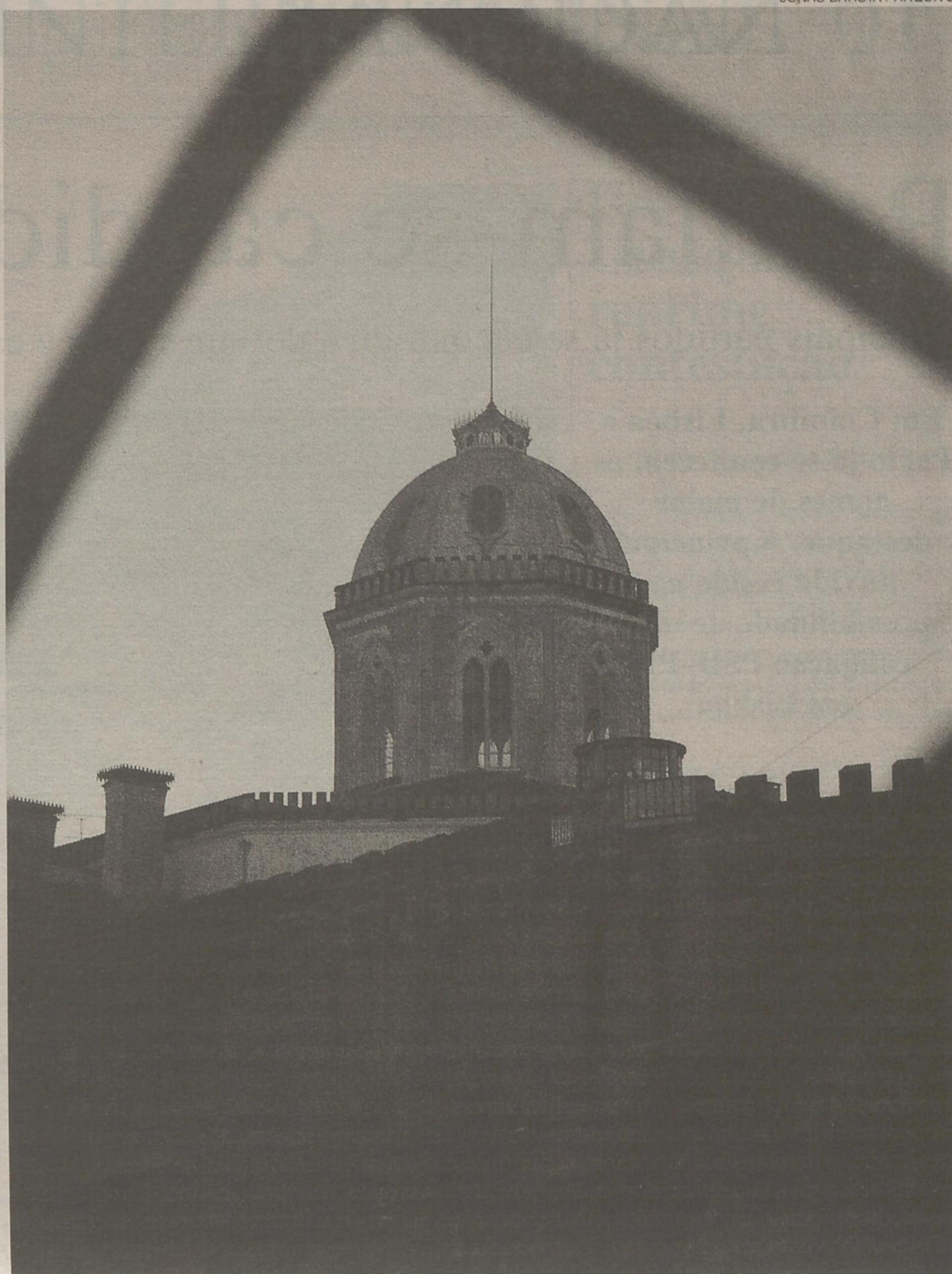
Nas palavras de Carlos Fiolhais, e estabelecendo um paralelismo com a Casa da Música no Porto, este projecto pode fazer surgir em Coimbra uma "Casa dos Livros". Seria um "local onde se poderiam unir as leituras de trabalho às de lazer", tendo o privilégio de usufruir de um espaço verde que através de um corredor une o renovado Jardim da Sereia, a actual Penitenciária e o Jardim Botânico, terminando nos Jardins de Santa Cruz.

Director da penitenciária de acordo

Segundo o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnaçao, este é também um "projecto de rentabilização de território" pelo qual se celebrou, em Janeiro de 2004, um protocolo com o Ministério da Justiça para a requalificação futura da penitenciária. Está também em curso a ideia de construir um moderno estabelecimento prisional nos arredores de Coimbra, na freguesia do Botão, num terreno cedido pela autarquia.

As instalações da actual penitenciária são, no entender de Carlos Encarnaçao, o local adequado para um projecto de grande envergadura como este, pois é "um espaço muito grande e podem-se aproveitar todos os edifícios à volta", sublinha, relevando ainda o facto de ser "uma construção majestosa, que conta com mais de cem anos".

Para o director do Estabelecimento Prisional de Coimbra, Eugénio Coelho, esta é um ideia consonante com o interesse público, uma vez que implica "a devolução do espaço à câmara e, como tal, à população de Coimbra". Eugénio Coelho considera ainda que a escolha do local "tem a ver com o aspecto arquitectónico do edifício, o qual claramente merece preservação". Além do mais, há grandes vantagens em criar um estabelecimento novo de raiz "que considerará aspectos da vivência diária de uma população prisional que este não permite", conclui o director, concordando que uma casa do conhecimento "está perfeitamente adequada a Coimbra, cidade do conhecimento".



Penitenciária de Coimbra pode vir a tornar-se uma grande biblioteca

Evento de moda promove comércio

Com o amor de Pedro e Inês como pano de fundo, modelos nacionais e internacionais juntam-se na Praça do Comércio para o Coimbra Fashion 2005

João Campos

No próximo sábado, a cidade recebe mais uma edição do Coimbra Fashion. A iniciativa realiza-se na Praça do Comércio e está a cargo da Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC), contando ainda com a colaboração da autarquia, da Agência de Promoção da Baixa e da Associação de Amigos de D. Pedro e D. Inês.

O evento associa-se aos 650 anos da morte de Inês de Castro, pelo que o amor de Pedro e Inês é o tema escolhido para o certame. Para o efeito, o Coimbra Fashion 2005 vai contar com a participação de vários nomes da moda nacional, como Diana Pereira, Isabel

Figueira, Afonso Vilela, José Fidalgo e os estilistas Augustus e Katty Xiomara. A nível internacional, há também a participação da modelo inglesa Emily Brown.

Juntamente com os desfiles, o Coimbra Fashion 2005 vai contar com música da Orquestra Clássica do Centro, que recria temas inesianos. O espaço vai contar com três telas de proteção gigantes, imagens multimédia e 1200 lugares sentados, divididos entre balcão e plateia.

Um dos objectivos deste certame é promover Coimbra e o seu comércio, pelo que vão estar 22 casas comerciais a colaborar com o evento, contribuindo com roupa, acessórios ou maquiagem.

No final dos desfiles, o evento alarga-se ao Parque Verde do Mondego, com a realização do Fashion Rio, uma festa com a presença de vários convidados especiais.

O Coimbra Fashion 2005 conta ainda com outras iniciativas paralelas, como um concurso de ementas, oferta de vales de compra alusivos ao evento e o alargamento do horário de funcionamento do comércio na Baixa durante esse dia.

PUBLICIDADE

CÂMARA MUNICIPAL de COIMBRA JAZZ AO CENTRO CLUBE

2 Junho 21:30
JOÃO PAULO

23:00
LOU GRASSI'S AVANTI GALOPPI
ROB BROWN HERB ROBERTSON KEN FILIANO

3 Junho 21:30
MICHEL PORTAL
LOUIS SCLAVIS
SÉbastien Boisseau
DANIEL HUMAIR

4 Junho 21:30
RUDRESH MAHANTHAPPA QUARTET
VIJAY Iyer, FRANÇOIS MOUTIN,
ELLIOT HUMBERTO KAVEE

23:00
JACC WORKSHOP ORCHESTRA
DIR. ADAM LANE

2005
2+3+4 Junho
ENCONTROS INTERNACIONAIS DE JAZZ DE COIMBRA

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE

JAZZ AO CENTRO

BILHETES À VENDA NO TAGV E DISCOTECA ALMEDINA

10 NACIONAL

Perfilam-se candidatos às autárquicas

Principais partidos já se encontram a definir nomes e estratégias para as eleições de Outubro

Em Coimbra, Lisboa e Porto já se conhecem os nomes de maior destaque. A principal dúvida reside na possibilidade de uma coligação PSD-PP em Lisboa

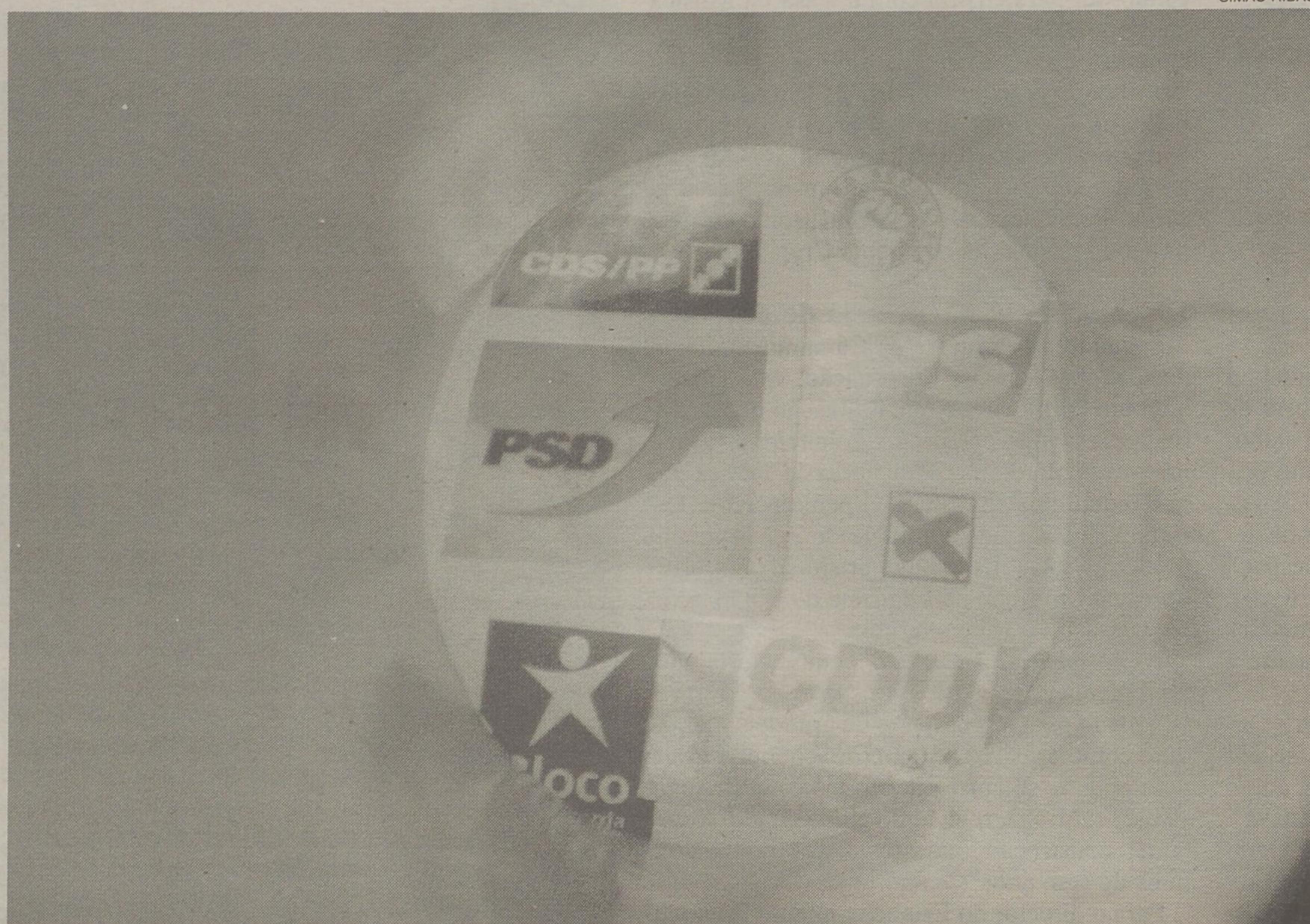
Sandra Ferreira
Rui Simões

As eleições autárquicas estão agendadas para Outubro, mas os principais partidos já começaram a escolher candidatos e delinear estratégias.

O PSD parte para os diversos escrutínios locais com o objectivo de manter a liderança da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), conquistada em Dezembro de 2001, quando os sociais-democratas obtiveram uma maioria superior a 40 autarquias. Já o PS quer ganhar terreno e obter mais votos que o PSD.

Enquanto que os sociais-democratas contam com os resultados das regiões autónomas dos Açores e Madeira (onde detêm actualmente 13 e 11 câmaras, respectivamente) para assegurar a vantagem, os socialistas esperam ganhar votos através do entendimento com o PCP e Bloco de Esquerda. O PSD receia, contudo, que o PS ganhe terreno à CDU, nomeadamente no Alentejo, ou que a eventual derrota em Lisboa não seja compensada pelas manutenções de Rui Rio no Porto, Carlos Encarnação em Coimbra ou José Apolinário em Faro.

Os objectivos de PCP, PP e BE passam sobretudo pela manutenção dos postos conquistados, embora assumam ambições de crescimento.



Por entre algumas decisões controversas, os partidos começaram já a preparar as eleições autárquicas

Coimbra, Lisboa e Porto

Em Coimbra está confirmada a recandidatura do actual presidente, Carlos Encarnação, encabeçando a coligação PSD-CDS/PP-PPM. O PS irá concorrer com o líder distrital Victor Baptista e a CDU avança com o vereador Jorge Gouveia Monteiro. Já o Bloco de Esquerda ainda não definiu o seu candidato. Segundo o assessor de imprensa do partido, Pedro Sales, o processo ainda está "bastante atrasado", pelo que só haverá candidato bloquista em "meados de Junho".

Já na capital, posta de lado a hipótese de uma candidatura que congregasse toda a esquerda, a principal

dúvida reside na existência de uma eventual coligação PSD-CDS/PP. De acordo com o assessor de imprensa popular, Pedro Salgueiro, esta possibilidade "ainda não foi completamente descartada". Apesar disso, o PSD já apresentou Carmona Rodrigues como o seu candidato à autarquia lisboeta. Esta situação gerou alguma polémica, com os sociais-democratas a optarem pelo ex-ministro das Obras Públicas Carmona Rodrigues em detrimento do actual presidente do município e ex-primeiro-ministro, Pedro Santana Lopes. À esquerda, os candidatos já estão alinhados. O PS avança com o ex-ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho, o PCP con-

corre com o vereador municipal Ruben de Carvalho e o BE apoia um independente, o advogado José Sá Fernandes.

Quanto à câmara portuense, os nomes que concorrem pelos principais partidos já se encontram confirmados. O actual autarca da cidade, Rui Rio recandidata-se à liderança do município, encabeçando a lista PSD-CDS/PP e o seu principal rival deverá ser o socialista Francisco Assis, ex-presidente da distrital do Porto do PS. Mais à esquerda, pelo PCP corre o actual vereador Rui Sá, enquanto o BE, por seu lado, apresenta como candidato o parlamentar João Teixeira Lopes.

Os casos mais polémicos

Com vários ex-autarcas envolvidos em processos judiciais, são vários os casos polémicos que PS e PSD enfrentam, alguns ainda à espera de resolução.

Segundo do Norte para Sul: Em Felgueiras o candidato do PS é José Campos, um independente que já foi vereador quer pelo PS, quer pelo PSD. Contudo, ainda há a hipótese remota da ex-autarca Fátima Felgueiras, foragida no Brasil, avançar como independente.

Já em Gondomar, com Valentim Loureiro envolvido no processo "Apito Dourado", o PSD decidiu avançar com o nome de Gonçalves Pereira, advogado e ex-membro da Assembleia Municipal. Contudo, mantém-se a possibilidade de Loureiro se candidatar como independente.

Isabel Damasceno é a candidata do PSD por Leiria. O nome da autarca leiriense chegou a ser questionado, devido ao seu envolvimento no processo "Apito Dourado", mas o líder social-democrata Luís Marques Mendes acabou por se decidir pelo apoio a esta candidatura.

Em Oeiras, o PSD avança com Teresa Zambujo, depois de ter rejeitado Isaltino Moraes. O ex-ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente, obrigado a demitir-se depois de um escândalo fiscal, concorre como independente. Pelo PS foi sugerido o nome de Maria de Belém, mas a candidatura da ex-ministra à câmara de Oeiras ainda não está confirmada.

Portugal pode perder fundos da UE

União Europeia ameaça fazer cortes orçamentais e Portugal é um dos países lesados

Diana do Mar

Entre 2007 e 2013, Portugal corre o risco de perder cerca de mil milhões de euros por ano se for aprovada a última proposta negocial da presidência luxemburguesa sobre o próximo quadro financeiro da União Europeia (UE).

O corte representa uma diminuição de cerca de 30 por cento nas verbas recebidas.

A eventual redução é desdramatizada pelo docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Alfredo Marques, ao afirmar que "o mais importante é fazer

uma aplicação correcta dessas verbas". Para além disso, o docente foca o facto de as regras de fundo estruturais já estarem obsoletas, uma vez que "se aplicam as mesmas medidas que se aplicavam em 1988" (altura da reforma dos fundos). Segundo Alfredo Marques, "é necessário investir na educação, na formação profissional, na tecnologia e, sobretudo, na organização", porque "estas áreas são geralmente esquecidas".

Os estados que mais contribuem querem entregar menos verbas nos próximos anos, uma vez que os novos dez países membros precisam de ajuda para se modernizarem. Neste âmbito, o secretário de estado dos Assuntos Europeus, Fernando Neves, referiu que "não pode aceitar que existam diferenças entre os novos e os velhos membros da união".

Fernando Neves explica, no entanto, que a redução dos fundos não tem como principal causa o alargamento da UE: Lisboa e Vale do Tejo deixaram de usufruir das verbas comunitárias pela riqueza que possuem, a Madeira pela sua riqueza natural e o Algarve "pelo efeito estatístico". À medida que os países enriquecem deixam de beneficiar dos fundos, portanto, "este processo faz parte da lógica da política de coesão europeia", explica Fernando Neves, também embaixador de Portugal em Angola. Desta forma, "verifica-se a diminuição de um bolo que era generoso e agora já não é", acrescenta.

Apesar da perda dos fundos estruturais comunitários de apoio ao desenvolvimento poder ser significativa, o embaixador admite que "esta redução não vai influenciar directamente a economia nacional,

apesar das dificuldades financeiras do país" e que "o alargamento implica sacrifícios para Portugal". No entanto, salienta "a necessidade de um esforço de apoio para as regiões mais pobres para que estas prossigam o seu desenvolvimento".

Em resposta, a Comissão Europeia afirma que comprehende a situação portuguesa e expressa o desejo de "ter orçamento suficiente para manter as políticas de coesão", explica o secretário de estado.

Neste âmbito, a presidência luxemburguesa da UE pretende reunir todos os chefes de estado e de governo para que os 25 possam a 16 e 17 de Julho alcançar um acordo político. Desta feita, os membros da União Europeia encontram-se na recta final da discussão daquele que será o próximo quadro financeiro.

Novo presidente nas Águas de Portugal

A Águas de Portugal (ADP) tem um novo presidente. Pedro Serra substitui Joaquim Poças Martins na direcção da empresa pública. O anúncio foi feito pelo Ministério do Ambiente na passada semana.

O Ministro do Ambiente, Francisco Nunes Correia, apontou ainda os novos presidentes da Empresa Portuguesa das Águas Livres (EPAL) e da Empresa Geral do Fomento (EGF). João Fidalgo e António Branco, respectivamente, assumem as direcções das empresas do Estado.

Joaquim Poças Martins termina assim um mandato que devia durar até 2007. O executivo socialista já tinha demonstrado intenções de avançar com alterações na direcção da holding das águas. O Ministro do Ambiente tinha avançado ao "Diário Económico" que até ao final do mês haveria novos nomes nas empresas públicas.

INTERNACIONAL 11



Vestígios de guerra num país onde voltaram a instabilidade e a violência

CLÁUDIO VAZ

Governo do Uzbequistão reprime contestação

Paulo Alexandre Teixeira

As autoridades locais podem ter massacrado mais de mil pessoas na cidade de Andijan, no Leste do país, após a eclosão de uma revolta popular. Os observadores internacionais temem que isto seja o primeiro passo rumo a uma guerra civil que poderá alterar o equilíbrio de poder na Ásia Central.

Tudo começou no passado dia 13 de Maio, quando uma insurreição popular estalou na cidade de Andijan, situada no Leste do país, próximo do Quirguistão. Os populares assaltaram uma prisão de alta segurança e libertaram centenas de prisioneiros, detidos pelas autoridades locais devido a actos terroristas. A polícia e o exército só conseguiram controlar a insurreição no dia seguinte, dispersando com violência as manifestações anti-governamentais.

As autoridades locais afirmaram que morreram 139 pessoas, mas a oposição diz que podem ter morrido 1000. Um dos seus dirigentes, Akhmatan Shaimadanov, disse à Agência AFP que o presidente Karimov é o responsável pela repressão: "Atirar sobre camponeses foi uma acção cruel e bárbara. Karimov assinou assim a sua condenação e devia ser julgado por um tribunal popular".

Estes actos ocorreram numa zona conhecida como o Vale de Fergana, junto da fronteira com o Quirguistão. De resto, as autoridades quirguizes fecharam as suas fronteiras logo nos primeiros horas, mas depois deixaram passar milhares de refugiados para o seu país.

As potências ocidentais, como os EUA e a Grã-Bretanha, já exigiram às autoridades uzbeques um inquérito independente para apurar as circunstâncias do incidente. Organizações internacionais como a Amnistia Internacional e a Cruz Vermelha também já fizeram apelos nesse sentido.

O Uzbequistão é governado por Islam Karimov desde a queda da União Soviética, em 1991. Karimov governa o país com mão-de-ferro sendo acusado de violações dos direitos humanos. A oposição política é ilegal e a imprensa não é livre.

Os EUA têm uma enorme base militar na região, que é vista pelo Pentágono como importante no sentido de ajudar na luta contra o terrorismo na região, nomeadamente no Afeganistão. Contudo, o Departamento de Estado americano acusa as autoridades uzbeques de utilização sistemática da tortura para reprimir os muçulmanos que não seguem o islamismo emanado pelo Estado. A oposição islâmica, que tem ligações à Al-Qaeda, quer implementar um estrito regime islâmico.

Analistas internacionais referem que a hipótese de uma "revolução colorida", como o que aconteceu no vizinho Quirguistão, é altamente improvável, dado que a máquina repressiva é muito eficaz. "Pode ser que uma mudança só ocorra se vier de fora do país", disse um analista ocidental à BBC.

Presidenciais em risco na Guiné

Polémica candidatura de Kumba Ialá à presidência envolta em actos de violência

A realização das eleições presidenciais a 19 de Junho na Guiné-Bissau está em dúvida devido ao clima de instabilidade que paira sobre o país

Ricardo Machado
Carla Santos

Os últimos desenvolvimentos dão conta da apresentação de um processo crime contra o candidato presidencial e ex-presidente Kumba Ialá, depois de este ter, alegadamente, invadido o palácio da presidência, na passada semana, com o apoio de alguns militares. Esta situação só foi resolvida após a intervenção do chefe do estado-maior das forças armadas guineenses, Tagmé Na Waie, que ordenou a Ialá que abandonasse o palácio, numa ordem que este acabou por acatar.

Em resposta à alegada invasão do palácio presidencial, centenas de opositores de Ialá demonstraram o seu descontentamento gritando palavras de ordem contra o ex-chefe de estado, acabando mesmo por atacar a sua casa e a sede do seu partido, o Partido da Renovação Social (PRS). Esta situa-

ção acabou controlada após a intervenção de forças policiais.

Apesar de serem apontados nomes de várias altas patentes das forças armadas que terão apoiado a alegada ocupação do palácio presidencial por parte de Ialá, o comité militar continua a afirmar que o exército se mantém fiel às instituições da república e ao presidente interino guineense, Henrique Rosa. Este, por sua vez, já veio garantir que todos os autores da alegada ocupação, que apelidou de "golpe de estado", vão responder pelos seus actos. No entanto Ialá, afirmou, em declarações à TSF, não ter pactuado com qualquer golpe de estado e negou ter invadido o palácio presidencial em Bissau.

Com a apresentação de um processo judicial contra Ialá pela suposta ocupação do palácio da presidência, a corrida deste às eleições presidenciais poderá ficar comprometida.

O docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra Rogério Leitão confirma este cenário, considerando que esta situação "veio contribuir para agravar o clima de tensão" que se tem verificado na Guiné-Bissau desde que Kumba Ialá se auto-proclamou presidente, no passado dia 15.

Na altura, Ialá declarara-se presidente, defendendo pretender reassu-

mir o cargo e alegando ter sido forçado a abandoná-lo em 2003. Esta situação foi despoletada pelo facto de o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) guineense ter aceite a candidatura de Ialá às eleições de 19 de Junho, não considerando a sua renúncia efectuada após o golpe de estado que interrompeu o seu mandato de cinco anos, em 2003, como tendo sido um acto voluntário (ver caixa). No entanto, o STJ veio contrariar as ambições do ex-presidente, justificando que o facto de não validar a renúncia deste vem, apenas, no âmbito de permitir a sua candidatura às presidenciais de 19 de Junho.

Ainda assim, Ialá alega existir um vazio no poder, uma vez que o período de transição, com Henrique Rosa

na presidência interina, terminou no dia 8 de Maio. Dessa forma, o líder do PRS defende encontrar-se em condições de retomar as suas funções como chefe de estado guineense. Além disso, Ialá considera não estarem reunidas as condições para a realização das eleições presidenciais na data prevista, uma vez que existe uma grande "contra-informação" no país, dificuldades no recenseamento e falta de dinheiro para financiar as eleições, no que é coadjuvado pelo presidente do vizinho Senegal, Abdoulaye Wade. Contudo, Henrique Rosa garante que as eleições se vão manter na data estipulada, contando com o apoio do presidente nigeriano, Olusegun Obasanjo, que já veio condenar o golpe de estado alegadamente efectuado por Ialá.

Ascensão e queda de Ialá

Kumba Ialá, foi eleito presidente da Guiné-Bissau em Janeiro de 2000, enquanto líder do Partido da Renovação Social (PRS). Ialá deveria então, cumprir um mandato até 2005. No entanto, na sequência de um golpe de estado, é destituído do cargo a 14 de Setembro de 2003 sendo, alegadamente, forçado a assinar uma carta de renúncia, três dias depois. Obrigado a manter silêncio sobre o assunto durante um ano e oito meses, o ex-presidente remete o caso para os tribunais, enquanto Henrique Rosa assume a presidência interina do país. Já em Maio deste ano, o Supremo Tribunal de Justiça guineense acaba por considerar inválida a renúncia de Ialá ao poder, abrindo as portas à actual situação de instabilidade política no país.

Do outro lado das pontes da educação

Existe uma escola sem aulas nem anos de escolaridade. Sem mochilas, sumários, exames ou faltas. O rendimento escolar dos alunos desta escola é superior à média porque cada criança aprende por si e ao seu ritmo. Os espaços são amplos, com música e cor onde os alunos são educados na interiorização de valores como liberdade/autonomia, responsabilidade e solidariedade.

Em Vila das Aves, a Escola Básica Integrada das Aves/S. Tomé de Negreiros, mais conhecida como Escola da Ponte,

usa um modelo extensível a todos os graus de ensino

Por Liliana Guimarães (texto e fotografia)

Mesmo sem campainha, às 11 horas as crianças sabem que o recreio acabou. As que se reúnem no espaço António Gedeão vão hoje debater o projecto Terrário/Jardim. Espalham-se pelas mesas que estão organizadas em quadrados. O João tem o dedo levantado, quer dizer alguma coisa. "Eu faço parte do Clube da Dança. Não tenho nada que ver com isto". O professor Ricardo tranquiliza-o: "Esta quinzena vamos trabalhar no projecto do jardim e todos vão ajudar. Depois passamos para outro projecto e todos vão ajudar também". Lição número um na Escola da Ponte: Solidariedade.

No espaço António Gedeão, um dos quatro da escola, desenvolvem-se as ciências da natureza e o pensamento lógico-matemático. As crianças discutem o que já estudaram para fazer o jardim. "Já sabemos que tipo de relva queremos", diz um menino do fundo da sala. O Rui lembra que já estudou as ampliações: "Podemos usar isso no desenho para o jardim". "Também é preciso ver se a terra é boa", alerta o João.

Cada grupo tem um projecto e entre três a seis meninos para o realizar. Esta é a maneira de fazer as crianças sentirem a escola como sua e zelarem por ela. A professora Sara vai apontando no quadro aquilo que os meninos dizem já saber. "O que já sabemos sobre a água? Medidas de capacidade. E na ciência? A importância da água na nossa vida". A jovem orientadora fala num tom de voz quase normal, não colocado para falar para uma turma. Nem o que se passa nesta sala parece uma aula. As crianças intervêm espontaneamente, basta levantar o braço. Assim que há silêncio é dada a palavra a quem quer falar. E o debate prossegue. O debate é moderado pelos "orientadores educativos", os "professores" noutras escolas. Ao todo estão oito na sala e quase todas as crianças os tratam pelos nomes próprios.

Cada um ao seu ritmo

O ensino na Escola Básica Integrada Aves/S. Tomé de Negreiros (Escola da Ponte) não se rege por períodos ou aulas. Os alunos vão, cada um a seu ritmo, adquirindo conhecimentos à medida que desenvolvem diferentes projectos. Não existem turmas nem grupos de professores. Cada criança faz parte de um grupo de tutoria, um grupo de projeto e um grupo de responsabilidade. Cada educador tem uma tutoria com cerca de dez alunos que reúnem quinzenalmente, à quarta-feira de manhã. Os restantes grupos são orientados consoante os professores que se encontram em cada espaço.

Na Escola da Ponte não existem salas de aula, mas sim espaços: o João de Deus, o António Gedeão, o Pavilhão Rubem Alves e a área das expressões. Cerca de 150 alunos circulam todos os dias entre estes



O sistema de ensino é alternativo, mas as crianças da Escola da Ponte têm resultados acima da média

espaços. Como a escola é pequena para tantas crianças há um horário para distribuir-las pelos espaços. Mesmo assim cada aluno pode decidir o que quer e quando quer estudar. Como não há aulas as crianças recorrem a livros, manuais escolares, à Internet, a fichas de avaliação, a encyclopédias, ao debate. Na Escola da Ponte os instrumentos pedagógicos estão colados nas paredes. Cada disciplina tem um placard de objectivos que estão ordenados do mais simples para o mais complexo. Cada aluno escolhe, sob orientação do professor, o que quer estudar. Quando achar que já aprendeu o objectivo esboçado escreve no "Eu já sei" juntamente com a data. Depois, com o professor, o aluno faz um exercício para provar que já sabe. Não existem testes de avaliação, nem exames, muito menos notas. Quando há algum objectivo de difícil compreensão, ou sempre que sentirem necessidade, as crianças inscrevem-se no "Eu preciso de ajuda". Se houver algum que já saiba aquele objectivo, vai ajudar o colega.

Consolidar responsabilidades

Num dia de reunião de tutória, mesmo antes da professora Ana chegar, já os seus pupilos estão sentados à mesa. Ao som do jazz, o João Vítor e o Sardinha vão escrevendo o plano do dia: "fechar a quinzena e abrir a quinzena" e por

fim a auto-avaliação. Na "Folha da quinzena" (um bloco de quatro páginas) escreveram há duas semanas os objectivos a atingir. Agora vão consultar os planos do dia para ver se os atingiram ou não. Lição número dois da Escola da Ponte: Responsabilidade.

Todos os membros deste grupo tinham diferentes objectivos a atingir, apesar de todos terem participado nas mesmas actividades. Cada criança tem vários papéis a desempenhar, os quais deve ser capaz de avaliar constante e responsávelmente. A folha tem vários itens a preencher: "O que mais gostei de aprender", "outros aspectos que gostava de aprofundar", "ainda não aprendi a... porquê?" e "outros projectos que gostaria de desenvolver". A professora Ana vai corrigindo os erros por entre algumas amêndoas de chocolate que trouxe "para todos". Em diálogo, as crianças lembram o que fizeram e como foram aprendendo. Uns recordam os outros, corrigem-se e auto-regulam-se.

Cada um é responsável pelas suas folhas de quinzena, pelo seu devido preenchimento e armazenamento. A Daniela foi a primeira a terminar, apesar da caligrafia um pouco por fora das linhas. Da pasta azul de plástico que usa em vez da mochila, as fichas, os exercícios e os planos passam para um dossier com o seu nome na lombada. Para a pasta de plástico vai a folha da

nova quinzena, onde podem constar objectivos definidos em quinzenas anteriores e que ainda não foram atingidos. A folha que fechou hoje vai para casa, para os pais acompanharem o desenvolvimento.

Antes do almoço, tutor e tutorados fazem um levantamento das dificuldades que as crianças têm vindo a sentir. O João Vítor ainda não conseguiu estudar bem as características naturais da Península Ibérica. Já o João Pinheiro está com alguma dificuldade nos pronomes pessoais em Inglês. Cada um pede à professora para marcar trabalhos nas áreas em que têm maior dificuldade. Mais História e Matemática para o Cristiano e mais Inglês para o Tiago. Depois de conferir estas dificuldades, a tutora reúne os nomes dos professores que têm acompanhado os seus tutorados nas várias áreas. Daí é só articular com eles as melhores maneiras de orientar o estudo das crianças.

Todos diferentes

Hoje estão só sete meninos neste grupo, falta uma menina. O Sardinha e o João são os mais novos, com dez anos. O Cristiano já tem 15 anos, o Fugi e o Abílio, 13. A Daniela também tem 13, mas o seu desenvolvimento mental está ligeiramente atrasado. "A Ponte funciona como o fim da linha para muitos miúdos" diz Paulo Tato, director do projecto "Fazer a Ponte". Este

grupo de tutoria é isso mesmo: crianças que não cabiam noutras escolas e aqui encontraram um lugar. Daqui não foram expulsos nem excluídos. "Os miúdos não olham os diferentes como diferentes. Olham todos como diferentes", diz José Pacheco mentor do projecto e fundador da escola em 1976.

A Daniela é um exemplo do que a Escola da Ponte pode fazer pelas crianças. "Quando veio para aqui não fazia rigorosamente nada" lembra a professora Ana. Isso foi há três anos. Agora além de ler e escrever é capaz de raciocinar no abstrato e produzir um discurso quase fluente. A seu tempo, também a Daniela progride. É por isso que todos os dias a mãe a traz de Braga para Vila das Aves. Ao final do dia a jovem apanha um autocarro para Guimarães e depois outro de volta a Braga. Mas "vale a pena". A Daniela gosta "muito, muito" desta escola".

A tutora confessa que nenhum dos outros meninos do grupo tem dificuldades cognitivas, "mas sim de atitude". Um deles é coveiro, outro viu os pais serem mortos. Vivem num meio industrial têxtil forçado ao desemprego e emigração, à droga e à prostituição. É normal que sejam inquietos, mas não o é que o sistema de educação nacional não tenha um lugar para eles. Das outras escolas em que andaram, ou foram expulsos ou fugiram. A Escola da Ponte tem o por-

tão sempre aberto, não tem trancas nem porteiros. Porque não fogem estas crianças daqui? "Porque aqui 'tá-se' bem. Posso fazer o que quiser, aprendo e ninguém me chateia.", são as palavras de Fugi, o rapaz super-dragão com calos nas mãos, furos no casaco e um brilhante na orelha.

Uma grande família

Além dos professores do ensino básico há também professores do secundário e quatro educadores de infância. Um total de 28 orientadores educativos, a que se somam seis professores voluntários, docentes que não foram colocados e que dois dias por semana se dedicam à Escola da Ponte. É com carinho e admiração que o director do projecto, Paulo Tato, fala destes voluntários: "Não recebem nada, mas trabalham igual".

O professor Arlindo não é voluntário, mas uma espécie de peregrino. Acredita de tal modo no projecto "Fazer a Ponte" que todos os dias percorre uma enorme distância até chegar à escola. De Vila Flor para Braga, para a Trofa até Vila das Aves, sempre de comboio, porque "dez euros por dia não chegam para o gasóleo". E vale a pena? "Cansa trinta vezes mais, mas aqui vêm-se os resultados no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças" afirma. O professor Arlindo diz que exercer em qualquer outra escola é muito mais fácil: "Entra-se na sala, dá-se a aula, faz-se o sumário e pronto". Na Escola da Ponte o regime de tutoria permite aos alunos uma autonomia relativa e um "acompanhamento extremoso", no seio do qual Arlindo chama "uma grande família".

Em 2001 esta família passou a acolher também os quinto e sexto anos de escolaridade. Com o último governo de António Guterres, a escola primária passou a Escola Básica Integrada, devendo lecionar até ao nono ano. No entanto, o terceiro ciclo nunca chegou a abrir.

Dos 150 alunos da escola "cerca de 24 por cento têm problemas", afirma Paulo Tato, director do projecto "Fazer a Ponte". Há vários alunos deslocados, outros entre-gues a instituições e muitos jovens com deficiências mentais.

José Pacheco foi o "desassessorador" que em 1976 chegou a Vila das Aves para reinventar o sistema de ensino. Questionou tudo, misturou métodos e no fim "ficou o que funciona", diz. O professor Zé, como é tratado por todos, já se reformou, mas continua a trabalhar na escola "enquanto gostar". Foi substituído por uma psicóloga, porque "o que é preciso aprender na vida não se aprende na escola". É por isso necessário substituir os professores por bailarinos, arquitectos, artesãos, pintores, etc. No entanto, na sua opinião, "apesar dos professores serem a valência menos necessária, vão continuar a existir".

O sistema de ensino da Escola da Ponte tem os alunos no centro e os vários profissionais a gravitarem à sua volta. É o presidente da Comissão Instaladora, Ademar Ferreira dos Santos, quem o diz: "Contra o professor como centro do universo". É com orgulho que fala do sistema que "o Governo PSD/CDS tentou encerrar". "Mas como não se pode acabar com uma escola com um despacho" o Governo encomendou uma avaliação externa a uma comissão da Universidade de Coimbra. Os especialistas da faculdade de Psicologia e Ciências da Educação concluíram no seu relatório que "o ambiente de cor e música é adequado e propício às aprendizagens". Salientaram a "atenção individualizada que é dada aos alunos" e o "pioneerismo em matéria de auto-formação".

O relatório da Comissão de Avaliação Externa (CAE) diz que os alunos da Escola da Ponte "aprendem fazendo" dentro de parâmetros de "autonomia, cooperação, solidariedade, responsabilidade, cidadania, compreensão", entre outros. A CAE consultou os resultados das provas nacionais de aferição do Ensino Básico realizadas pelos alunos do quarto ano em 2000 e 2001 para comparar as médias dos alunos da Ponte com valores regionais e nacionais. Nesses dois anos concluiu que os valores atingidos pelos alunos da Escola da Ponte "são, na maioria dos itens das provas de Língua Portuguesa e Matemática, superiores às médias regional e nacional". O relatório da CAE resultou na assinatura de um



Numa escola sem turmas, os alunos dividem-se em grupos e a entre-ajuda é uma constante

contrato de autonomia entre a escola e o Ministério da Educação.

Sem horários

Na Escola da Ponte não há anos de escolaridade, mas sim núcleos de aprendizagem. Da Iniciação são os meninos que estão pela primeira ou segunda vez na escola há cinco ou seis anos. Estes últimos são os únicos que realmente não têm horário, são o expoente máximo do projecto. São onze alunos na Ponte e mais quarenta em Sezim, Guimarães.

Os novos alunos ficam neste núcleo quanto tempo for preciso, pode ser um mês ou dois anos. O grupo de tutorados da professora Ana pertence todo ao núcleo da Consolidação. E há ainda o Aprofundamento, com apenas três grupos de meninos que estão na escola há cinco ou seis anos. Estes últimos são os únicos que realmente não têm horário, são o expoente máximo do projecto. São onze alunos na Ponte e mais quarenta em Sezim, Guimarães.

O Rui explica que apesar de não ter horário, o seu grupo "entra às nove como os outros". Lição número três da Escola da Ponte: Autonomia e Liberdade. Os meninos do Aprofundamento não têm nada que lhes diga onde devem estar. Vêm os horários e os planos do dia e escolhem para onde querem ir. O Rui continua: "construímos o plano do dia a pensar nas horas que vamos passar em cada espaço".

Esta tarde, a Catarina Rocha e o Rui estudam a vida quotidiana no campo na segunda metade do século XIX. A Catarina Silva e o Nuno estão às voltas com "Ser Poeta" de Florbela Espanca. Vão passar a tarde no Pavilhão Rubem Alves, o espaço das línguas, da História e da Geografia. Com eles estão mais oito grupos de quatro crianças cada, mais duas meninas nos computadores e seis adultos.

Em cima da mesa estão vários livros e fichas. Cada um estuda como lhe dá mais jeito. A Catarina Rocha vai fazendo uma espécie de resumo do manual escolar do sexto

A Assembleia de Escola

"Já arranjaste tudo para amanhã?", pergunta a Catarina Rocha ao Nuno. Amanhã é dia de Assembleia de Escola. Ela é a presidente da mesa, ele o responsável pelo som. Foram eleitos no início do ano. As outras listas concorrentes, mesmo não ganhando, têm que cumprir as promessas eleitorais. Juntamente com as eleições para a Mesa da Assembleia, no início de cada ano faz-se uma auditoria para detectar os problemas da escola, da vila, do país, enfim do mundo. É com base nesse rol de problemas que se desenvolvem os grupos de projeto e responsabilidade. Uma das primeiras responsabilidades da Assembleia, que reúne há 20 anos, é democraticamente, efectuar uma Lista de Direitos e Deveres que considerem fundamentais.

A Catarina Silva também faz parte da mesa da Assembleia. Ela é a restante Comissão de Ajuda. "São os mais justos", diz o professor Zé ao contar a história de como surgiu a comissão. Actualmente são quatro alunos (dois escolhidos pelos colegas e dois pelos professores) que substituem a figura do tribunal. Foi durante o julgamento de uma criança, que a sua advogada de defesa, uma aluna, fez a escola perceber que "não é preciso condenar, mas sim ajudar", conta o professor Zé. O tribunal foi imediatamente substituído pela Comissão de Ajuda. Esta actua com base na Lista de Direitos e Deveres para resolver os problemas mais gra-

ves colocados na Assembleia.

No dia da Assembleia, as tutorias começam a sair ordenadamente da escola. O caminho até à sala de espectáculos é curto. A sala vai-se enchendo. As crianças fazem silêncio sem que seja necessário pedir. Este é o exercício supremo da cidadania em que são educados na escola. Todos têm direito a falar, mas só há dois microfones" diz Catarina Rocha quando dá início aos trabalhos. Depois de aprovada a acta da Assembleia anterior, os 14 elementos da mesa abrem o debate. Quem quiser falar só tem que levantar o braço.

As sessões de leitura correram bem e as festas da vila também. A Maria Clara quer "dar os parabéns à escola porque o segundo lugar é muito bom", no concurso de máscaras da vila. E seguiu-se uma ovacão para a Carina, que fez a máscara vencedora desse prémio. Depois outra para os professores, a pedido da Vânia: "Porque nos ajudaram e têm muita paciência". Segue-se o André Neto com uma intervenção muito curta: "Era só para pedir para não deixarem lixo para o chão. O Fábio é do Recreio Bom e depois é ele que tem que o apanhar". Todos abanam a cabeça em sinal de acordo. No final da Assembleia há ainda espaço para as mensagens dos visitantes e para cantar os parabéns à professora Geni e ao professor Gual.

ano sobre os meios de comunicação do século XIX. O Rui faz um exercício de um manual sobre as feiras agrícolas. A Catarina Silva e o Nuno estão com alguma dificuldade: "É muito complicado este poema", diz ela. Pedem ajuda a uma professora que lhe dá uma ficha com algumas questões de interpretação. Em conjunto, a Catarina Silva e o Nuno lá vão chegando a algumas conclusões.

De quando em quando levantam a cabeça e distraem-se um pouco. Falam de cinema e música e do que vai ser deles para o ano que vem.

Os meninos ainda não sabem. As Catarinas, como são conhecidas na escola, vão para Sezim. É um colégio em Guimarães onde ex-alunos da Escola da Ponte ingressam no sétimo ano de escolaridade, mas mantêm-se no projecto "Fazer a Ponte".

Outros dos motivos de distração é a Grécia Antiga e umas folhas que o Rui conseguiu com todos os deuses da mitologia clássica. Tudo por causa de uma encenação que andam a preparar na escola para apresentar no próximo ano. "O Julgamento de Sócrates" está a ser preparado ao nível da encenação pelos alunos da escola de Sezim. A cargo dos meninos da Ponte estão a mitologia e a civilização. É assim que vão estudando os objectivos delineados nos programas nacionais de ensino. Têm a vitalidade e a curiosidade de qualquer criança, mais a tranquilidade de quem domina o tempo, o seu tempo.

14 CIÊNCIA

Investigadoras criam associação

Mulheres são a maioria dos licenciados, mas poucas seguem carreira académica

Apesar de as mulheres estarem em maioria nos cursos de ciências, não têm visibilidade em termos de carreira, após a licenciatura. Para inverter esta tendência foi criada a Amonet

Filipa Oliveira

Incentivar a participação das mulheres na ciência, lutando pela igualdade no acesso a cargos de topo, é o principal objectivo da Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas. Criada por 16 investigadoras, oriundas das mais diversas áreas como matemática, química, física, e também de ciências sociais como a psicologia e a educação, a Amonet, que recebeu o nome de uma deusa egípcia, é a primeira associação do género em Portugal.

Nas palavras de Lígia Amâncio, psicóloga social, investigadora e uma das fundadoras da associação, em declarações ao "Diário de Notícias", "há que perceber o que faz com que as raparigas não prossigam a carreira científica". As cientistas em Portugal "têm uma progressão na carreira demorada, não atingem o topo e não têm visibilidade ao nível de gestão de órgãos", acrescenta Lígia Amâncio.

A situação que originou a criação da associação é um dos muitos exemplos da sub-representação das mulheres em lugares de chefia. Em 2003, a comissão de avaliação das licenciaturas de Ambiente e de Química eram representadas unicamente por homens, apesar de mais de 50 por cento dos docentes e investigadores serem mulheres. Para além deste caso paradigmático, quase todas as outras comissões de avaliação das licenciaturas na área da ciência apresentavam distorções no que respeita à representatividade das mulheres. Também o facto de haver apenas duas reitoras em Portugal, nas universidades de Aveiro, Maria Helena Nazaré, e Aberta, Maria José Ferro Tavares, ilustram a pouca visibilidade das mulheres no ensino superior.

A associação pretende realizar estudos sobre a baixa visibilidade da mulher na ciência, assim como apresentar propostas de diplomas, ou alterar a legislação, procurar sensibilizar os decisores políticos, a opinião pública e a própria comunidade científica, com o intuito de atingir igualdade de direitos e oportunidades entre mulheres e homens. Outros dos objectivos são a promoção de debates, a denúncia de discriminação, assim como o intercâmbio com outras organizações nacionais e internacionais. Portugal era um dos únicos países da Europa onde não existia uma associação de mulheres cientistas.



Cientistas portuguesas tentam combater a fraca visibilidade das mulheres nos lugares de chefia

Espanha, França e a Alemanha têm, há alguns anos, associações que se preocupam com a situação das mulheres na área da ciência e tecnologia.

Todos os que defendam esta causa podem tornar-se membros agregados da Amonet, independentemente de serem mulher ou homem. Contudo, para que possa ser membro efectivo com capacidade eleitoral, é necessário ser-se investigadora portuguesa, de qualquer área científica, englobando também as ciências sociais, há pelo menos cinco anos.

Feminização do ensino superior

Dentro da União Europeia, Portugal é dos países onde há mais mulheres na área das ciências, nomeadamente nas que são tipicamente consideradas masculinas como a matemática, física ou química. Apesar deste indicativo positivo, o país aproxima-se da média dos outros países no que diz respeito aos entraves que se colo-

cam à progressão da carreira.

A situação das mulheres em Portugal é comprovada num estudo feito pelo Observatório da Ciência e Ensino Superior (OCES), que demonstra que estas estão em maioria nas universidades, mas são os homens que mais seguem a via do doutoramento e a carreira académica. Segundo o estudo, as mulheres representavam 67 por cento dos licenciados, sendo o país com a maior percentagem na Europa.

O estudo torna claro que as raparigas ganham terreno em diversos níveis do ensino superior - bacharelato, licenciatura, pós-graduação e mestrado. Contudo, contrariando a tendência de feminização, o total de doutorados dá uma ligeira vantagem aos homens, com cerca de 59 por cento de doutorados, apesar de o número de mulheres se estar a aproximar. Em 1992, as doutoradas representavam 33,6 por cento do total, enquanto que em 2002 passou para os 46 por cento.

A análise da OCES apresenta

também o número de diplomados por género e área de formação em 2002/2003, demonstrando o domínio do sexo feminino em todas as áreas excepto a da engenharia, em que há cerca de seis mil homens, e menos de três mil diplomadas. A educação, por exemplo, é aquela em que é menor a representação masculina, com cerca de 13 mil mulheres e apenas dois mil diplomados do sexo masculino.

Apesar de as mulheres ganharem terreno no ensino superior, têm, por norma, menos hipóteses no acesso ao mercado de trabalho e ganham pouco mais de metade dos homens, revela um estudo feito pelo economista Eugénio Rosa, da CGTP. O economista conclui que, quanto mais elevado é o nível de qualificação das mulheres, mais acentuada é a desigualdade de remuneração entre mulheres e homens. Prova disso é o ganho médio das mulheres mais qualificadas, que se fica por cerca de 70 por cento do vencimento dos homens.

Robôs para PME's

A Universidade de Coimbra está a desenvolver com mais dezasseis grandes empresas europeias a criação de uma nova família de robôs para PME's

**Paula Monteiro
Wnurinham Silva**

O Laboratório de Robótica e Automação Industrial do Departamento de Engenharia Mecânica está envolvido num projecto europeu de criação de uma nova família de robôs para Pequenas e Médias Empresas (PME's). O responsável pelo projecto na Universidade de Coimbra, Norberto Pires, afirma que o projecto visa uma adaptação dos equipamentos destas empresas de forma a aumentar a produtividade, competitividade e eficiência.

Estes novos robôs particularizam-se pelo facto de haver uma maior interligação com os humanos. Os vários tipos de robôs existentes executam todo o tipo de tarefas que um braço humano consegue fazer, mas com mais esforço, repetitivamente e com maior precisão. A intenção não é reduzir o trabalho humano, mas sim fazer com que os novos robôs executem as tarefas que não são adaptáveis às pessoas.

O aumento da produtividade e lucro ajudará as pequenas e médias empresas a fixarem-se na Europa, ou seja, a não sentirem necessidade de fugir para países de Leste, onde a mão-de-obra é mais barata. Norberto Pires explica também que "o facto de conseguirem sobreviver no mercado europeu contribui para a riqueza do país". Pretende-se que em cinco anos o preço destas máquinas seja reduzido até cinco vezes através de uma standardização dos equipamentos e que o processo de instalação e activação dos robôs passe de quatro meses para uma semana.

A Universidade de Coimbra envolveu-se no projecto com todos os fabricantes europeus da área de robótica, várias empresas de software, com a Universidade de Lund, na Suécia, e com alguns dos mais representativos laboratórios europeus de investigação e desenvolvimento nesta área.

O projecto em desenvolvimento terá uma duração de cinco anos e o seu financiamento ronda os 18 milhões de euros. A Universidade de Coimbra não tem qualquer participação financeira neste projecto.

O objectivo é que os robôs estejam no mercado ao fim dos cinco anos. Pretende-se que todos os desenvolvimentos sejam demonstrados antes que o projecto termine e, para isso, existem empresas europeias que se candidataram como demonstradoras. O docente do departamento de Engenharia Mecânica está a tentar que uma empresa portuguesa na área da programação participe na demonstração.

Na corrida pela manutenção

No reinício da competição, o presidente acredita que atletismo vai chegar à meta

A Secção de Atletismo começou a temporada de Verão, à procura da manutenção na terceira divisão nacional

**Ana Bela Ferreira
Diana do Mar**

A Secção de Atletismo da Associação Académica de Coimbra (SAAAC) começou no passado fim-de-semana a temporada de Verão, com o apuramento para o Campeonato Nacional de Atletismo da terceira divisão, disputado na Marinha Grande. Para alcançar este apuramento, a secção participou com 11 atletas, tendo alcançado dez resultados positivos, alguns deles conseguidos pelo mesmo atleta. No entanto, os resultados oficiais só foram divulgados na segunda-feira, após o fecho desta edição. Desta forma, o presidente da secção, Mário Rui, mostrava-se expectante, embora reconhecendo as dificuldades para garantir o bilhete até Guimarães, local onde se vai disputar o Campeonato Nacional da terceira divisão.

Durante o mês de Junho os atletas da Académica vão ainda participar nos Campeonatos Distritais de juvenis, de juniores e de seniores, bem como nos respectivos Campeonatos Nacionais. Aqui o objectivo é "discutir o apuramento, a nível individual em todos os escalões", aponta Mário Rui. A nível colectivo a presença dos académicos vai notar-se no Campeonato das Beiras, que é "um campeonato regional que envolve os seis distritos da região centro", que se vai realizar em Viseu, no mês Julho.

A secção conta ainda com várias



A Secção de Atletismo procura ultrapassar mais uma barreira para alcançar a manutenção

participações individuais em campeonatos juvenis, juniores e seniores, para os quais não deverão ser mobilizados mais do que "dois atletas para cada prova".

O atletismo da Académica possui um total de 36 atletas federados e 15 que frequentam as escolas de formação. Numa avaliação global da época, Mário Rui reconhece que, até ao momento, o desempenho "não tem sido muito positivo, devido a lesões e à saída de alguns atletas de topo". Outro factor que interfere com a prestação dos atletas é o facto de estes serem estudantes e concentrarem a sua atenção, algo que o dirigente considera "fundamental". No entan-

to, Mário Rui não esquece que isto os leva a faltar aos treinos, dificultando a possibilidade de alcançar resultados positivos.

Embora a época de Inverno "não tenha sido muito positiva", Mário Rui espera para ver como vai correr a temporada de Verão que agora começou. Para o presidente da Secção de Atletismo há que "manter as esperanças na manutenção", uma vez que, no panorama do atletismo português, a competição do décimo quinto lugar para baixo "é bastante renhida".

A época de atletismo começa oficialmente em Outubro e termina no final de Julho, dividindo-se em tem-

porada de Inverno e de Verão. A primeira ocorre entre os meses de Novembro e Fevereiro, sendo que neste último se vive o momento alto da época - as provas de pista coberta. Março é o mês de abrandar o ritmo e não há competição, que regressa em Abril e encerra no final do mês de Julho.

Na temporada de Inverno a equipa dos "estudantes" possui quatro atletas no ranking nacional. Uma das atletas ocupa actualmente o primeiro lugar nacional em salto em altura. Os atletas da secção são treinados por Hugo Simões há oito anos, papel que desempenha em simultâneo com as provas que realiza enquanto atleta.

Remo prepara encontro nacional

Prova regional de velocidade de remo, marcada para o passado fim-de-semana, foi anulada devido às condições atmosféricas

Ana Bela Ferreira

Os atletas de remo da Secção de Desportos Náuticos da Associação Académica de Coimbra (SDNAAC) iam competir no Campeonato Regional de Velocidade, que teria lugar na Figueira da Foz. No entanto, as más condições atmosféricas provocaram o seu cancelamento. Esta era a prova "mais importante para as camadas jovens", no entender do presidente da Secção de Desportos Náuticos, Ricardo Reis. O objectivo dos atletas

académicos era "no mínimo a manutenção dos quatro títulos regionais" alcançados no ano passado.

A temporada de remo começa em Setembro e termina no final de Julho. Até lá a secção ainda vai disputar o encontro nacional de iniciados, infantis, veteranos e universitários que vai ter lugar no próximo dia cinco de Junho. Este ano vão participar 37 atletas, mais do que no ano anterior e, por isso, "as hipóteses de ganhar são ainda maiores", garante Ricardo Reis.

O Campeonato Regional e Nacional são, segundo Ricardo Reis, "as provas mais importantes para as camadas jovens, uma vez que não existe época de fundo e de velocidade como têm os juvenis, juniores e seniores". Daí que o presidente da secção fixe os objectivos na "tentativa de ganhar alguns títulos nacionais" nas camadas jovens.

O Campeonato Nacional de Fundo já rendeu a esta modalidade da Académica dois títulos nacionais nas camadas mais velhas. O Campeonato Nacional de Velocidade tem início em Julho, uma competição onde conquistar títulos é, também, um objectivo conforme refere Ricardo Reis.

Uma das provas mais visíveis a cargo da SDNAAC é a Regata da Queima das Fitas, que se realiza anualmente, durante a semana da festa dos estudantes. Até à edição do ano passado a regata tinha 1000 metros, no entanto, este ano foi encurtada para os 500. Um dos factores que conduziu a esta alteração foi "a areia no rio, o que torna a profundidade do rio muito baixa", explica o dirigente da secção.

Esta nova configuração faz da regata "uma prova espectáculo", pois decorre toda em frente ao Parque Verde do Mondego". A ponte pedo-

nal, que estará pronta no próximo ano, vai ser o ponto de largada da regata que terminará na ponte de Santa Clara, mantendo a mesma extensão.

No próximo ano, a secção "deverá ter um novo pavilhão no outro lado do rio" um projecto que vai ser executado pela Câmara Municipal de Coimbra, explica Ricardo Reis. A secção está a braços, também, com um projecto inovador, "a organização de uma regata nocturna", algo que nunca foi feito em todo o mundo. "Uma iniciativa arrojada" que ainda se encontra em fase de estudo devido às condicionantes a que esta sujeita, esclarece o presidente da secção.

A SDNAAC foi fundada há 23 anos e desde então possui o remo como modalidade de competição principal. Para além destas actividades desenvolvem cursos de mergulho e de cartas de marinheiro, estes vocacionados para o lazer.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Assim se faz um campeão

"A Polícia Judiciária já tentou demonstrar a importância de um empresário"

Em primeiro lugar, é necessário encontrar um presidente. Procure-se num clube pequeno, de preferência um clube amigo e que já tenha conseguido sucesso desportivo, mesmo contra ou contornando os regulamentos vigentes. Se esse presidente tiver celebrado negócios com o clube pretendente a campeão, melhor. Se tiverem sido melhores para o clube pequeno do que para o pretendente, melhor ainda. É sinal que o homem é um bom negociador.

Em segundo lugar, é preciso um empresário. A Polícia Judiciária já tentou demonstrar a importância de um empresário num clube de futebol. Os jogadores que trás são um mal necessário. Por isso, se a empresa do empresário a contratar tiver falido, tem-se o empresário sem os jogadores. Melhor é impossível.

De seguida, convém apoiar a lista ganhadora para as eleições da liga, indicando elementos para os vários órgãos sociais. Estar por dentro do processo de nomeações de árbitros, assistentes e observadores é sempre melhor do que estar por fora.

Por último, fale-se constantemente em credibilidade e transparência no futebol. Dá ideia que é o que se pretende.

Nesta fase, basta iludir um presidente inocente e aparecer ao seu lado dizendo que é preciso lutar fora da liga - porque lá dentro os interesses não deixam - pela credibilidade e transparência no futebol. (mas esta é só uma manobra de diversão. Os lugares na Liga são para preservar!)

E pronto. É limpinho...

Nota: Na última edição, por motivos alheios à minha vontade (mas não do meu pc e da minha incapacidade de resolver, em tempo útil, os seus "amusos"), foi-me impossível escrever a habitual crónica. A direcção do jornal A CABRA e especialmente aos seus ("nossos") leitores, as minhas mais sinceras desculpas.

Nota 2: O OAF tem finalmente um site oficial. O endereço é <http://www.academica-oaf.pt>. É tardio, mas está lá. E porque mais vale tarde do que nunca, o momento é de endereçar os parabéns a toda a equipa que o produziu. Há correções a fazer, naturalmente, mas genericamente parece estar bom. É um bom sinal para o futuro do OAF, esperemos que não seja apenas isso. Mas à Académica, voltarei numa próxima crónica. Por enquanto, pela enorme segunda volta, é tempo de soltar, com júbilo, um enorme EFE-ERRE-A!

Basebol regressa à Europa

A Secção de Basebol da Académica participa em várias competições, entre as quais a Cupwinner Cup, que vai decorrer em Montpellier

Diana do Mar

A Secção de Basebol da Associação Académica de Coimbra (SB/AAC) está neste momento envolvida em quatro competições, sendo que uma delas está agendada apenas para Junho. A final desta prova vai realizar-se em Abrantes e a Académica tem o seu lugar garantido, uma vez que passou as pré-eliminatórias.

Já o Campeonato Nacional, que está a decorrer, conta este ano com um novo formato: está dividido em duas ligas. A Secção de Basebol da AAC está posicionada no segundo lugar da tabela classificativa da primeira liga, onde "marcam presença as equipas mais evoluídas tecnicamente da modalidade", explica o presidente, José Valente.

Para além disso, a secção participa na Liga Ibérica, um projecto que surgiu este ano depois de um torneio realizado em Outubro, e que resulta de uma parceria entre a federação madrilena e a federação nacional. No entanto, na prática, esta liga não segue as matrizes próprias de uma Liga Ibérica, uma vez que participam as principais formações portuguesas, mas não competem as principais equipas espanholas. Em relação às competições europeias, José Valente explica que "a secção tem andado bastante empenhada em conseguir bons resultados", na medida em que já não participavam numa prova deste domínio desde



Basebol da Académica, com época bastante preenchida, volta cinco anos depois às competições europeias

2000.

No campo da formação, o presidente da SB/AAC, refere que se vive num impasse, porque a federação está em renovação e envolvida em projectos "muito próprios" vocacionados para a própria federação. Esta situação faz com que "deixe de ser obrigatório para os clubes preocuparem-se com a formação dos mais novos". O facto de a federação pretender preconizar um crescimento sustentado da modalidade obriga a uma aposta maior na promoção de iniciativas nas escolas, o que fica à sua responsabilidade. Por outro lado, José Valente esclarece que "em termos regionais as equipas têm um papel importan-

te, que não pode ser descuidado".

Estas condicionantes conduziram a formação para segundo plano, uma vez que as prioridades da secção passam por "uma preocupação maior com a época que está bastante preenchida", explica o presidente da secção. Assim, neste momento, o basebol da Académica não disponibiliza formação de cadetes, contando apenas com os seniores masculinos. A secção tem cerca de 25 atletas, maioritariamente estudantes universitários.

Em relação à promoção da modalidade, o presidente da SB/AAC afirma que "a secção possui um calendário diferente dos outros desportos, uma vez que no início do

ano lectivo, esta modalidade já se encontra no final da época". E, segundo José Valente, este "é um factor que pode desmotivar os possíveis interessados pela modalidade". No que diz respeito às expectativas, o presidente da secção de basebol adianta que espera bons resultados até ao final da época, que encerra em Setembro.

Fundada em 1988, a Secção de Basebol da Associação Académica de Coimbra, nasceu a partir dos Black Tigers, que foram os pioneiros da modalidade em Portugal. Esta secção é conhecida pela participação habitual em finais a nível nacional e conta também com participações europeias.

Badminton em recta final

A Secção de Badminton disputou este fim-de-semana o Campeonato de Elites, tendo conquistado um primeiro lugar

**Ana Bela Ferreira
Ricardo Machado**

A Secção de Badminton da Associação Académica de Coimbra participou no passado fim-de-semana no torneio de Elite. O presidente da secção, Celso Baía, categorizou-o como "o torneio de topo", no entanto apenas conquistou um primeiro lugar em pares masculinos, veteranos na categoria C.

As categorias C e D do badminton da Académica participaram, ainda, num campeonato que decorreu em Espinho. O saldo "foi positivo" com a conquista de um primeiro e um segundo lugares individual, na categoria D, enquanto que na categoria C o par misto, composto por Armando Serra e Margarida Roque, foi campeão nacional.

A época teve um saldo classificado por Celso Baía como "muito positivo, quer em termos de miúdos quer de seniores". Em "miúdos" a secção de badminton obteve "muito bons re-

sultados" ocupando seis terceiros lugares nos campeonatos nacionais de infantis, iniciados, juvenis e juniores.

Estes resultados foram alcançados com a "ajuda dos dois melhores atletas" desta modalidade, explica o presidente da secção. Nuno Santos, que já ganhou um torneio na Turquia, pela seleção nacional, em pares mistos e Mariana Gonçalves, também campeã nacional em pares mistos, num torneio disputado em Espanha.

Os atletas desta modalidade estão divididos em categorias conforme o seu desempenho a nível nacional. Numa ordem decrescente, elas classificam-se em categoria de Elite, B, C e D. Dos 12 atletas de elite, a Académica conta com dois enquanto que na B conta com um atleta e mais dois que subirão este ano. No total, a equipa inclui 33 jogadores federados e "miúdos" não federados "à volta de 25" esclarece Celso Baía.

No que respeita ao espaço de treino, Celso Baía, lamenta a "falta de espaço" que os atletas dispõem. Assim, treinam no campo de cinema ou ocupam durante "uma hora um cantinho no pavilhão três" do estádio universitário, esclarece o dirigente.

Até ao final da época a secção vai disputar mais um campeonato, no qual vão participar sete atletas.

Boxe prepara Nacional

**Secção de Boxe organiza demonstração de pugilismo no novo ringue.
Os responsáveis estão confiantes em conseguir bons resultados no Campeonato Nacional**

Carla Santos

Realiza-se no próximo dia 5 uma sessão de pugilismo organizada pela Secção de Boxe da Associação Académica de Coimbra (SB/AAC). Este evento vem na sequência da inauguração do novo ringue na sede da secção e antecede o Campeonato Nacional de Boxe, que se realiza no fim de Junho no Porto.

A equipa conimbricense leva a este torneio três dos seus atletas de competição federados. O treinador da SB/AAC, Miguel Silva, afirma que as expectativas da secção "apontam para um título nacional nas primeiras categorias no Campeonato Nacional". Isto tendo em conta que nos anos anteriores os "estudantes" conseguiram alcançar alguns segundos lugares.

Râguebi disputa a Taça Ibérica

Ana Bela Ferreira

A equipa de râguebi da Académica, que terminou a época em sétimo lugar depois de ter sido campeã na temporada passada, vai disputar a Taça Ibérica, no dia 4 de Junho. Esta prova vai ter lugar no Estádio Universitário de Coimbra e vai colocar frente-a-frente a Académica e Cetransa El Salvador.

O jogo tem início pelas 17 horas. Para esta final, o treinador da Académica, Rui Oliveira, garante que as "expectativas da Académica são as melhores e o objectivo é ganhar a Taça". A equipa de Coimbra regressa a esta prova depois de ter sido campeã em 2000.

O râguebi disputou este fim-de-semana a prova "Memorial JEP Leite". A prova realizou-se em Coimbra e é uma organização anual da equipa. Os "estudantes" conquistaram o quarto lugar na classificação, numa prova que recebeu equipas espanholas.

No sábado, os confrontos foram intra-séries. Desta feita, a Académica defrontou a Universidade de Salamanca e o Rugby de Vilamoura, ganhando todos os desafios da série A. Na série B jogaram o CDUL, o El Salvador de Valladolid e o CRAV, sendo os primeiros os vencedores.

No segundo dia de prova decorreram os jogos que definiram os lugares classificativos. Assim, em sexto lugar ficou a Universidade de Salamanca, em quinto o Rugby de Vilamoura e em quarto a Académica de Coimbra. Subiram ao pódio o El Salvador, o CRAV e o CDUL, que ficou em primeiro lugar.

Numa avaliação à classificação deste torneio, Rui Oliveira, reconhece que "o CDUL foi um justo vencedor", na medida em que "eram os mais fortes em prova". As restantes equipas "estavam todas ao mesmo nível", diz Rui Oliveira, que se mostra satisfeito com os seus pupilos.

Para além do Campeonato Nacional, a SB/AAC disputará ainda, no final deste ano, a segunda competição mais importante da época, a Taça de Portugal de Boxe, para o qual a secção espera também atingir o título nacional nas primeiras categorias.

No palmarés da equipa dos "estudantes" contabiliza-se o título de campeão na categoria de juniores, campeão nacional nas segundas categorias, e vice-campeões nacionais em várias categorias, entre outras conquistas.

Todos os dias são cerca de trinta os atletas que treinam no Pavilhão 1 do Estádio Universitário de Coimbra, 12 dos quais são atletas de competição com idades compreendidas entre os sete e os 44 anos. Para além da vertente de competição, a SBAAC conta ainda com pugilistas que procuram apenas a vertente de manutenção. Contudo, os treinos são realizados em conjunto, sendo apenas diferenciados, posteriormente, por pesos e idades. Miguel Silva esclarece que "o treino é conduzido segundo as necessidades de cada um". O treinador da Secção de Boxe acrescenta ainda que "este tipo de treino é importante para garantir que cada um retira da modalidade aquilo que pretende, quer seja a vertente de competição, quer apenas a manutenção" da forma.

Coimbra no centro do jazz

Lançamento de revista é uma das iniciativas dos Encontros Internacionais

Três dias, cinco concertos e uma série de outras iniciativas é a proposta da primeira parte do festival Jazz ao Centro

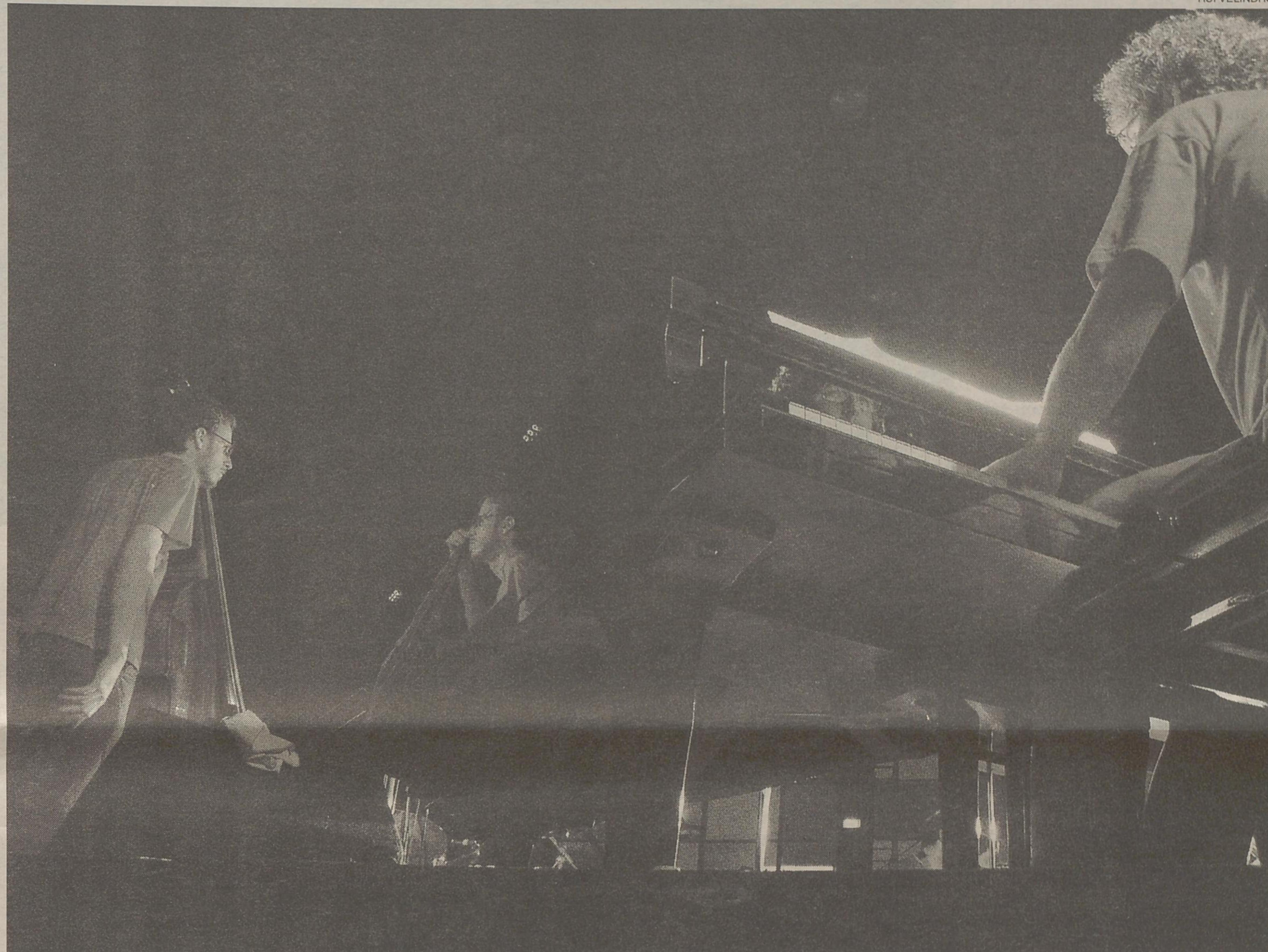
Nuno Braga
Olga Telo Cordeiro

Depois da aposta ganha no ano anterior, com a realização dos encontros em duas partes, o Jazz ao Centro Clube (JACC) decidiu manter o modelo dos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra. Enquanto que a primeira parte do festival arranca depois de amanhã, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), a segunda está agendada para os dias 3, 4 e 5 de Novembro.

Tal como tinha acontecido na edição anterior, esta primeira parte dos encontros tenta fugir da conotação com o free jazz, que ganhou no ano de estreia. Com esse objectivo, a organização apostou este ano em trazer a Coimbra formações de jazz contemporâneo. O presidente do JACC, Pedro Rocha Santos, explica que os grupos "não são forçosamente formações do free jazz, mas apresentam trabalhos diferentes com alguma modernidade e com introdução de novas formas de trabalhar e de abordar o jazz".

Esta edição, a terceira, tenta apresentar uma "linha estética mais abrangente", com o objectivo de criar um espectáculo que agrade a um maior número de pessoas. Para tal o JACC convidou cinco bandas das mais diferentes origens: desde uma formação francófona, a músicos que vêm dos Estados Unidos da América (EUA), mas de origem Indiana, passando por artistas portugueses.

A dar início à série de cinco concertos, actua quinta-feira pelas 21h30 João Paulo, um pianista que, depois de inúmeras colaborações com artistas portugueses e também estrangeiros, se apresenta agora a solo. De seguida é Lou Grassi's Avanti Galoppi que sobe ao palco do TAGV. Este quarteto composto por Lou Grassi, Rob Brown, Ken Filiano e Herb Robertson lançou, em 2004,



A terceira edição dos Encontros regressa com mais do que simples concertos, englobando uma grande variedade de iniciativas em torno do jazz

um álbum homónimo.

O segundo dia conta com um quarteto francófono "de peso", constituído por Michel Portal, Louis Sclavis, Daniel Humair, considerados dos maiores músicos da história contemporânea do jazz, e por Sébastien Boisseau, um jovem com um preenchido currículo.

No sábado, dia 4, sobe ao palco o Rudresh Mahanthappa Quartet, uma formação que vem dos EUA, de origem Indiana, composta por Rudresh Mahanthappa, Vijay Iyer, François Moutin e Elliot Humberto Kavoori. No ano passado lançaram o seu segundo álbum, "Mother Tongue", que resulta da adaptação, ao discurso

musical, de sete diferentes línguas faladas na Índia.

A fechar a primeira parte dos III Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra estará a JACC Workshop Orchestra. Esta é uma iniciativa do Jazz ao Centro, criada este ano. O objectivo é juntar dez improvisadores portugueses de várias vertentes sob o comando de Adam Lane, que esteve na segunda parte dos Encontros de 2004. "Ele vem para dirigir estes dez músicos e durante três dias vão estar a ensaiar", explica o presidente do JACC, que demonstra grande expectativa em relação a este projeto. A vontade de Pedro Rocha Santos é continuar a trazer músicos

estrangeiros para trabalhar com este grupo e criar assim uma estrutura que promova a partilha de conhecimentos.

Para além dos concertos, e como já vem sendo hábito deste festival, há outras iniciativas que integram o programa do Jazz ao Centro.

Ao longo desta semana o grupo Peinture Fraiche vai passar por diversos pontos da cidade, tocando e apresentando um espectáculo que inclui poesia, música e distribuição de panfletos. A animação de rua pretende criar o ambiente de festa esperado para os encontros.

No segundo dia, sexta-feira, pelas 15h00 terá lugar o já habitual concerto didático, que promove a interacção entre os músicos convidados e o público. A entrada é gratuita.

À semelhança do que foi feito na 2ª parte dos Encontros do ano passado, vão haver também "jam sessions" com os músicos que actuam no festival. Estas sessões decorrem sexta-feira, no Quebra Clube, e sábado, no Salão Brasil, e são uma forma de continuar o concerto e reunir as pessoas que gostam deste tipo de música para, depois dos espectáculos, aproveitar e conversar com os artistas.

Durante os três dias do festival, que conta mais uma vez com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra, pode ainda ser vista no foyer do

TAGV uma exposição de fotografias captadas nas duas edições anteriores.

Projectos em agenda

O Jazz ao Centro Clube soprou, há um mês, as velas do segundo aniversário e vai agora instalar sede no Salão Brasil. O presidente do JACC acredita que a sede vai permitir ao clube "desenvolver o trabalho com mais qualidade e dar resposta a outro tipo de solicitações".

Um dos projectos que Pedro Rocha Santos espera que se tornem viáveis, com a criação da sede, é uma escola de Jazz em Coimbra. A ideia não é nova, mas com a instalação no Salão Brasil "esta é a próxima meta do clube", afirma o presidente do JACC.

Enquanto isso não acontece, o clube continua a promover este tipo de música no centro do país. Desde sexta feira passada é responsável pelo "Jazz in Rio", uma iniciativa que de 15 em 15 dias leva Jazz ao Quebra Clube.

Também o Atrium Solum vai passar a acolher uma programação de jazz promovida pelo clube. Será na primeira quinta-feira de cada mês e o primeiro espectáculo é já em Junho. Em ambas as iniciativas os grupos portugueses vão preencher a maioria dos cartazes, contando-se apenas pontualmente com a presença de algumas formações estrangeiras.

JAZZ.PT

Mas como nem só de música vive o JACC, os "Encontros" serão também marcados pelo lançamento de uma revista de Jazz. A "JAZZ.PT" vai ser, de momento, a única publicação de edição nacional deste tipo de música.

Este projecto tem vindo a ser desenvolvido desde o início deste ano e vai estar nas bancas de dois em dois meses. Deste modo, a primeira publicação corresponde aos meses de Junho/Julho e vai ser apresentada ao público na sexta-feira, pelas 17h00, no foyer do TAGV.

O director da revista vai ser Pedro Costa, da editora de jazz Trem Azul, e os colaboradores vão ser maioritariamente de Lisboa. Porém, a organização será feita exclusivamente pelo clube de Coimbra.

Pedro Rocha Santos afirma que esta publicação pretende colmatar o espaço deixado pelo fim da "All Jazz", uma revista de edição nacional extinta no início do ano. Para isso, aproveitaram a sua estrutura, que estava sem funcionar, e avançaram com o projeto.

O presidente do JACC refere que a principal preocupação do clube "é que aconteçam coisas de qualidade à volta do Jazz e que a revista venha a provar isso". Assim, conta com a publicação para "consolidar e dar notoriedade ao trabalho realizado pelo JACC".

A iniciativa está a ser recebida com entusiasmo pelas editoras e distribuidoras da área, já que haverá espaço para críticas aos discos e diversas informações sobre o panorama jazzístico em Portugal.

Um espaço com arte à Beira-Mondego

MICAELA LOPES

Concurso de pintura e projeto de apoio a bandas são duas das iniciativas lançadas pelo Galeria Bar Santa Clara

Rita Delille

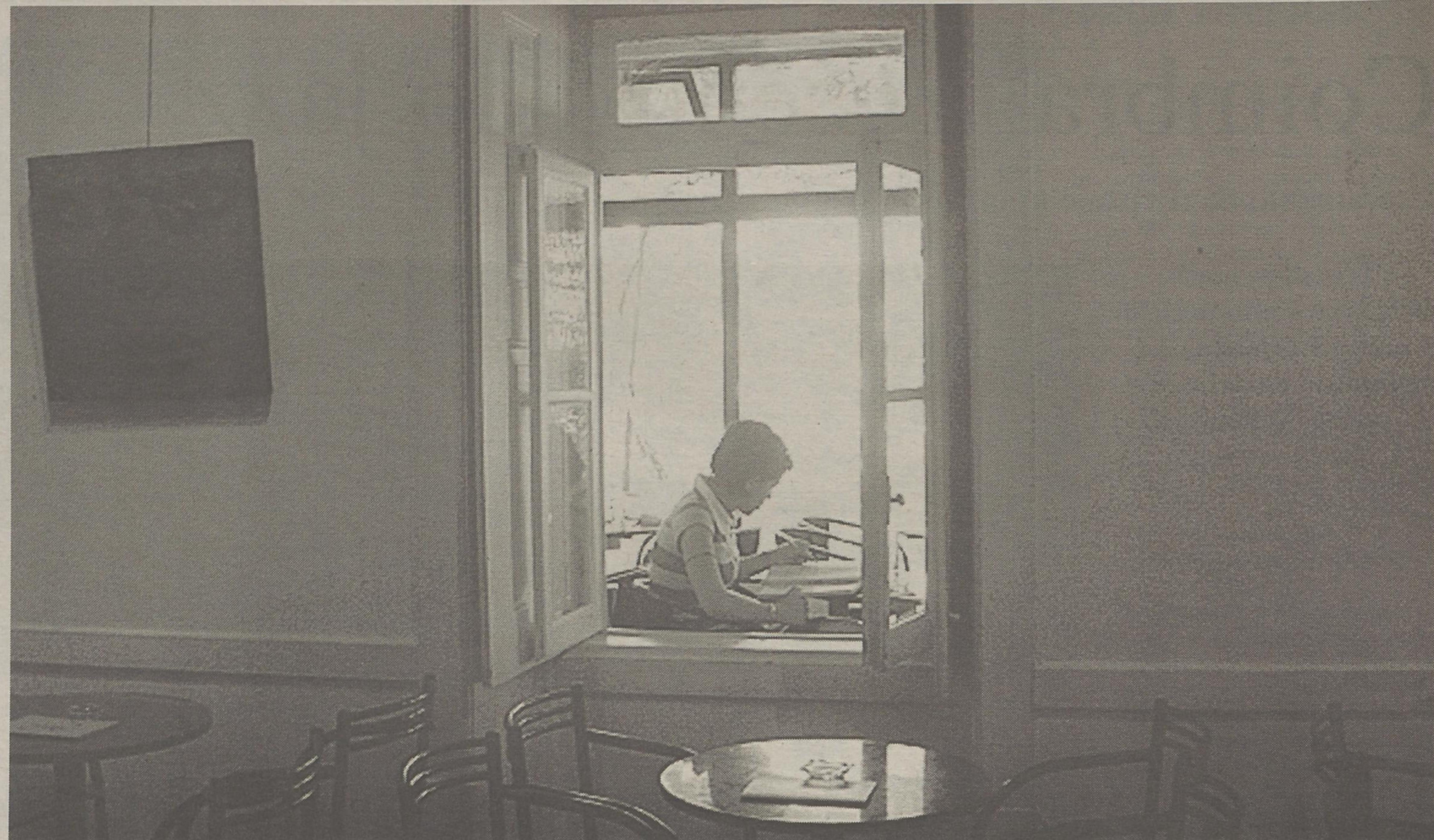
O espaço cultural Galeria Bar Santa Clara comemora este ano doze anos de vida. Não fugindo do habitual funcionamento onde artes e café se conjugam, para este aniversário foram preparadas algumas "prendas" de forma a dinamizar os dias e as noites.

Concertos ao vivo, dj's, tertúlias, mostras de "techne" são algumas das iniciativas que celebram o aniversário da casa situada entre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e o Portugal dos Pequenitos.

Neste contexto, Olga Seco, responsável pelo espaço, lançou um concurso de pintura, o "I Prémio de Pintura da Galeria Santa Clara". Este concurso "é também uma forma de dar oportunidade a artistas menos conhecidos de exporem os seus trabalhos", comenta. Isto porque, "nas exposições que se fazem ao longo do ano, é preciso optar por manter uma certa qualidade e mostrar o trabalho de artistas já conceituados e com uma obra sólida", explica. Os trabalhos serão entregues até ao final de Julho e apresentados por um júri composto por pessoas com "diferentes sensibilidades artísticas".

O Galeria Bar está situado numa casa de três pisos com um século de existência e que mantém ainda os traços originais. No último ano foram abertos ao público novos espaços. Olga Seco sublinha que "a área foi crescendo naturalmente e à medida das possibilidades", acompanhando os diferentes projectos artísticos que foram surgindo.

Recentemente, foi inaugurada a sala do último piso que é dedicada



O Galeria Bar procura abrir janelas de oportunidade para projectos em fase inicial

à exposição de peças de joalharia de jovens artistas, portugueses e estrangeiros, bem como de peças de arte mais pequenas. Neste âmbito, a proprietária adianta que se "pretende apostar cada vez mais no artesanato urbano, de design". Um artesanato menos convencional mas que está já muito divulgado nas grandes metrópoles europeias. "É um artesanato feito com materiais alternativos e que se pode usar no dia-a-dia", conclui.

Olga Seco sublinha que um dos grandes objectivos "é tornar o Galeria Bar num espaço onde se fundam várias expressões culturais". Neste sentido, estão marcados, para Julho, eventos onde pessoas de diferentes áreas artísticas trabalham em conjunto. A 16 de Julho,

quem passar pelo bar pode assistir a uma instalação que junta intervenção no espaço, vídeo e música. Mais tarde, a esplanada vai acolher uma cerimónia de Raku (técnica de cerâmica japonesa), onde se pode observar a confecção de peças de barro ao vivo. Ao mesmo tempo desenrola-se uma cerimónia de chá, acompanhada por som ambiente.

Projecto de apoio a bandas

Na passada quarta-feira, a esplanada do Galeria foi palco de um concerto da banda Jazzcuzzi. O primeiro concerto deste grupo de Coimbra, formado há cerca de dois meses, foi também o concerto inaugural no bar, no âmbito do apoio a bandas.

Os Jazzcuzzi foram o primeiro grupo a integrar o projecto que consiste em oferecer todo o material necessário e um dos espaços do bar, a cave, para os ensaios dos músicos. Em troca, a banda promete actuar uma ou duas vezes por mês, normalmente nas noites de quarta-feira.

"Todos os estilos de música são aceites", explica Olga Seco. Neste momento são três as bandas a ensaiar no espaço, uma das quais com música de influência timorense.

Olga Seco e Patrícia Marques são o "cérebro" da ideia e encontraram-se neste projecto por uma "feliz coincidência", como explica a estudante de Engenharia Geográfica. Para Patrícia, é muito importante "que alguém pegue em pes-

soas com valor, mas com pouca projecção, e que valorize o trabalho amador". Por outro lado, Olga Seco considera que os espaços devem "estar abertos a este tipo de iniciativas" e completa: "Tenho este espaço e só o posso enriquecer com a colaboração de outras pessoas". A proprietária afasta o termo "mecenato" e prefere falar numa "troca e forma de estar na vida".

Para os membros da Jazzcuzzi, uma banda com sabor a jazz, mas que mistura muitos estilos diferentes, este projecto é um "suporte que oferece material, um lugar e um horário certo para os ensaios". A banda fala ainda de uma "troca justa", até porque "a contrapartida acaba por ser boa já que dá projecção ao grupo".

Capuchinho e Lobo invertem papéis

A Encerrado para Obras comemora amanhã o Dia Mundial da Criança com uma peça cómica que conta histórias bem conhecidas de todos, de forma diferente da convencional

Daniel Boto

A Encerrado para Obras, associação cultural e artística de Coimbra, apresenta amanhã "O Capuchinho Mau e o Lobo Verde". A estreia da mais recente produção da companhia terá lugar no Teatro do INATEL, pelas 10h30, naquele que é também o Dia Mundial da Criança.

"O Capuchinho Mau e o Lobo Verde" é um espectáculo cómico criado especialmente para o público

infantil, a partir dos quatro anos, ainda que próprio para todas as idades. A peça propõe a inversão de alguns dos contos e fábulas tradicionais mais conhecidos, como o "Capuchinho Vermelho" ou "Os Três Porquinhos", com o intuito de "despertar nos mais pequenos a imaginação e o interesse pelas suas próprias histórias ou peças de teatro", explica David Cruz, o director artístico da companhia e também o autor, encenador e actor da peça.

Por outro lado, esta paródia com recurso à sátira "pretende alertar para o moralismo excessivo de algumas destas histórias tradicionais", acrescenta. Através da inversão de papéis e de comportamentos das personagens nas várias histórias são sugeridas alternativas ao modelo simbólico das versões convencionais. "O resultado é um Lobo Verde que emigra para Paris e se torna vegetariano e que tenta depois converter os seus primos, os Lobos Azuis, ao vegetarianismo. Para is-

so, conta com a ajuda dos Três Porquinhos. Há ainda um misterioso génio que, em vez de sair da tradicional lâmpada mágica, sai de uma lata de tomate", exemplifica David Cruz.

Esta produção incorpora elementos muito diversos, que lhe conferem uma dinâmica própria. É o caso da música ao vivo, a utilização de bonecos manipulados e o recurso ao malabarismo e outros artifícios que visam cativar as crianças. "Se o Lobo Verde estiver a fazer uma sopa, então por que não fazer um pouco de malabarismo com os vegetais?", questiona o encenador.

Trata-se de uma peça em que dois actores e músicos, David Cruz e Hugo Gama (co-encenação), se desdobram em quase uma dúzia de personagens diferentes (contracenando com outras tantas de cartão), que tocam instrumentos, cantam e brincam com os adereços e a cenografia de Marta Alves. Além do som ao vivo, participaram na concepção

musical Luís Pedro Madeira (Belle Chase Hotel) e o percussionista Quiné.

"O Capuchinho Mau e o Lobo Verde" foi concebido para ser itinerante e adaptável a diferentes espaços (à semelhança de produções anteriores), estando disponível para deslocações a estabelecimentos de ensino e a associações próximas. Deste modo, até Dezembro de

Encerrado para obras há dez anos

Esta é a 17ª produção da companhia profissional, que comemora em Setembro uma década de trabalho. Actualmente constituída por três actores permanentes, integra a MAFIA, Federação Cultural de Coimbra, fundada em Julho de 2001 por cinco associações artísticas: Encerrado para Obras, Camaleão, Marionet, Projecto BUH! e Trampolim.

A produção é apoiada pelo Instituto das Artes (IA) e pela Câmara Municipal de Coimbra que, salienta David Cruz, se atrasa por vezes na disponibilização dos subsídios acordados anualmente. "O apoio relativo ao ano de 2003 só foi atribuído em 2004", desabafa. Por outro lado, o director artístico sublinha: "Por vezes, é preferível trabalhar bem com o pouco que temos do que ao contrário". Porque afinal, "as artes são a única forma de não perdemos a nossa humanidade numa sociedade demasiado maquinaria".

Clássicos do cyberpunk integram ciclo de cinema no TAGV

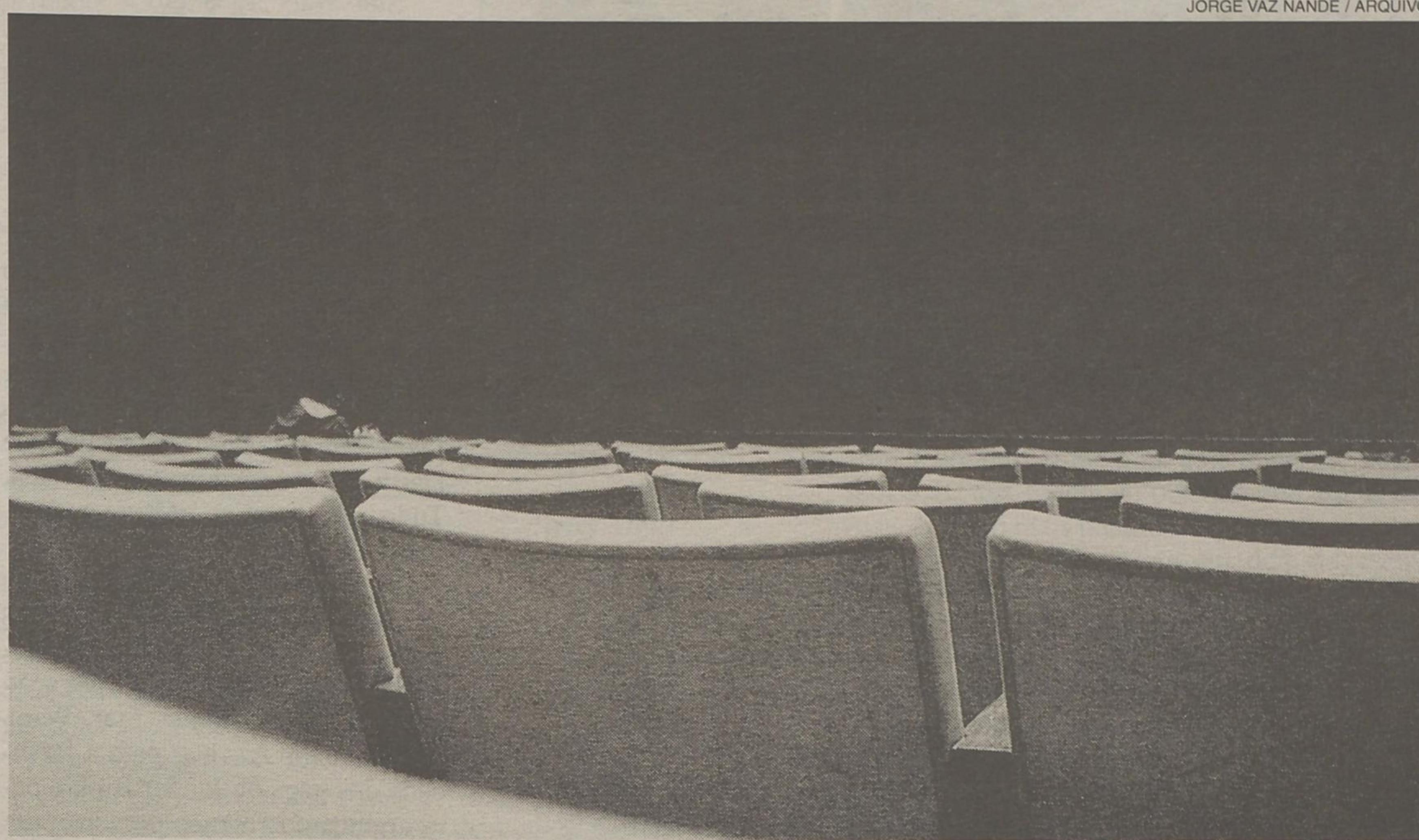
A relação quase simbiótica do Homem com a máquina é o mote da corrente cyberpunk, que irá apresentar-se em Coimbra acompanhada de um workshop de vídeo-performance

Sandra Pereira
Carla Santos

A partir de 13 de Junho, os conimbricenses poderão assistir ao projecto Fixações, que integra um ciclo de cinema de ficção científica e um workshop de vídeo-performance, ambos dedicados ao imaginário cyberpunk.

Co-organizado pelo Teatro Académico Gil Vicente, Fila K Cineclube e pelo Museu Nacional da Ciência e da Técnica Dr. Mário Silva, o ciclo integra a projeção de quatro filmes no Teatro Académico Gil Vicente. O certame abre com o filme "Blade Runner Director's Version" (1992) de Ridley Scott, seguindo-se, no dia 15 "Tetsuo: The Iron Man" (1989) de Shinya Tsukamoto e, no dia 20, "Akira" (1990) de Katsuhiro Otomo. A 5 de Julho, é a vez de "New Rose Hotel" (1998), de Abel Ferrara, pai da corrente cyberpunk.

Os quatro filmes, escolhidos pelo responsável do Fila K Cineclube, Gonçalo Barros, contêm as temáticas da corrente cyberpunk, surgida nos anos 80. Este género de ficção pós-moderno, que herdou influências do Hard Science dos anos 40-50 e do New Wave dos anos 60-70, explora a



A ficção científica que alia o Homem e a máquina vai passar pela sala do teatro académico

noção do pós-humano em que o Homem tem consciência que o seu corpo é imperfeito e por isso busca uma espécie de transcendência via tecnologia. Esta ficção busca a sua originalidade em temas como a genética, a filosofia e a pirataria informática. Gonçalo Barros afirma que estes filmes são difíceis de serem vistos no mercado português pois são divulgados apenas em formato DVD e, por isso, espera uma boa adesão do público a esta corrente. O organizador espera atingir um público mais jovem para que o cyberpunk seja conhecido e divulgado.

O workshop começou ontem e prolonga-se até sexta-feira no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, e no Colégio das Artes (antigo

Hospital da Universidade de Coimbra). É destinado a todo o público que tenha interesse nas artes performativas e tem como objectivo "a interacção entre o Homem e a máquina". Esta ficção busca a sua originalidade em temas como a genética, a filosofia e a pirataria informática. Gonçalo Barros afirma que estes filmes são difíceis de serem vistos no mercado português pois são divulgados apenas em formato DVD e, por isso, espera uma boa adesão do público a esta corrente. O organizador espera atingir um público mais jovem para que o cyberpunk seja conhecido e divulgado.

O workshop começo

interactividade", refere a organizadora.

No workshop é explorada a dimensão do "cyborg" enquanto ser híbrido - relacionamento do Homem e da máquina. "A separação entre o sujeito e o objecto serve de inspiração", acrescenta Andrea Gaspar. Será pedido aos participantes que realizem trabalhos no campo da vídeo performance para serem apresentados no último dia do ciclo de cinema. Os trabalhos vão reciclar objectos tecnológicos "e por vezes estranhos" que estão arrumados "e sem vida" no museu. Pretende-se que o público seja capaz de criar ficções criativas mas também tecnológicas, sem nunca perder a interactividade da tecnologia com o Homem.

Dia da Criança com cultura

Teatro, espectáculos multimédia e workshops são parte integrante de um projecto lúdico de cariz pedagógico dirigido aos mais novos

Bruno Vicente

A Câmara Municipal de Coimbra e o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) uniram esforços no sentido de celebrar culturalmente o Dia Mundial da Criança, que se comemora amanhã. Com esse objectivo nasceu o projecto "Festa da Criança", que engloba um conjunto de actividades destinadas aos mais jo-

vens.

Deste modo sobe hoje ao palco do TAGV, às 10h30 e às 15h00, a peça "Vinte mil léguas submarinas", realizado pelo grupo "Projecto Arte Ciência no Palco".

O espectáculo, que parte do texto original de Júlio Verne, é destinado a crianças a partir dos quatro anos. A narrativa arranca com o enfoque em duas crianças que, enquanto brincam com uma lâmpada, acreditam na magia da electricidade. A partir daí imaginam estar no submarino Nauutilus, inventado pelo Capitão Nemo. O drama desenvolve-se enquanto as crianças procuram, desesperadamente, por Nemo.

Esta peça adaptada encaixa no projecto plural "Arte Ciência no Palco", que foi criado no Brasil em

1999, com o objectivo de investigar a relação da arte com a ciência.

Amanhã, também pelas 10h30 e 15h00, ganha vida na Casa Municipal da Cultura o projecto "Música das Esferas". Dirigido a crianças dos seis aos nove anos, o evento lúdico ganha uma dimensão pedagógica, na medida em que o objectivo do projecto é tornar mais fácil a percepção das leis que governam o sistema solar, surgindo assim questões e respostas que estimulam a curiosidade das crianças pelo cosmos.

O evento "Festa da Criança" não esgota as suas actividades nestas iniciativas. Nos dias 19 e 26 de Junho e, mais tarde, a 3 e 10 de Julho, o Teatro Académico de Gil Vicente acolhe um workshop dedicado a crianças, mas também a pais.

O atelier é dirigido consoante a idade dos jovens: dos três aos cinco anos, dos cinco aos sete e dos oito aos dez anos. Com o nome "Histórias com pés e cabeça", o workshop procura estimular a imaginação das crianças levando-as a produzir animícias corporais, de modo a torná-las mais conscientes do seu corpo.

Deste modo a concentração, a atenção, a socialização andam sempre de mãos dadas durante as sessões. A responsável pelo workshop, Catarina Trota, exemplifica: "Vamos conversar com as mãos, com os pés, com os olhos, com a nossa cara... e vamos fazer histórias com pés, mãos e cabeça, e, devagarinho, vamos perceber o que queremos dizer aos outros meninos com esses pequenos gestos".

Em palco...

Rui Simões

Opinião

Manual de Sobrevivência

"Os Homens das Latas"
Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra
Encenação: Luis Mestre
Autoria: Edward Bond
Teatro de Bolso do TEUC
Às 21h30, até sexta feira

Começamos com "o mundo desenhado a carvão num papel branco". "Os Homens das Latas" inicia-se num cenário minimalista e árido, pós-apocalíptico. A falta de meios é evidente mas, mais do que um obstáculo, acaba por funcionar como mais uma importante característica cénica.

A peça, da autoria do britânico Edward Bond e com encenação a cargo de Luis Mestre, procura retratar o mundo e as perturbações de um grupo de sobreviventes de uma eventual tragédia nuclear.

Em cena, várias personagens que vivem no seu paraíso pós-apocalíptico. Julgando-se imunes à bomba e às radiações, vivem no restolho dos mortos da catástrofe e alimentam-se das Latas (de conservas). Vivem catorze no seu estranho paraíso, alicerçado no inferno no qual os restantes pereceram.

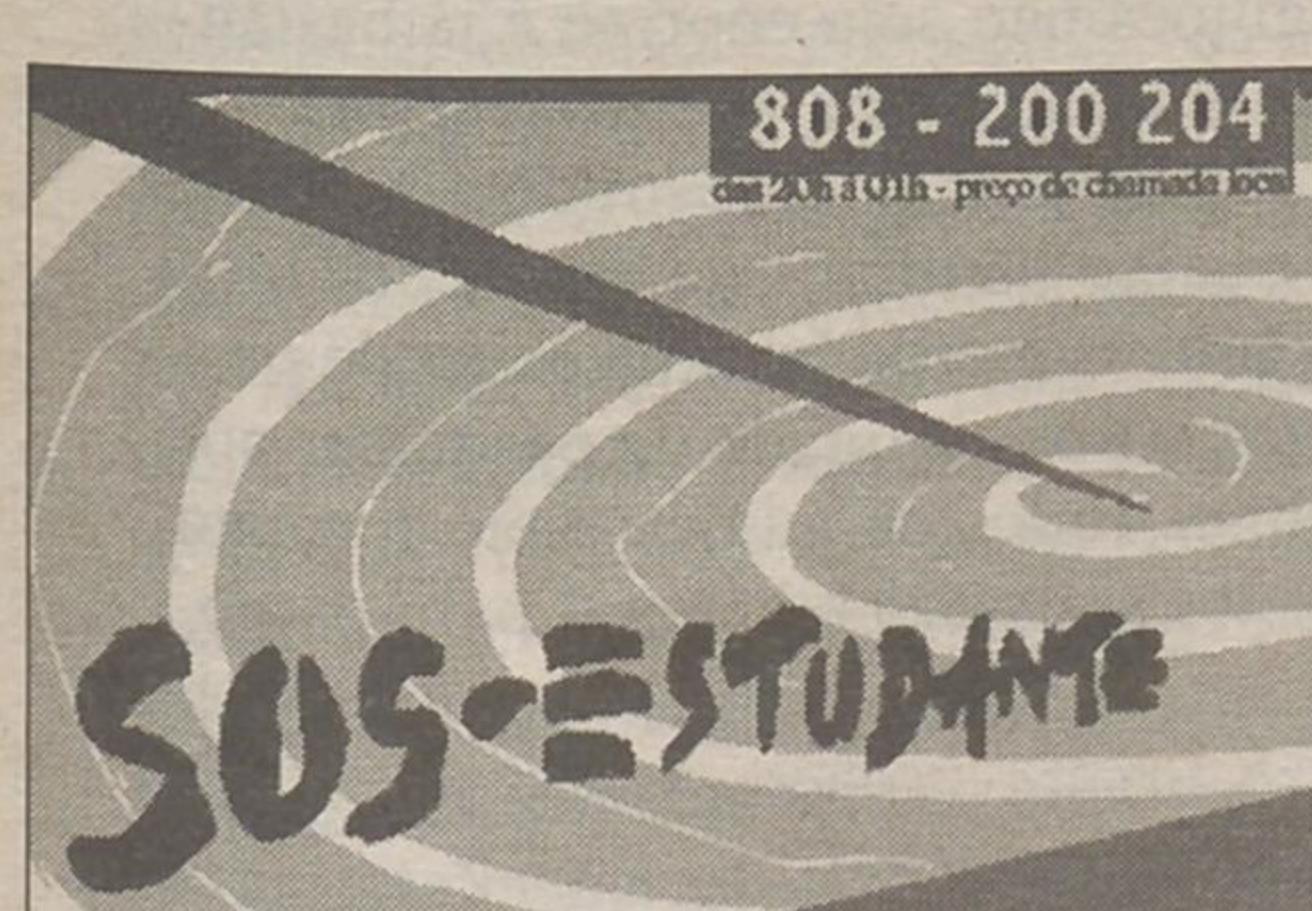
Até que um dia tudo muda. A chegada de um estranho, desigual, e uma morte, que não sabem explicar, alteram para sempre o seu estar – o seu suposto bem-estar. Primeiro: o estranho, pelo desconhecimento e pela diferença, é logo visto como a raiz de todos os males. Segundo: a morte deixa os restantes sobreviventes em alerta, na percepção de que não estão imunes. E desses dois factores renascem o ódio e o autismo primários, os mesmos que criaram o pesadelo nuclear.

A partir daí a peça continua numa sucessão de mortes, desconfianças, por entre a incapacidade para comunicar. E prossegue na formulação de hipóteses loucas e soluções ridículas, que redundam sempre na culpabilização do outro, naquele que é o estado puro de autismo. O autismo no seguimento cego de um ódio injustificado.

É aqui que se revela uma iconografia militarista, a raiar a imagética nazi, como que a lembrar que do ódio e medo do outro, da procura do paraíso alicerçado no inferno de outrem, nascem todos os maus.

O fruto do paraíso dos sobreviventes tem nome (as Latas) acaba, também ele, por se esgotar para que no fim reste apenas a lembrança do que se passou ("os motins das latas de conserva") e o desejo que as gerações futuras o saibam e não o repitam. Em nome da sobrevivência.

Uma nota final para o desempenho de qualidade dos comandados de Luis Mestre.



SOS ESTUDANTE
Linha de apoio emocional e prevenção ao suicídio
808 200 204 - 969554545 45 - todos os dias das 20h à 0h

PUBLICIDADE

ARTES

FEITAS

Navega-se...

Crimes

Nos EUA há um canal especializado em transmitir programas relacionados com a justiça norte-americana. Desde séries sobre métodos de investigação até sessões de tribunais, tudo é transmitido neste canal. O grupo dono desse canal comprou este sítio em 2000 à sua criadora Marylin J. Bardsley que o tinha criado em 1998. Neste momento já há mais de 600 histórias documentadas com informação sobre o crime, os criminosos, os julgamentos, a análise forense e perfis feitos por vários especialistas. Há casos desde 1400 e de todos os pontos do globo embora a maioria seja de anos recentes e mais norte-americanos. Na página inicial temos algumas notícias de agências e do canal televisivo assim como detalhes sobre a sua programação. Há também vários destaque agrupados por temas, que variam entre os espiões até "serial killers" passando por ladrões famosos. Para quem achar que estes conteúdos não chegam há também uma zona "premium" que é paga.

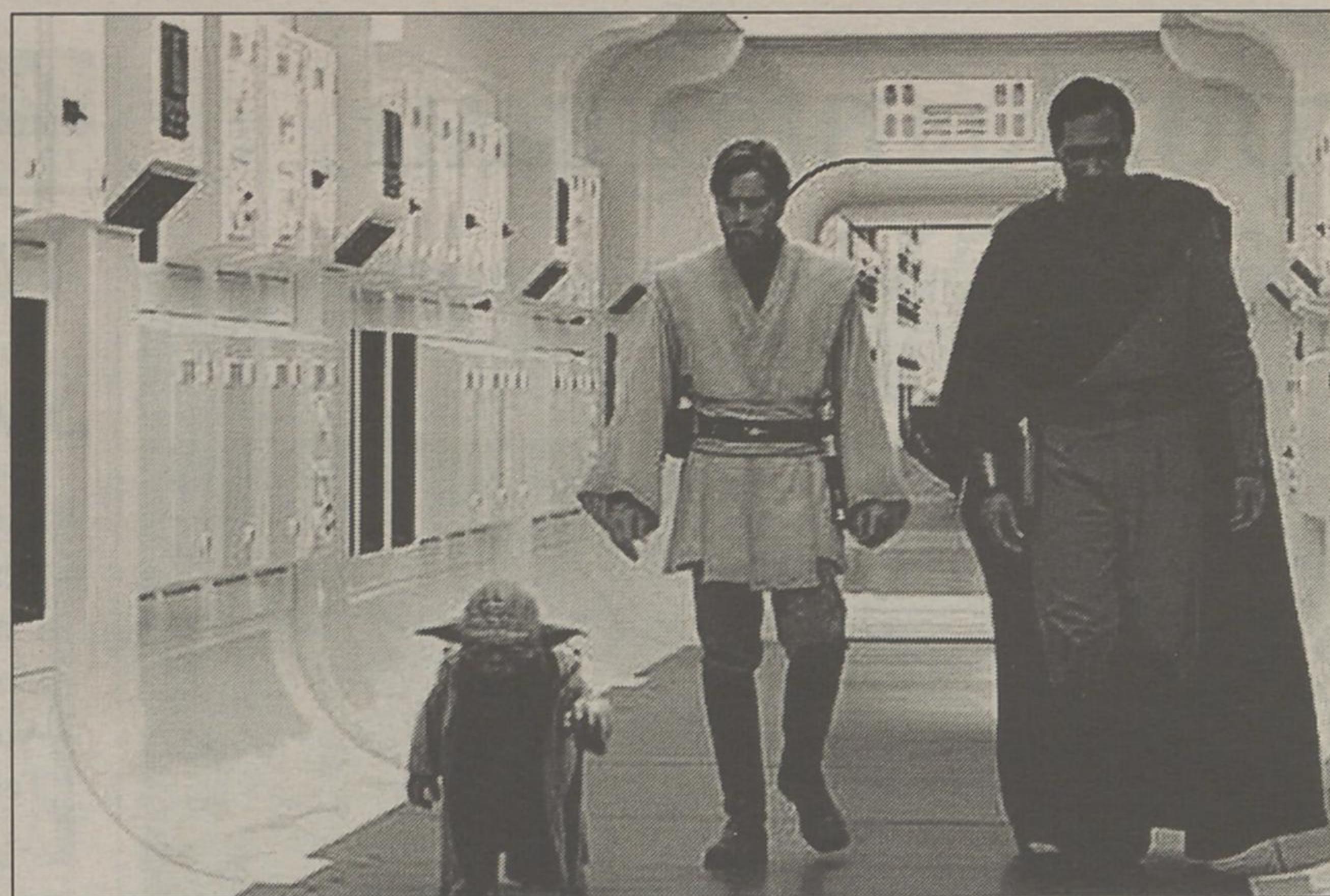
<http://www.crimelibrary.com>

Mapas

O Google tem em fase de teste um serviço chamado Google Map que serve para pesquisar informações sobre moradas. Infelizmente o serviço está limitado aos EUA, Canadá e Reino Unido, mas isso é para já. Já havia outros serviços deste género disponíveis na Internet, mas o que há de inovador neste sítio é a possibilidade de se ligar o serviço a outras páginas de Internet. Isto permite que outros sítios forneçam serviços com base no sistema de mapas do Google. Na Internet já há vários exemplos de como isso é possível e também vários sítios que explicam como é que é possível integrar este serviço noutras páginas. Para já isto não está bem dentro das regras, mas o Google está a trabalhar em várias maneiras de tornar estas ligações legais. Como exemplo temos o Chicago Crime que liga informações sobre crimes cometidos na cidade de Chicago com o Google Maps tornando possível visualizar todo o tipo de informação criminal sobre o mapa da cidade.

<http://www.chicagocrime.org>
<http://maps.google.com>
<http://maps.google.co.uk>

Vê-se...



Supernova

Desta saga, prefiro o primeiro e segundo filmes, ou seja, os episódios IV ("Uma Nova Esperança") e V ("O Império Contra-Ataca"). Gosto daquele por ter fixado a mitologia e deste por lhe ter dado a dimensão "operística" que marcou a diferença em relação à outra grande referência, os serials de aventuras, sedimentando a estética e alimentando o culto até hoje.

Por gostar tanto destes filmes, muito por razões que não têm nada a ver com cinema - afinal, a Guerra das Estrelas fixou-se no imaginário da minha geração, e não só, como uma lapa num rochedo -, é que confesso que a minha visão destas "prequelas" poderá estar um pouco distorcida. Honestamente, não gosto destes efeitos digitais, nem (principalmente) da profusão com que são usados. Se Lucas foi o principal protagonista da avanço dos efeitos especiais nos últimos 25 anos só para conseguir o que não tinha conseguido na trilogia inicial, isso é lá com

ele. Eu prefiro o plástico e o metal, mesmo que mais caros e menos maleáveis, do que toda a cidade de Coruscant. A animação digital é demasiado aborrecida, demasiado igual e monótona para o olhar.

. Desafio curioso para o espectador: vai ao cinema para dizer "que admiráveis, estes efeitos/imagem/som" ou restantes pedaços, ou para dizer "que admirável, este filme?". "A Vingança dos Sith" é um prodígio técnico, mas dá a emular "O Império Contra-Ataca"...

Por outro lado, George Lucas opta aqui por uma montagem irritante, com muitos planos a serem cortados (geração MTV *oblige...*). Não deixa ver. A luta de sabres de luz é das coisas mais belas que o cinema inventou, porque lhe é essencialmente própria (não pode haver "luz" sem imagem e "luta" sem movimento - "imagem em movimento", logo, cinema) - mas o que dizer quando o próprio homem que a idealizou não nos deixa apreciá-la em toda a sua beleza de bailado? Jorge Vaz Nande

A peça que faltava

"Star Wars: Episódio 3 - A Vingança dos Sith" é a redenção de George Lucas. Marca o fim dos três primeiros episódios da série Star Wars e o retorno ao espírito mítico da saga inovadora do fim dos anos 70.

O "escolhido" Anakin Skywalker e a princesa Padme Amidala estão casados, a República está em guerra com a Confederação e Darth Sidious prepara-se para controlar a galáxia. O jedi Anakin descobre o Lado Negro da Força e a sombra de Darth Vader é finalmente desvelada. Tudo isto "numa galáxia muito, muito distante...".

Os dois últimos episódios de George Lucas ("A Ameaça Fantasma" e "O Ataque dos Clones") haviam suscitado uma certa frustração junto da comunidade Star Wars. Senti-se um resvalar para a facilidade dos gags de Jar Jar Bink e para argumentos menos pesados com ingredientes de fácil digestão. "Star

Wars: Episódio 3 - A Vingança dos Sith" é quase um sincero pedido de desculpas, algo que ficou engasgado na garganta de George Lucas.

Paralelamente, novas portas se abrem e a Força de Star Wars adquire um sentido completo nos pormenores que agora são revelados em "Star Wars: Episódio 3 - A Vingança dos Sith". O fim de uma trilogia alimenta a ressurreição de uma outra.

Ao longo de quase 30 anos o universo Star Wars não foi mais do que uma novela que tomou proporções gigantescas. Talvez a maior de todas as novelas contemporâneas, sobre a qual se fizeram todo o tipo de interpretações e também de negócios. "Star Wars: Episódio 3 - A Vingança dos Sith" é o capítulo principal dessa novela porque vem dar à luz a personagem principal do enredo. E chega a ser arrepiante e quase histórico ver no cinema o nascimento do maior vilão de todos os tempos: Darth Vader. Rui Pestana

Star Wars: Episódio III - A Vingança dos Sith / George Lucas

Gustavo Sampaio	-----	-----					
Jorge Vaz Nande	George Lucas cegou-se com a sede de conquistar um público mais jovem. Quem perde é a saga...	████████					
Rui Pestana	A Força de Star Wars adquire um sentido completo nos pormenores que agora são revelados	████████████████					
Tiago Almeida	Tal como os Sith, o termo do ciclo dispara em direções diversas, mas apenas em algumas nos estimula	████████████					
A evitar	████	Fraco	████	Podia ser pior	████████	Vale o bilhete	██████████
A Cabra aconselha	████████████████	A Cabra d'Ouro	████████████████				
Todas as críticas em acabra.net .							

Biblioteca de crimes

"Crime Library"

www.crimelibrary.com

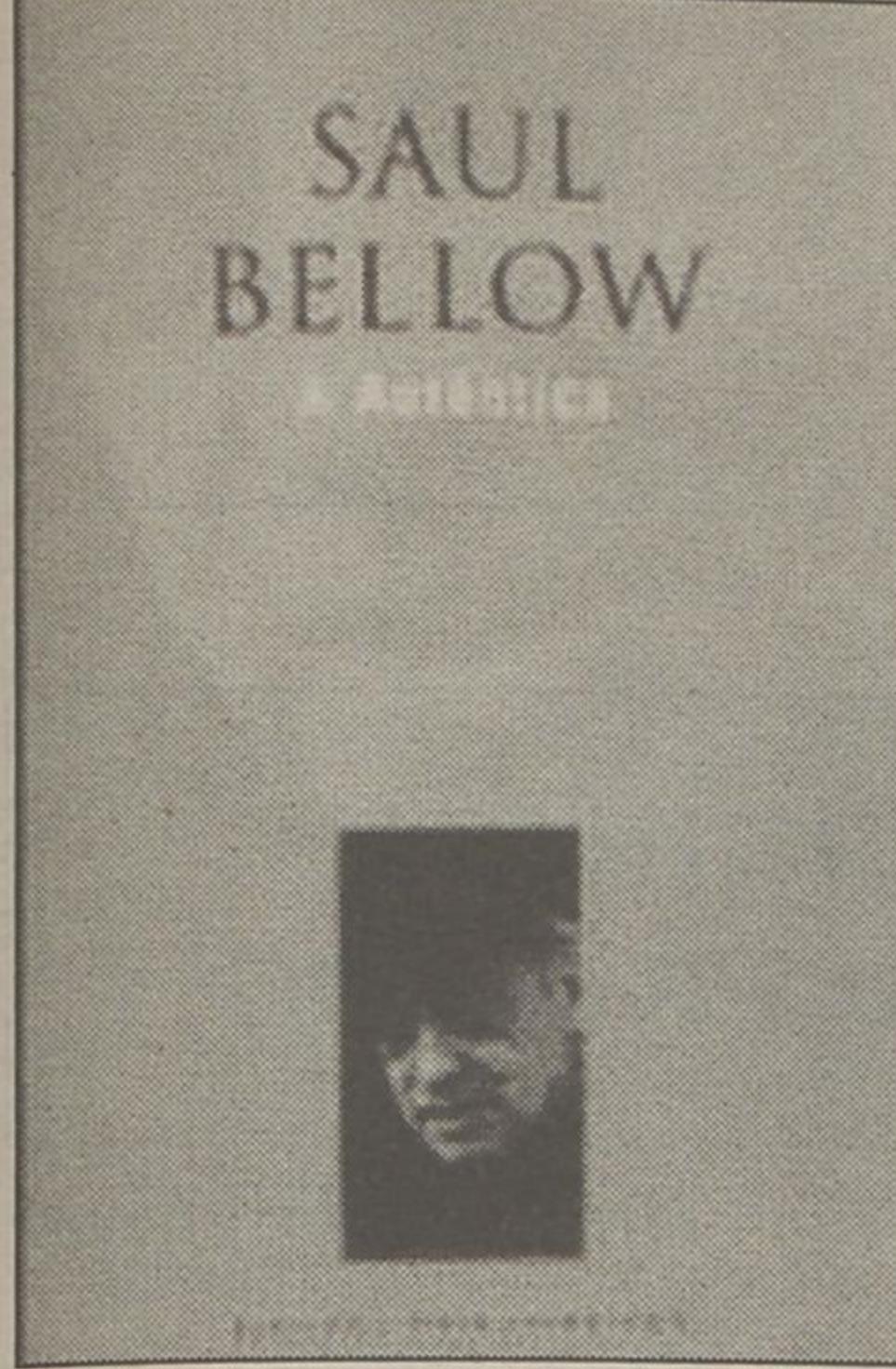
Guiões

De certeza que já utilizaram os serviços do Internet Movie Database (IMDB). Agora temos também o Internet Movie Script Database (IMSDB). O objectivo deste sítio é ser uma biblioteca de guiões de todo o tipo de filmes. Embora a coleção de guiões não seja enorme é já bastante desenvolvida embora alguns dos guiões sejam apenas versões de desenvolvimento e não as finais. Na página inicial é mostrado em destaque as últimas quatro entradas. Mais abaixo há uma lista maior dos últimos guiões a dar entrada no sítio. No lado esquerdo há uma caixa de pesquisa. Para além dessa caixa há também a possibilidade de pesquisar por letra do alfabeto ou por género do filme. Todos os guiões estão formato html, portanto não há necessidade de ter software adicional para os poder ler.

<http://www.imdb.com>
<http://www.imsdb.com>

curado@yahoo.com

Lê-se...



Saul Bellow
“A Autêntica”
Teorema, 2000.

6/10

Autenticidade “ma non tanto”

No passado dia 5 de Abril morreu o Nobel Saul Bellow, um consagrado, polémico e galardoado escritor norte-americano, que mereceu breves honras na imprensa nacional e uma nota de rodapé nos noticiários portugueses.

“A Autêntica” (“The Actual”) foi escrita em 97, afirmando o autor, então, que esta seria a sua última obra, para depois nos premiar com “Ravelstein” e “Collected Stories”.

Esta novela tem como pano de fundo o amor adolescente, o primeiro amor, de Harry Trellman por Amy Wustrin, que, volvidos anos, quotidiano e coisas não ditas, se reencontram circunstancialmente e se resolvem na trasladação do corpo do ex-marido de Amy e ex-amigo de Harry, que por piada e ironia do destino acabou sepultado ao lado da ex-sogra. Pelo meio recortam-se apontamentos de personagens tipo que se movimentam em ambientes cosmopolitas de uma certa classe social endinheirada e das suas idiossincrasias, em que Harry surge como observador e oráculo silencioso, um presente ausente por opção, que se escusa, mais por cobardia do que por orgulho, a partilhar os seus desejos, findando esse exílio espiritual apenas no reencontro com Amy. Harry, que se habitou, pelo peso das circunstâncias familiares e fisionómicas, desde tenra idade a observar mais do que a falar de si, está presente num jantar de ilustres oferecido por Frances Jellicoe, com o objectivo de reabilitar a imagem do marido, que não se adequava à representação social de um bom partido. Nesse jantar, o velho Sigmund Adletsky, um grande empresário reformado, repara em Harry, ou melhor, no olhar perscrutador desse, convidando-o para reuniões privadas a fim de se manter a par do que se passa nas festas, jantares e afins da élite de Chicago. Amy, por circunstâncias quase tão fantásticas com estas, acaba por se tornar na decoradora e avalista protegida do simpático casal Adletsky, que pretende comprar a casa de Bodo Heisingers, casado pela segunda vez com Magde, mulher ambiciosa que engendrara com um amante matar o marido e fora perdoada por Bodo mais por vontade de excentricidade do que por bondade e amor.

Esta pequena novela, que se lê num entretanto, sabe a pouco, não pelo enredo mas pela superficialidade como este é tratado, mera observação sociológica dos ambientes e personagens, em que – e este tom parece ser o mais interessante dada a carreira académica do autor – o observador acaba por se expor.

Salvaguardando a tradução, que será sempre uma traição, levada a cabo por Rui Zink, não resiste a observar algumas gralhas nesta edição que, se de facto não são erros, surgem como evitáveis. E, a propósito de traduções da obra de Saul Bellow, deixo as referências: “A Organização Bellarosa”, Terramar; “Henderson, o rei da chuva”, Livros do Brasil; “Herzog”, Relógio d’Água; “Morrem mais de mágoa”, Círculo de Leitores; “Na corda bamba”, Dom Quixote; “Agarra o dia”, Fragmentos; e “Ravelstein”, Teorema. Andreia Ferreira

Desenha-se...



Alex Ross e Mark Waid
“Kingdom Come 1: Estranho Visitante”
Vitamina BD, 2004

5/10

Não se deve julgar um livro pela capa

Arte. É sobretudo do que esta obra vive - da maravilhosa arte pintada que Alex Ross dá a mostrar ao leitor; porque embora não seja o melhor trabalho do artista (veja-se por exemplo “Marvels” ou “Astro City”, não editados em Portugal), continua a constituir um óptimo exemplo do quanto espectacular podem resultar os meios técnicos tradicionais (neste caso a aguarela), quando bem aplicados. E na edição portuguesa a arte foi ainda melhor aproveitada, devendo ao formato europeu em que a obra foi editada.

“Kingdom Come 1: Estranho Visitante” é o primeiro de uma série de quatro volumes. É uma história da coleção “elseworlds” da editora americana DC Comics, em que as personagens são colocadas em épocas e/ou ambientes diferentes daqueles que normalmente as envolvem, para aí viverem uma situação hipotética que em nada influencia o decorrer das histórias normais. Neste volume é apresentada uma geração envelhecida dos heróis clássicos da DC: Super-Homem, Mulher Maravilha ou Batman, entre outros, surgem num futuro próximo em que uma nova geração de heróis e vilões se debatem em grandes batalhas épico-apocalípticas; no meio disto, os heróis têm ainda de evitar uma grande catástrofe que paira sobre todos. Argumento fraco, visto e revisado vezes sem conta, que em nada faz jus à arte que o acompanha. Se Alex Ross não fizesse reviver o velho espírito dos “super-heróis em collants”, em posições e falas épicas, com belíssimos efeitos de luz e perspectivas cinematográficas arrojadas, este livro iria passar totalmente ao lado. Assim, sempre agrada sob a perspectiva artística, ou então aos fãs acérrimos deste género tão popular na banda desenhada. José Miguel Pereira

Ouve-se...



The Eighties Matchbox B-Line Disaster
“The Royal Society”
Universal International, 2005

7/10

Uma surpresa do caraças

Os Eighties Matchbox B-Line Disaster (EMBD) são uma banda estranha. Confesso que nunca acreditei muito neles. Quando conheci o primeiro álbum da banda, “Horse of the Dog”, fiquei espantado. Como é que temas como “Psychosis Safari” e “Celebrate Your Mother” cabiam num álbum de qualidade tão duvidosa? Desiludiu-me sobretudo, o facto de dois temas de um rock tão poderoso quanto cru partilharem a mesma roda de plástico que temas de uma qualidade bem mais duvidosa, a roçar o metal mais manhoso. E é verdade: as comparações com a voz de Serj Tankian, dos System of a Down não são, de todo, escusadas.

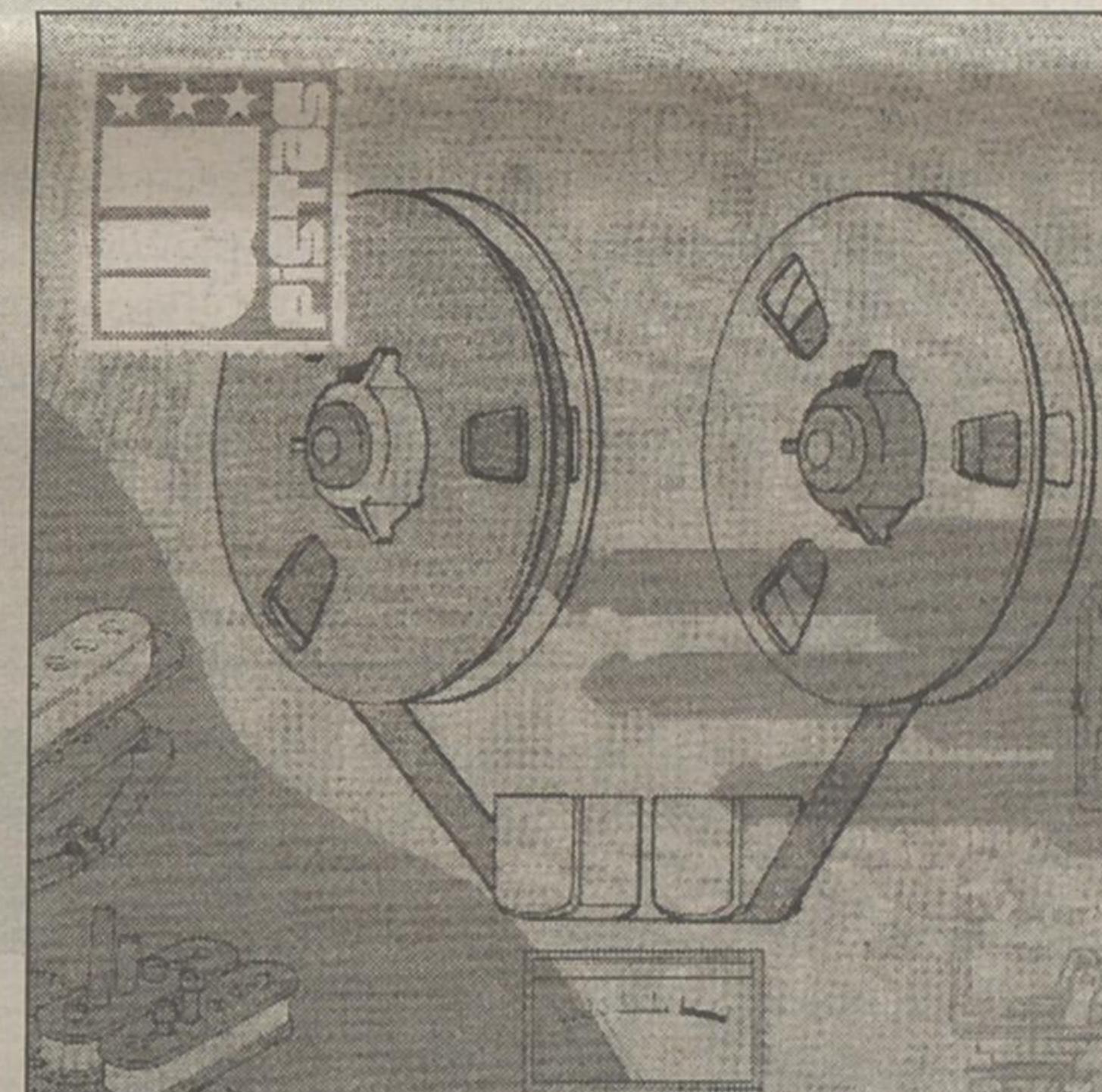
“The Royal Society” vem baralhar as minhas contas. É verdade que “Mister Mental”, um tema já bem conhecido, dava indicações de que as coisas pudesssem mudar para melhor. Mas à segunda, os EMBD calaram muito boa gente.

Quando ouvi este álbum pela primeira vez, fi-lo sem lhe dar a devida atenção. Mas sem saber bem porquê, fiquei com vontade de o ouvir outra vez. E comecei a apercerber-me das coisas.

Oiça-se “I Could Be An Angel”, “Puppy Dog Snails”, When I Hear You Call My Name”, “The Dancing Girls”. Oiça-se o álbum todo. De penalty.

As influências estão em edição revista e aumentada, mas ainda assim, sempre com conta, peso e medida. Continuam por lá a tocar os Cramps, por entre muito 70’s garage rock, sempre com um pendor negro a dar a impressão de que os Sisters of Mercy também não serão estranhos à casa. Mas depois de tudo isto, de onde é que sai o trompete abafado de “Drunk on Her Blood”? Não sei bem, mas lá que resulta...

Logo a seguir vem o já referido “Mister Mental”, a relembrar-nos que estamos a ouvir os EMBD. E abre-se-nos um sorriso: afinal há esperança. Ou não? A verdade é que a parte final deste álbum deixa a desejar... Regressam as melodias e sonoridades que pretendem soar mais pesado. Perda de tempo. Ressalve-se ainda assim “Temple Music”, que se safou muito bem com melodias alegres e uma letra proto-gótica que não pode (nem quer) ser levada a sério. Emanuel Botelho



Vários
“3 Pistas”
Universal, 2005

6/10

Um projecto original, que perde na comparação com as músicas originais

3 razões para comprar o CD “3 Pistas”?

1. As bandas que nele figuram.
2. As versões das músicas nele presentes.
3. O preço: 6.90 euros muito justos, para um disco bem superior a muitos que se vendem por quase três vezes mais.

3 razões para não o fazer?

1. A dificuldade em encontrá-lo: para já, apenas foi posto à venda em conjunto com o Diário de Notícias e a quem não o encontrar nas bancas resta esperar que a Universal o coloque nas lojas.

2. O facto de as versões aqui presentes perderem, na maior parte das vezes, na comparação com os originais.

Ok. Apenas há 2 razões para não o comprar. Portanto, 3-2 é o resultado final e justifica-se a compra do disco. Agora, explicando-o:

As suas faixas foram concebidas em estúdio para transmissão no programa radiofónico de Henrique Amaro “Portugália” (Antena 3). Na sua construção, apenas foi permitido aos músicos o uso de três microfones e a activação de três canais na mesa da mistura. A solução passou pela criação de um formato minimal e pela procura de

novas soluções para as músicas a apresentar. Agora, no que é que isto resultou?

Salvaguardando a obrigatoriedade desta “falta de meios”, resultou num disco em que se salienta a originalidade do projecto e se lamenta o facto de as versões tirarem alguma energia (poder, calor ou impetuosidade) às músicas versadas.

Desenvolvendo, o que fica deste disco: a sensualidade, agora menos enérgica, de Mónica Ferraz (Mesa); a belíssima “Gota d’Água” de Chico Buarque, que não perde o seu açúcar na voz de JP Simões (Quinteiro Tati); uma “Carta”, dos Toranja, que já foi reinventada mil e uma vezes, e continua a funcionar; uma “Chaga” (original dos Ornatos Violeta) que tem um grande poder, mas não arde como na voz de Manuel Cruz; uma “Dá-me Lume” (de Jorge Palma) electro-tribal, interpretada pelos 1-uk Project; o som “tá-se bem” dos Repórter Estrábico, que dá um colorido engracado a “Charlie Don’t Surf” (dos The Clash); um Jorge Cruz que não mostra o calor e cor da voz de Marta Ren (Sloppy Joe) em “O Calor”, mas que a reafirma como uma música facilmente audível; e para completar, uns Blind Zero, Tigerman, Mão Morta, Melo D & Good Vibe e Dead Combo iguais a si próprios. Rui Simões

22 ESTÓRIAS

Vida Moderna - 16º Episódio

O Retorno

K. gosta de falar para si mesmo, sublinhar determinadas ideias, evocar intenções. Um hábito de tal forma enraizado que não se apercebe de que as outras pessoas o ouvem. Desta vez foi uma senhora de idade, sentada ao seu lado, que esboçou um leve sorriso de condescendência. Não poderia imaginar que ele nunca iria ver essa exposição, obviamente não por falta de tempo. K. ficou algo embaraçado. Tentou concentrar-se nas notícias do jornal, na sua leitura, mas sentia-se observado. De facto, a senhora estava a olhar para um artigo da última página, qualquer coisa relacionada com escavações arqueológicas. E sussurrava algumas palavras, como que denunciando a sua leitura. Visivelmente incomodado, K. acabou por guardar o jornal na mala, dirigindo depois o seu olhar para o lado oposto da estação.

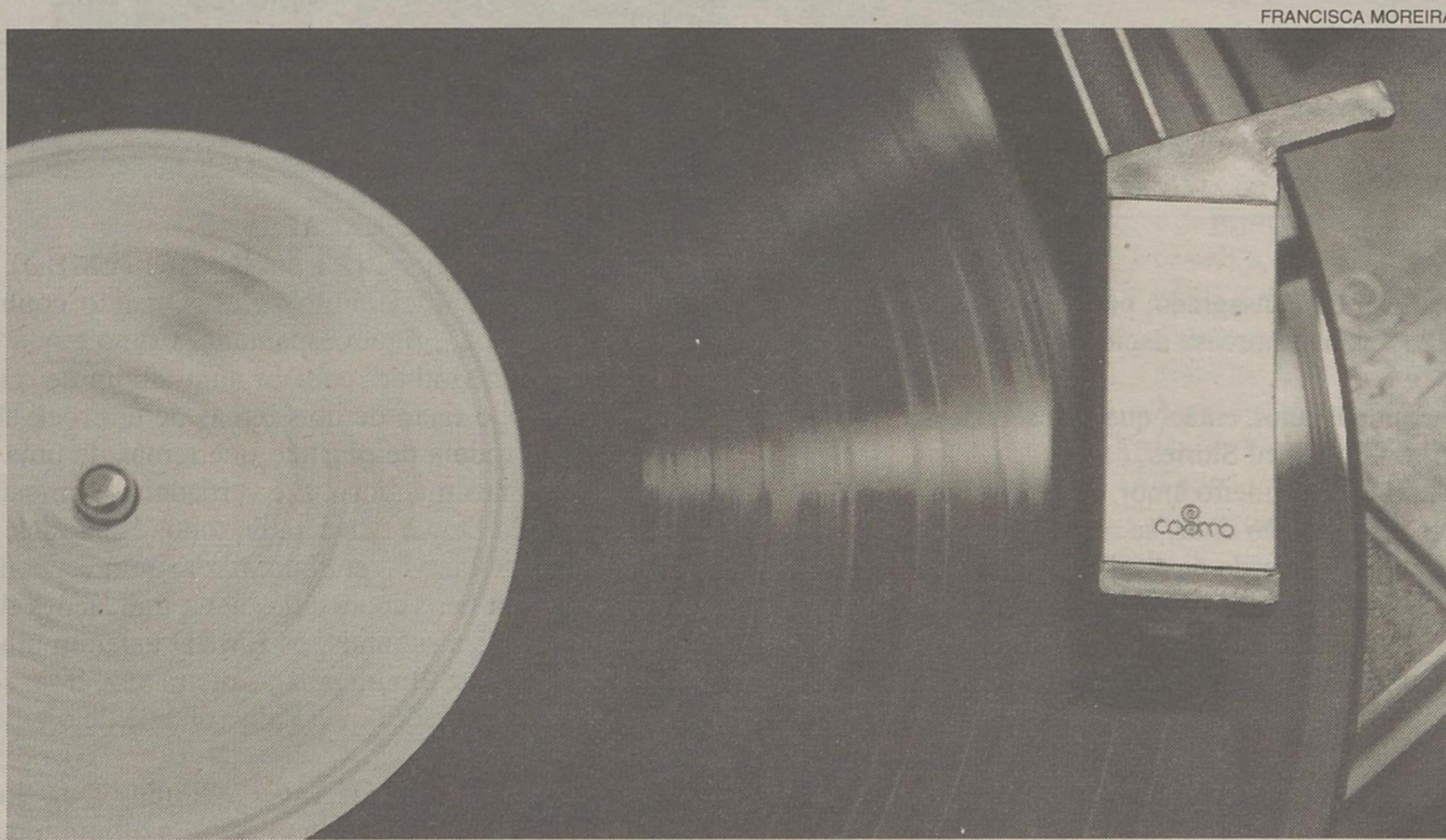
Um indivíduo de fato azul-escuro e mala preta levanta-se da cadeira e encaminha-se para junto da linha. Começa a ouvir-se o ruído característico do comboio, cuja chegada a horas é previamente anunciada através de uma voz fria e automatizada. Curiosamente, para além do referido in-

divíduo não há mais ninguém na plataforma. K. acha estranho. Enquanto que no seu lado, no sentido da Grande Cidade, se acumulam dezenas de autómatos, no outro lado, no sentido da periferia, encontra-se apenas um indivíduo, com aspecto de executivo a caminho do trabalho. Durante a manhã não é habitual haver alguém a apanhar o comboio no sentido da periferia, muito menos alguém que vai trabalhar. As suas suspeitas revelam-se mais pertinentes do que poderia alguma vez supor, sendo o barulho do embate tragicamente esclarecedor.

O comboio pára. Vários autómatos correm em direção à linha mas não ousam saltar da plataforma. Detêm-se na borda, agitados, apontando com o dedo indicador ou colocando as palmas das mãos sobre a cabeça. Ouvem-se gritos. Dois polícias irrumpem na multidão e descem até aos carris. Deparam-se com um corpo trucidado e respectivo rastro de sangue. Pela manhã.

K. baixou os olhos, preferindo não ver a morte de tão perto. Inerte à enorme agitação, quase pânico, dos autómatos, retirou um livro da sua pasta e começou a ler a primeira página. Era uma

manhã submersa no mais profundo dos sonhos, prolongado desde o leve acordar perante a luz da aurora, na cama destapada, com o aroma da tua presença, o brilho dos teus olhos, o gosto da tua boca na minha, e o ruído dos carros que passavam na rua. Uma manhã de sábado em tons violeta que parecia chamar-me para o ar livre, com o doce sussurro do vento a embater na janela do meu quarto, como que a protestar contra a minha preguiça de final de semana. O tempo levitava, suspenso no alto do céu azulado, sem que me apercebesse da sua passagem. **Gustavo Sampaio**



FRANCISCA MOREIRA

(Na) Primeira Pessoa

Falhas

"Falhas todos as temos, mas crónicos remorsos são por demais indesejáveis"... é assim que começo uma música mais velha do que eu. Desde uma palavra a mais ou a menos que se disse, a um "sim" que devia ter sido um "não", ir pela esquerda quando se devia ter ido pela direita, ou até mesmo atirar a matar quando o caminho a seguir devia ser o da serenidade, todos temos falhas e eu não fujo à regra. Os erros fazem e farão parte de mim.

Mas, como diz a velha música que o Tim escreveu ainda em tenra idade, não temos de nos prender aos nossos fracassos e frustrações. Passar toda a vida com os erros que se cometem conduz à estagnação, à limitação de progressos e objectivos. E eu já fui assim: já me limitei a remoer os meus lapsos, a fixar-me no que tinha feito de mal, a passar o presente a pensar no passa-

do. Até que algo (ou alguém) me abriu os olhos.

Hoje não erro menos do que nessa altura... mas mudei a minha forma de encarar as minhas falhas. Extraio o que de positivo desses erros têm para me oferecer. Hoje vejo na derrota a chave de uma próxima vitória e tento transformar os tropeços que dou na vida em aprendizagem. Vivo mais o presente (sim, estou-me a tornar repetitivo nas crónicas) e menos o passado, e convivo conformada e tolerantemente com os meus defeitos e falhas, sempre à espera que essa tolerância se estenda a quem me rodeia. Admito que nem sempre é fácil.



BRUNO GONÇALVES

Falando em falhas, lembrei-me que tenho exame amanhã e ainda não estudei nada. Quanto à música, acaba com "rebolar no lodo só serve para te sujar"... não vou comentar esta parte. **João Campos**

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

Os sós e os juntos

Teria sido como se naquele despertar de espoamento no alpendre dos braços da mãe, ao abrir os olhos de vivo, o Álvaro pronunciasse o futuro ao largo: para os touros, para o mar, para uma zurrada antes, outra depois, mesmo durante, um cuidadinho destilado para mentir ao medo e ao destino e emprestar uma nova força às pegas, tantos anos feitos depois de poiar com um orgulho de receio no abraço dos amigos, os três mirrados no papel fotográfico, os três, cada um com o seu terror, o peixe tão grande e gordo para as mãos leves, pescado ainda mexia, os músculos, a água, o sal aos pulos e o bicho de mar nos últimos coices molhados de vida, desesperado, no fogão já cheirava o assado, e arrumava-se tão bem a manhã, com as máscaras da brincadeira, tiras negras de zorro miúdo, dois buracos, dois olhos, seis no conjunto, três mascarilhas a pedirem mais e mais sem descanso para trincar o peixe, silenciosos às postas, quando o sol pairava sem dureza, a sardanica à espreita na roseira brava e rodelas de restos, queijo e chouriço, para a caça aos ratos, os tímidos perseguidos do jardim, alpista e pisco para os pardais, tardes desfiladas a escorregar pela rampa de pedra miúda, em flecha, um só carro de rolamentos, sem pedais, seis e oito pernas, duas maiores a empurrar por ali abaixo, até ao sinal de sentido proibido, no bico da esquina, travar antes que a madeira esmurrasasse a pedra grossa, e depois os joelhos para quem lhes pusesse uma mão maior de cuidado antes da expedição na casa das sombras, ninguém diria que fugíamos das horas certas do lanche para a aventura às escuras, por entre o nome das árvores baptizadas a canivete, ia um de nós, tirado à sorte, a guiar o caminho, com berlindes e pedrinhas, às vezes um pau de vassoura na mão como arma de arremesso ao susto, tantas vezes ele passou de visita, e só ouvímos o cão a ladrar nas traseiras, a corrente a raspar no cimento, os nossos passos bem medidos, a chadeira do vento, lá ao fundo, no sentido das nossas costas, o jogo de bola para os maiores e para os estrangeiros de férias que tinham ali casa todo o ano para duas semanas de peixe grelhado, alface, tomate e pepino, manhãs de praia, whisky à noite, e os sacos de compras na bagageira.

Não sei o que nos aconteceu depois, por onde encurtámos caminho. Deixou de ter brilho caçar besouros a noite, as férias grandes desapareceram, o Verão perdeu tamanho, nunca mais pareceu o mesmo. As casas são as mesmas, mas ninguém as habita.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Um homem faz a sua sorte

O empregado de uma bomba de gasolina passou o turno da noite a raspar bilhetes de lotaria, deixando uma enorme dívida. Depois, deixou um bilhete a pedir desculpa

Ainda hoje Bryan Lietz não sabe o que lhe passou pela cabeça. Este indivíduo de 40 anos de idade, residente em Perham, no estado do Minnesota, afirmou que "não é normal roubar". Porém, nas horas mortas, enquanto Bryan fazia o seu turno na bomba de gasolina onde trabalhava, não era bem trabalho o que ele estava a fazer. De acordo com uma queixa-crime, Lietz esteve alegadamente a raspar bilhetes de lotaria instantânea no valor de 1400 dólares (mais de 1100 euros), sem pagar por isso.

Quando terminou a sua tarefa, Bryan sentou-se e escreveu uma carta a pedir desculpa ao patrão. "Não sei porque fiz isto. Preciso realmente desse emprego. Não tenho uma razão plausível para o ter feito. Não sei o que aconteceu na realidade. Mas aqui está. Fí-lo.", dizia a missiva.

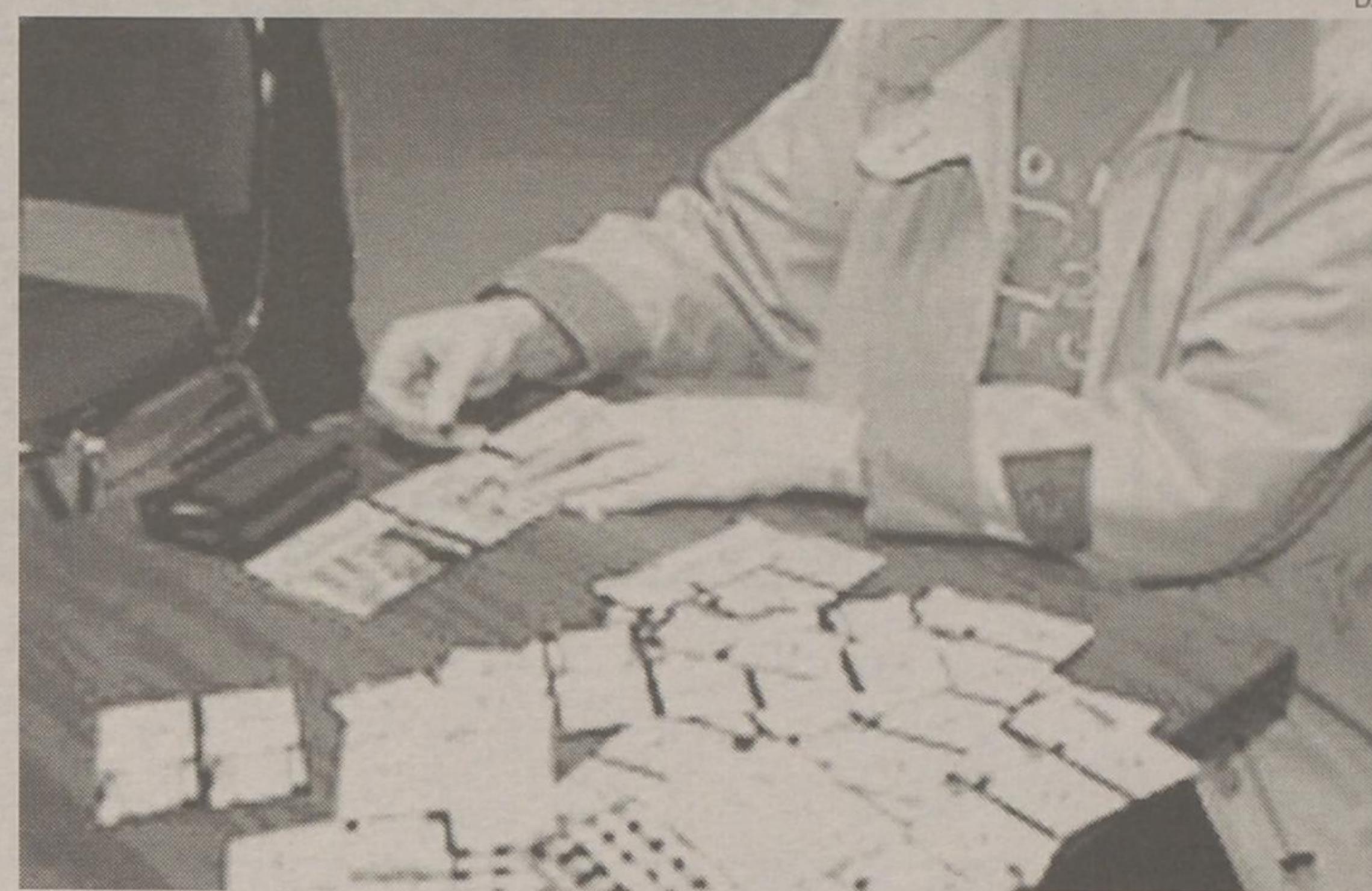
Bryan Lietz foi despedido e também acusado no condado de Otter Tail

por fraude na lotaria estatal. Foi libertado sob caução, e desde então já pagou uma parte da quantia em dívida.

Dick Palubicki, proprietário da bomba de gasolina onde Bryan Lietz trabalhava, afirmou que também ele não tem explicação para o facto de o seu empregado, que não tinha história de fraude ou roubo, ter raspado tantos bilhetes de lotaria. O mais estranho, no entanto, foi a carta de Lietz, considera Palubicki. "Talvez ele tenha tido um mau momento e só depois se tenha apercebido que fez asneira... não sei", disse o patrão.

Segundo Dick Palubicki, a polícia local e a queixa-crime, na madrugada em que Bryan Lietz esteve de serviço, entre as 23 horas e as 7 da manhã, vários clientes entraram na bomba de gasolina e compraram bilhetes de lotaria instantânea, tendo-os raspado. Depois os clientes terem saído, também Lietz começou a jogar às raspaldinhas, tendo ganho 700 dólares (mais de 550 euros). Tudo bem, não fosse o facto de Bryan não ter pago por nenhuma das raspaldinhas.

Antes de terminar o turno, Lietz escreveu um recado a Darlene Pfefferle, a gerente da loja, dizendo que tinha raspado bilhetes de lotaria sem pagar. "É isto que me mata. Não sou estúpido de todo, isso eu sei. Mas fí-lo na mesma. Eu sabia que era algo insanamente estúpido. Como podia não saber?", rezava o bilhete. Bryan Lietz



escreveu também que tencionava pagar à bomba tudo o que devia - 1400 dólares em bilhetes, mais 700 dólares em prémios que, segundo o tribunal, pertencem à loja. A terminar, Lietz escreveu que esperava que não recorressem aos tribunais, mas que compreendia os patrões se o fizessem.

Quando Pfefferle encontrou o bilhete de Lietz, chamou Palubicki e este chamou a polícia. Dentro de minutos o agente Michael Christopherson estava a dirigir-se para casa de Bryan Lietz, tendo este dito, quando se encontraram, "tenho uma coisa para si". Lietz deu ao agente uma saco cheio de bilhetes de lotaria raspados, "todos sem prémio", segundo Christopher-

son. De acordo com o agente Christopher, Lietz contou que quando o seu turno terminou, levou os 700 dólares de prémios e comprou raspaldinhas em "cinco ou seis estabelecimentos da cidade", na esperança de ganhar dinheiro suficiente para pagar a dívida à bomba de gasolina onde trabalhava. No entanto, "ele perdeu todo o dinheiro", disse o agente.

Palubicki pensa que tudo se tratou de "uma maluqueira momentânea". "Ele fez asneira, e acreditava realmente que ia ganhar dinheiro suficiente para pagar a dívida", afirmou. Dick Palubicki disse também que Lietz já entregou 1400 dólares no seu escritório, para pagar uma primeira parte da quantia em dívida.

A navegar se aprende

Em Edmonton, no Canadá, uma mãe lançou o alarme quando o filho, aluno da 4ª classe, revelou que no decorrer do último ano acedera a sites pornográficos nos computadores da escola

Segundo uma notícia do jornal Edmonton Sun, Noelle Radosh, a encarregada de educação de Zach, ficou alarmada quando o filho revelou que ele e os colegas utilizaram os computadores da escola para acederem a sites pornográficos. Zach, aluno de um estabelecimento de ensino católico de Grandin, contou à mãe que conseguia encontrar pornografia na Internet. No entender de Noelle Radosh, "é importante que toda a gente saiba o que se está a passar". A encarregada de educação de Zach prossegue, dizendo que "as crianças fazem isto sob supervisão, uma vez que há sempre um professor presente, por isso as crianças limitam-se a minimizar as janelas quando ele se aproxima".

Noelle Radosh informou de imediato o director da escola, Robert Martin, que tentou aceder a sites de conteúdo pornográfico no computador do seu gabinete, sem sucesso, porque o acesso foi negado. No entanto, mais tarde, Zach mostrou à mãe e ao director como conseguia consultar pá-

Darth Vader passeou pela cidade



A febre do Star Wars chegou à cidade. No dia da ante-estreia mundial do terceiro episódio da saga e sexto realizado por George Lucas, intitulado "Star Wars: Episódio III - A Vingança dos Sith", também em Coimbra houve gente a sair à rua vestida como Darth Vader. Na verdade, esta encarnação de um dos grandes vilões da história do cinema é um dos colaboradores d'A CABRA.

Um difícil acordar

Um homem cambojano, cansado do hábito que a esposa tinha de o acordar com puxões ao pénis e testículos, fartou-se e apertou-lhe o pescoço, segundo afirmou a polícia. O chefe da polícia da província de Kratie, Chhoub Chenda, afirmou que In Thoeun, de 38 anos, adormeceu depois de uma noite de copos. Quando a sua esposa, Touch Svet, de 29 anos, foi acordá-lo na dolorosa maneira habitual, In Thoeun perdeu a compostura e agarrou-a pelo pescoço, matando-a instantaneamente.

Chhoub Chenda disse que "ela o acordou desta maneira uma vez, mas ele não ficou acordado e tornou a adormecer na rua, à sombra de uma árvore. Então, ela tornou a acordá-lo, e ele perdeu a cabeça". Alegadamente, In Thoeun pendurou o corpo da esposa numa árvore, numa tentativa de fazer parecer que tinha sido um suicídio, mas a polícia tinha suspeitas e, subsequentemente, o homem admitiu o crime.

O chefe da polícia afirmou que In Thoeun "está muito arrependido. Eles tinham uma criança, mas ele não conseguia continuar a ser acordado daquela maneira". Thoeun está sujeito a uma pena de 20 anos de cadeia, por homicídio comprovado.

Mulher processa Yahoo!

Cecilia Barnes, de 48 anos, decidiu processar o Yahoo! em mais de 2 milhões e 300 mil euros, alegando que o portal não cumpriu a promessa de retirar da Internet fotos suas em que aparece nua. Na queixa apresentada, Cecilia afirma que um ex-namorado começou a publicar na Internet, sem autorização, informações pessoais suas e também fotos. Entre outras informações, foram publicados o endereço de e-mail pessoal de Cecilia, assim como o contacto telefónico do emprego.

No entanto, o antigo namorado não se ficou por aqui. De acordo com a queixa, o ex-namorado inscreveu-se em fóruns de discussão pública no Yahoo!, fazendo-se passar por Cecilia e dirigindo diversos homens para as informações que tinha publicado. Cecilia Barnes queixa-se que, devido às informações divulgadas na Internet, e também às conversas nos fóruns públicos, vários homens desconhecidos chegaram sem avisar ao seu emprego, na esperança de ter relações sexuais.

Cecilia enviou em Janeiro uma carta ao Yahoo!, na qual dizia que não tinha sido ela a divulgar as informações e que pretendia que as mesmas fossem removidas. A queixa dirigiu-se mais duas vezes à empresa, em Fevereiro e Março, mas não obteve resposta. Um portavoz do Yahoo! recusou tecer comentários ao caso.

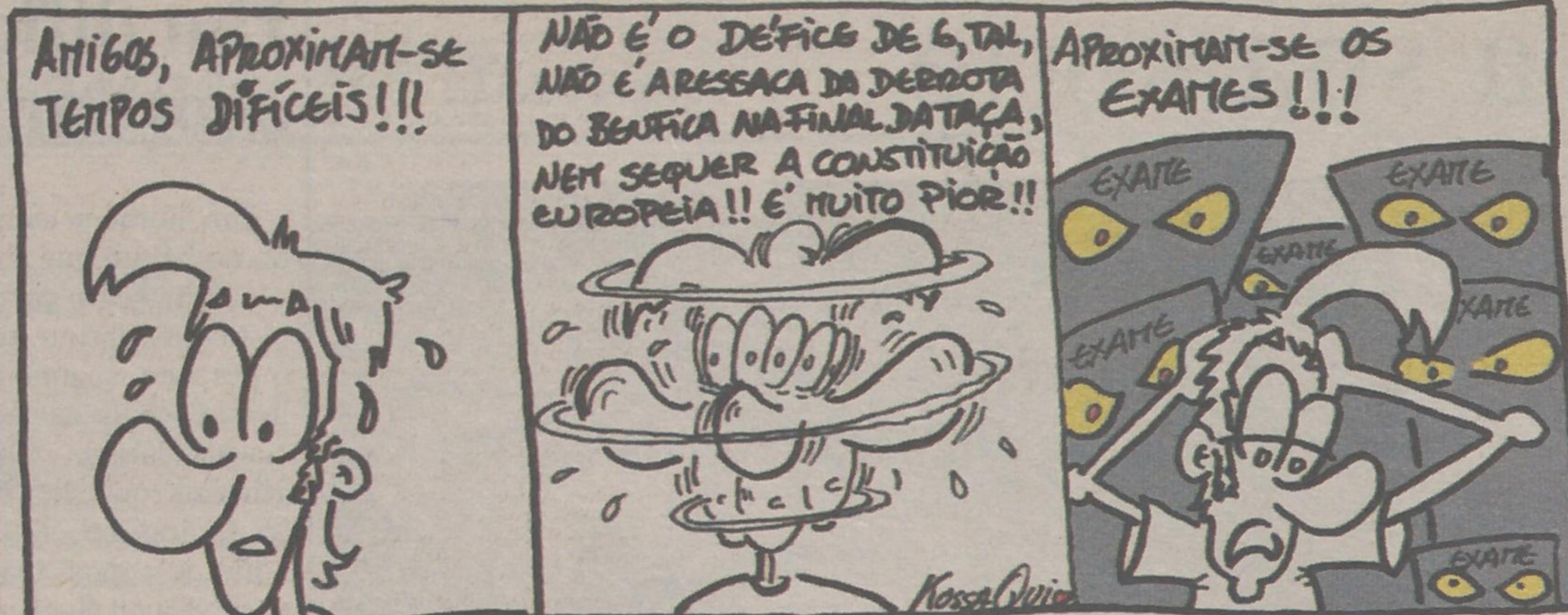
Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Tel: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: acabra@gmail.com

Concepção/Produção:
Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra

Mais informação disponível em:

acabranet
Jornal Universitário de Coimbra



PUBLICIDADE

Outros rumos...

Por José Manuel Camacho (texto) e Cláudio Vaz (fotografia)

outrosrumos.acabra.net

Figueira da Foz Ainda à mercê do Rei-Sol

Sábado à tarde, prelúdio para o Verão. A cidade que se tornou rampa de lançamento da carreira autárquica de Santana Lopes só mexe verdadeiramente na época balnear. É óbvio que durante o resto do ano existe programação porque a cidade tem as suas valências mas nada comparável na atracção em massa do público pelos 15 quilómetros de praia. Sinais óbvios da sazonalidade: o encerramento de bares com a respectiva colagem de papéis de jornal nos vidros durante mais de metade do ano porque não é rentável. Junto ao papel gasto dos matutinos, cola-se uma folha branca imaculada já a recrutar funcionários

para o tempo quente que se avizinha. Costume corriqueiro é o arrendamento de casas particulares, durante períodos de tempo balizados, com o respectivo aviso no vidro da janela. Um pensamento curioso que perpassa pela cabeça do vizinho e do viajante é saber se estes rendimentos são declarados às Finanças. Mas como se argumenta que é a classe alta quem mais foge aos impostos e que é por aí que se deve atacar para reduzir a cratera das contas públicas, é deixar a classe média trabalhar que ela é que é a mais sacrificada.

Negócio a tempo inteiro: na Rua Cândido dos Reis diversos artesãos vendem os colares e pendentes manufacturados. O negócio flui timidamente durante o dia e é só porque houve a "ponte" do feriado da quinta-feira. O rebuliço começa mais a partir das dez da noite, altura em que se sai para beber um copo pelos bares

circundantes. Bem pertinho é o Casino onde as máquinas do jogo só aceitam notas. Basicamente é ver o nosso crédito a desaparecer à medida que carregamos monotonamente o botão a tentar fazer linhas com frutinhas, garrafinhas, bolinhos da sorte chineses e sei lá mais o quê. Nem a sensação de controlo temos com a ausência da alavanca ao lado, como nas máquinas de Las Vegas.

Jogo mais à sério e puro é na praia, no sintético de futebol. Pelo meio, apanha-se um encontro de Vespas, alguma animação com malabarismos no parque de estacionamento. Rola a bola, que a praia está ventosa e fria. Comentários à Perestrelo não há, mas são muito vernáculos: "Remata dai, doutor Caga pa Dentro!". Susceptibilidade ferida. Resposta pronta: "Caga pa Dentro o ca...". Risota geral. Será que ele queria a vírgula antes do complemento?



Broadway no palco do teatro académico

Coimbra recebe "E Agora Sr. Feynman?", uma peça que envolve a arte e a ciência para retratar o ser humano

Sandra Camelo
Sara Simões

Estreia hoje no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) a peça "E Agora Sr. Feynman?". Produzido no âmbito do projecto Arte e Ciência no Palco, criado no Brasil em 1999, por Carlos Palma e Adriana Carui, a peça tem como objectivo investigar a relação da arte com a ciência.

O elenco é constituído por dois

actores brasileiros, Oswaldo Mendes e Monika Ploger, que encarnam o papel de um físico do Instituto de Tecnologia da Califórnia e uma ex-aluna do curso de Física, respectivamente.

Com texto de autoria do americano Peter Parnell, inspirado nos escritos de Richard Feynman e "Tuva or Bust" de Ralph Leighton, estreou-se na Broadway, em 2001, e fez temporada em Los Angeles. De título original "Q.E.D." (sigla em inglês para electrodinâmica quântica) passou a designar-se "E Agora Sr. Feynman?" aquando da adaptação feita por Oswaldo Mendes (o actor principal) e Sylvio Zilber para o público brasileiro, numa lógica de ligação da personagem com o Brasil, a qual teve uma enorme aceitação.

A peça inicia-se com o físico

Richard Feynman no seu escritório no Caltech, onde ensaia a sua participação, nessa noite, como actor e músico no musical "South Pacific", com o grupo de teatro da universidade. Doente de cancro em estado avançado é informado, pelo seu médico, da necessidade de fazer uma nova cirurgia no dia da sua palestra sobre "O Que Nós Sabemos", sendo esta a sua quarta e última cirurgia em apenas quatro anos. Assim entra numa dualidade existencialista: fazer ou não a operação, já que se encontra em estado irreversível.

A partir do momento em que toma conhecimento da intervenção médica a que vai ter de se submeter, recebe a visita inesperada de uma antiga aluna, Mirian Campo. Esta personagem feminina desempenhará um papel muito importan-

te nesta difícil etapa da sua vida.

Deste modo, sem perder o seu característico bom humor, Feynman inicia uma reflexão sobre a vida, sobre a ciência e sobre a paixão pela música, assim como pelas mulheres. Lembra também a sua participação na construção da bomba atómica durante a Segunda Guerra Mundial, uma fase partilhada com a sua esposa Aline que viria a falecer pouco tempo depois.

O lado humano entre a vida e a morte

Oswaldo Mendes, o actor principal, afirma que "apesar de esta ser uma peça com alguns termos técnicos, é perceptível a todo o tipo de público por se revelar fortemente o lado humano". Este aspecto pode ser considerado um dos pontos fulcrais para a distinguir

das outras peças teatrais.

Deste modo, a metáfora do cancro e da morte como mistérios não chega a funcionar dramaticamente e o resultado pode ser estimulante para quem não conhece ou apenas ouviu falar do nome de Feynman, explica o actor. Pretende-se que através do teatro e da sua capacidade de envolver, emocionar e provocar se traduza um sentir e um pensar sobre os conflitos éticos da ciência e ao mesmo tempo desesperar no seu público as consequências dos avanços constantes da ciência no quotidiano de cada um.

Esta é uma peça teatral que data do ano de 1986 mas que, sublinha Osvaldo Mendes, trata de um tema que se mantém bastante actualizado. Desta forma, consegue-se unir um pouco de veracidade a uma história ficcional.

A única T-shirt em forma de T é a da RUC e pode ser tua!

**Com esta t-shirt serás quem quiseres
em 5 tamanhos diferentes.**

Por apenas 5€, a Loja da Associação (r/c Edifício AAC) concretiza o teu sonho.



rádio universidade de coimbra
www.ruc.pt

107.9fm